



Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

PARA ALÉM DO SILÊNCIO DA GUERRA E DO TEMPO: EXPLORAÇÃO DA
EXPERIÊNCIA DA GUERRA COLONIAL PORTUGUESA 50 ANOS DEPOIS

PEDRO PRECIADO

Nº30404

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Professor de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção de grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2024

Dissertação de Mestrado realizada
sob a orientação de Professor
Doutor Victor Amorim Rodrigues
apresentada no ISPA – Instituto
Universitário para obtenção de
grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer ao Prof. Doutor Victor Amorim Rodrigues pela sua orientação e suporte por ele oferecidos para a realização deste trabalho, sem o qual não teria sido possível.

Aos meus pais, Maria del Carmen e João Pedro, pelo apoio e amor incondicional que me ofereceram ao longo de todos estes anos. Sem o suporte constante e a presença encorajadora de ambos, não consigo imaginar ter alcançado este ponto da minha vida. Tudo o que conquistei é, em grande parte, reflexo do exemplo que vocês me deram e da confiança que depositaram em mim. Palavras serão sempre insuficientes para expressar o quanto sou grato e o orgulho imenso que sinto por vos ter como pais.

À Inês, cujo amor foi fonte de inspiração e motivação para continuar. Á sua paciência e presença, que foram fonte de um conforto que se mostrou inestimável e, ao mesmo tempo, oportunidade de refletir e expandir as minhas próprias perspectivas e de crescer ao seu lado.

À Doutora Teresa Infante, pela sua disponibilidade e abertura em introduzir, explicar e debater comigo sobre a complexa realidade destes ex-combatentes. A sua generosidade na partilha de conhecimento, experiência e perspectiva foi fundamental e inspiradora, tendo sido desta forma, uma verdadeira precursora na ideação deste trabalho.

À Associação dos Deficientes das Forças Armadas pela sua assistência no desenvolvimento deste trabalho e pelo trabalho que continuam a fazer todos os dias na defesa dos direitos daqueles que continuam a sentir em corpo, mente e coração as cicatrizes da guerra.

E finalmente, mas com igual importância, gostaria de expressar minha mais sincera gratidão a todos os ex-combatentes que participaram neste trabalho. A coragem, confiança e sinceridade com que compartilharam comigo não apenas as memórias da guerra, mas também aspectos de suas vidas, foram verdadeiramente tocantes. A vocês, a minha profunda admiração pelos sacrifícios feitos e pela força que continuam a demonstrar, numa luta que persiste até hoje, ainda que sob outras formas.”

Resumo

Ao longo dos anos, muita da investigação feita sobre veteranos da "Guerra Colonial Portuguesa" focou-se principalmente na compreensão da sintomatologia do PSPT e outras questões de saúde relacionadas à guerra. Este estudo mudou a sua atenção para a exploração das dimensões subjetivas e existenciais da experiência traumática da Guerra Colonial Portuguesa e de como estas evoluíram ao longo dos anos para aqueles que nela participaram. Para este fim, um total de sete ex-combatentes foram recrutados e entrevistados sobre as suas experiências de guerra e vidas após a guerra. Estes dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas e analisados qualitativamente, utilizando a Análise Fenomenológica Interpretativa (IPA), incluindo alguns aspetos da Análise Narrativa (NA). Isto resultou na identificação de cinco temas principais, cada um contendo uma variedade de subtemas adjacentes: (1) O papel da coletividade portuguesa na preconcepção da guerra; (2) A transição para um "Ser na Guerra"; (3) A persistência deste "Ser na Guerra" na vida civil; (4) A Dualidade experiencial nas relações; (5) A retrospectiva 50 anos após o fim da guerra. Os resultados deste estudo proporcionaram uma compreensão mais subjetiva e profunda da experiência da Guerra Colonial Portuguesa. Estes insights podem revelar-se valiosos, não só na prática clínica, no que diz respeito a como abordar e apoiar estes veteranos no tratamento de questões de saúde relacionadas com a guerra, como PSPT, mas também numa perspetiva psicoeducativa, sensibilizando a comunidade clínica e o público em geral, promovendo assim uma visão mais compreensiva e empática das experiências destes veteranos.

***Palavras-chave:** estudo qualitativo, trauma de guerra, experiência de guerra, guerra colonial portuguesa, PSPT.*

Abstract

Over the years, much of the research done into veterans of the “Portuguese Colonial War” focused mainly on understanding PTSD symptomatology and other war-related health issues. This study shifted its attention to the exploration of the subjective and existential dimensions of the traumatic experience of the Portuguese Colonial War and how they evolved over the years for those who participated in it. To this end, a total of seven former combatants were recruited and interviewed about their war experiences and lives after the war. This data was collected through semi-structured interviews and analyzed qualitatively, through the use of Interpretive Phenomenological Analysis (IPA) including some aspects of Narrative Analysis (NA). This resulted in the identification of five main themes, each containing a variety of subthemes adjacent to them: (1) *The role of portuguese collectivity in the preconception of the war*; (2) *The transition to a “War Dasein”*; (3) *The persistence of this “War Dasein” in civilian life*; (4) *The experiential duality of relations*; (5) *The retrospective 50 years after the end of the war*. The findings of this study provided a more subjective and deeper understanding of the Portuguese Colonial War experience. These insights may prove valuable not only in the clinical practice regarding how to approach and support them in dealing war-related health issues these veterans, such as PTSD, but also from a psychoeducational standpoint, raising awareness within the clinical community and amongst the general public, thus fostering a more understanding and empathic view of these veterans’ experiences.

Keywords: *qualitative study, war trauma, war experience, portuguese colonial war, PTSD.*

Índice

Resumo.....	III
Abstract.....	IV
Introdução.....	1
Métodos.....	3
Procedimento de recolha de dados.....	3
Participantes.....	4
Teoria metodológica.....	4
Procedimento de análise de dados.....	5
Resultados.....	6
Categoria Temática Um: O Papel da coletividade portuguesa na pré-conceção da guerra..	6
Categoria Temática Dois: Transição para um “Ser na Guerra” (Dasein de Guerra).....	6
Categoria Temática Três: Persistência do “Dasein de Guerra” na vida civil.....	8
Categoria Temática Quatro: A Dualidade experiencial nas relações (A Percepção de “Nós e os Outros”).....	9
Categoria Temática Cinco: Retrospectiva 50 anos depois do fim da guerra.....	9
Discussão.....	10
Limitações.....	19
Conclusões e Reflexões.....	19
Propostas para Estudos Futuros.....	20
Referências.....	21
ANEXOS.....	28
ANEXO 1 - REVISÃO TEÓRICA.....	28
ANEXO 2 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO FORMAL.....	39
ANEXO 3 - GUIÃO DE APOIO DE ENTREVISTA.....	39
ANEXO 4 - CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E CARREIRA MILITAR.....	42
ANEXO 5 – TABELAS DAS TEMÁTICAS E SUBTEMÁTICAS (TRANSCRIÇÕES).....	43

Introdução

Laplanche e Pontalis (1990) definem o conceito de trauma como *“um evento na vida do indivíduo, definido pela sua intensidade, pela incapacidade do indivíduo em responder de forma adequada, pela desordem e pelos efeitos patogénicos duradouros que causa na organização psíquica. Em termos económicos, o trauma é caracterizado por um afluxo de excitações que é excessivo, em relação à tolerância do indivíduo e à sua capacidade de dominar e elaborar psiquicamente estas excitações.”* A experiência de trauma pode levar a uma variedade de sintomatologias e problemáticas, nomeadamente a Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT) (APA, 2014). No entanto, merece menção que a vivência de um evento traumático não garante o desenvolvimento de trauma psicológico. A suscetibilidade e expressão do transtorno psicológico relacionado ao trauma (nas suas diversas formas) é regida por um conjunto complexo – e ainda não totalmente compreendido – de fatores externos e internos ao sujeito (Bonanno & Mancini, 2012). O trauma de guerra refere-se aos efeitos psicológicos e emocionais, como ansiedade, depressão e PSPT, resultantes da exposição direta e/ou envolvimento num cenário de guerra (APA, 2014). Quando comparado com outros tipos de trauma, o trauma de guerra está frequentemente associado a maiores níveis de mal estar psicológico e emocional, estando portanto relacionado a uma maior probabilidade de desenvolver um quadro de PSPT (Aldridge et al., 2020). A criação do diagnóstico de PSPT (APA, 1980), resultado de vários estudos realizados com veteranos norte-americanos da Guerra do Vietname, levou a uma renovação no interesse por parte do mundo académico nesta área de investigação, que teve o seu início no século XX (Jones & Wessely, 2007). Atualmente, esta área de investigação permanece relevante e em crescimento, devido a novas descobertas que incluem a relação entre o corpo e a mente, intrinsecamente ligados à história vivida pelo sujeito e às consequências a nível físico, psicológico e até existencial resultantes da mesma (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006). No entanto, a investigação sobre a experiência traumática de guerra na população portuguesa – com a sua população dos ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa – continua a ser um tema relativamente inexplorado (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006), apesar de Albuquerque & Lopes (1997), terem estimado que cerca de 14% (140.000) destes ex-combatentes portugueses poderiam ser diagnosticados com PSPT. Estudos posteriores sugeriram valores mais altos de sintomatologia de PSPT e/ou outros transtornos psicológicos em ex-combatentes portugueses, como foram os valores sugeridos por Maia et al. (2006) - 39%, Pedras & Pereira (2007) - 43% e Pereira et al. (2010) - 39,5%.

Mesmo após 50 anos desde o rescaldo da guerra, o interesse da investigação portuguesa em explorar o impacto físico e psicológico da experiência de combate nesta população mostraram-se escassos, especialmente quando comparados com os avanços resultantes do estudo de veteranos da guerra do Vietname, contemporâneos dos ex-combatentes da Guerra Colonial, cujos avanços culminaram numa mudança de paradigma neste campo de investigação (Pereira et al., 2010). Assim sendo, a investigação portuguesa tendeu a ser focar na exploração da dimensão patológica do trauma, como factor de stress patogénico e patológico, seja a nível biológico ou psíquico focado na explicação e tratamento da sintomatologia de stress resultante do trauma, acabando por não dar tanta ênfase à exploração e compreensão da experiência de guerra em si (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006). Vários foram os autores da literatura, como são exemplo António Lobo Antunes (1979; 1979; 2017), João de Melo (1984/2017) e Mário Cláudio (1984/1992), que ao longo dos anos abordaram a experiência da Guerra Colonial Portuguesa nas suas obras, oferecendo através das mesmas as diversas perspectivas sobre este evento marcante da história portuguesa, e do seu reflexo da realidade portuguesa atual, seja esta a nível individual ou coletivo (Rommel & Sparenberger, 2017 ; von Pfeil Rommel, 2022). Estas narrativas, apesar da sua riqueza e complexidade na forma como abordam várias dimensões subjetivas sobre a experiência traumática da guerra dos ex-combatentes e do seu impacto nos seus trajetos de vida, não foram analisadas e discutidas desde uma perspetiva clínica dentro do campo da psicologia.

A psicologia existencial percebe o trauma como uma potencial “ferida” a nível tanto existencial como sociológico (Thomson & Walsh, 2010). Desta forma, o fenómeno do trauma é entendido como uma parte inevitável da experiência humana do mundo vivido (Thomson & Walsh, 2010; Reuther, 2017). A teoria existencial enfatiza a subjetividade interpessoal e a “experiência em si mesma”, assim sendo faz uso de uma lente fenomenológica, de forma a compreender a natureza da experiência traumática como fenómeno. O campo da fenomenologia do trauma visa estudar e explorar a experiência vivida do trauma psicológico na tentativa de compreender como a vivência de um evento traumático se relaciona com o desenvolvimento de patologias (Wilde, 2022).

O presente estudo teve como objetivo explorar a experiência traumática da guerra colonial portuguesa e analisar o seu significado atribuído por aqueles que nela estiveram envolvidos agora e há 50 anos, através de uma perspetiva existencial fenomenológica. Foi através desta abordagem que foi possível explorar e analisar em maior detalhe os diferentes

aspectos associados às experiências subjetivas de guerra destes veteranos, de forma a melhor compreender como esta experiência traumática foi experienciada e o seu impacto na identidade destes veteranos e da sua forma de estar no mundo.

Métodos

Procedimento de recolha de dados

Após uma exploração da literatura sobre esta temática, de modo a apurar a perspectiva do campo da psicologia sobre o impacto da experiência de guerra nas vidas dos ex-combatentes portugueses da guerra colonial portuguesa, observou-se uma lacuna no que toca a uma compreensão e exploração da realidade desta população através de uma lente existencial e fenomenológica. Como tal, desenvolveu-se o presente estudo, de modo a preencher esta ausência. A construção de um guião com as temáticas alvo foi construído com base na experiência adquirida através do contacto e interação com vários ex-combatentes, em contexto de estágio académico na mesma instituição na qual foi feita a recolha dos participantes e as entrevistas.

O recrutamento dos participantes por meio de uma amostragem “seletiva”, com a colaboração da *A.D.F.A.* uma associação destinada ao apoio e acompanhamento de ex-combatentes, de forma a assegurar que os relatos e insights recolhidos vão ao encontro do fenómeno alvo deste estudo. Uma vez feita a seleção dos participantes, tendo em consideração os critérios de seleção, foi estabelecido o contacto com o potencial candidato através da *A.D.F.A.*, que serviu de intermediário no contacto inicial entre os potenciais candidatos interessados e o investigador, providenciando também um local de encontro e os meios físicos para a recolha dos dados. Tanto a proposta de participação no estudo, como o estabelecimento de uma data de encontro presencial em função da disponibilidade do participante, foram tidos em conta nesta interação. Antes de dar início à entrevista propriamente dita, o investigador forneceu ao participante uma explicação mais detalhada acerca deste estudo, bem como os seus objetivos. Apenas após a discussão destes aspetos é que se passou à assinatura do documento de consentimento informado.

As entrevistas tiveram na sua maioria a duração de 60-75 minutos, podendo ser mais prolongada com base no ritmo da entrevista e na relevância dos relatos e *insights* presentes. Estas entrevistas foram gravadas num dispositivo de áudio, visando a compilação e

preservação dos dados para posterior análise, como previamente estipulado no consentimento informado.

Participantes

Entre março e julho de 2024 foram entrevistados 7 homens portugueses de idades compreendidas entre os 70 e 80 anos. Como critérios de inclusão, foi tido em conta que todos os candidatos fossem ex-combatentes portugueses da guerra colonial portuguesa, tendo estado envolvidos diretamente no conflito. Para além disso, outro critério seria a existência de relatos por parte dos participantes de exposição a um ou vários eventos e/ou situações consideradas “traumáticas” no decorrer do seu serviço militar obrigatório neste período. A assinatura do consentimento informado para a participação neste estudo realizou-se apenas após a confirmação destes critérios de inclusão. A presença de perturbações de ordem psicológica ou deficiência física não foi considerada como critérios de exclusão, desde que não se mostrassem como potencial obstáculo à aquisição dos dados pertinentes ao estudo. Em alguns casos, esta questão foi oportuna para explorar variações específicas na experiência do fenómeno, assegurando sempre que não comprometeria a qualidade dos dados a ser analisados.

Teoria metodológica

Para a realização desta investigação, optou-se por se utilizar uma abordagem de análise qualitativa denominada IPA (*Interpretative Phenomenological Analysis*). Os dados analisados foram recolhidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, de forma a abordar um conjunto de tópicos pré-determinados. Este método foi considerado a metodologia mais adequada para a realização deste estudo, tanto na recolha de dados como no método de análise, uma vez que se trata de um método qualitativo que permite e se centra na compreensão da experiência incorporada do sujeito individual e dos seus significados (Langdrige, 2007).

A natureza das entrevistas no âmbito deste método tende a ser do tipo semi-estruturado, recorrendo normalmente a um guião que contém o tópico principal que o investigador pretende abordar e discutir. Desta forma, permite que os temas visados pelo

investigador sejam explorados com algum grau de flexibilidade, sem deixar de ser capaz de extrair descrições detalhadas das experiências dos sujeitos. Embora este método de análise vise uma compreensão mais profunda das experiências do sujeito, uma vez que o seu ponto central de foco é o do fenómeno em si mesmo e como ele se apresenta (Tuffour, 2017), a inclusão de certos elementos tipicamente presentes na *Narrative Analysis* (NA), à semelhança de Kimberley & Haaga-Helia (2022), foi considerada necessária para melhor compreender certos aspectos das experiências de guerra destes veteranos e os seus significados. Esta decisão foi tomada devido à conclusão de que as experiências destes sujeitos sobre o fenómeno da guerra estavam profundamente enraizadas num contexto histórico-cultural. Contexto esse cujo paradigma foi objeto de uma mudança radical precisamente devido ao rescaldo da guerra (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006; Quintais, 2000). Assim, a compreensão e a exploração destes aspectos nas experiências dos sujeitos foi também considerada relevante para permitir uma análise mais rica e profunda dos significados criados pelos veteranos e das repercussões dessas experiências nas suas vidas, através do uso da narrativa, da linguagem e da metáfora, de modo a explorar a forma como as pessoas dão sentido à sua experiência da realidade. Além disso, a utilização destes elementos das *NA* teve também como objetivo abordar melhor os aspectos da Temporalidade, da Sociabilidade e do Lugar na sua experiência do mundo e da sua perspetiva narrativa (Kimberley & Haaga-Helia, 2022).

Procedimento de análise de dados

Na análise dos dados recolhidos, o uso de uma metodologia qualitativa IPA em combinação com elementos da *NA*, como os descritos por Kimberley & Haaga-Helia (2022), permitiu uma análise em detalhe da experiência, tendo em perspetiva também a forma como determinados elementos do contexto externo influenciaram e moldaram a experiência dos entrevistados. O início do processo de análise dos dados recolhidos começou pela transcrição *ad verbatim* das entrevistas gravadas, seguida da leitura e releitura das entrevistas. Tal teve como finalidade desenvolver e aprimorar uma compreensão mais profunda da experiência relatada pelo entrevistado. Ao longo deste processo, foram assinalados no texto trechos associados a potenciais temáticas emergentes na narrativa, acompanhadas de comentários em relação ao significado dos mesmos. Neste processo, o uso da narrativa, da linguagem e de metáforas por parte dos entrevistados foram incluídos, procurando desta forma o acesso a

aspectos como a temporalidade, sociabilidade e lugar na experiência de vida e na sua perspectiva da própria narrativa de vida. Com base nos apontamentos iniciais, procedeu-se à identificação de temas emergentes na narrativa, temas estes que refletem os elementos essenciais da experiência dos participantes, desta forma oferecendo perspectiva sobre como cada um deles fez sentido das suas experiências de guerra e do seu impacto subsequente nas suas vidas. Estes temas emergentes foram então agrupados, com base nos seus significados e ligação temática entre eles, sob a forma de categoria, de forma a identificar relações entre estes temas e a formular uma análise que vá ao encontro da experiência transmitida. Estas categorias foram então organizadas numa estrutura temática, na qual se visou representar as ligações entre temas e os seus subtemas. A criação desta “estrutura” serviu como base para a construção da narrativa interpretativa e a forma como estes diferentes elementos se relacionam e interagem entre si. Estes resultados foram compilados e acompanhados de trechos das várias entrevistas representativas das temáticas em questão. Tendo em conta a natureza interpretativa deste método de análise qualitativo, o seu processo mostrou-se, apesar da sua morosidade, adequado na captura e análise da experiência dos entrevistados.

Resultados

Após a análise dos relatos das entrevistas, pôde-se observar a presença de cinco temáticas principais. Adicionalmente, dentro de cada uma destas temáticas, encontraram-se várias subtemáticas que forneceram um maior *insight* acerca da experiência de guerra e do seu impacto nas vidas dos participantes. As temáticas foram as seguintes: (1) O papel da coletividade portuguesa na pré-conceção da guerra; (2) A transição para um “Ser na Guerra” (*Dasein* de Guerra) ; (3) A persistência deste “Ser na Guerra” na vida civil; (4) A Dualidade experiencial nas relações (A Perceção de “Nós e os Outros”); (5) A retrospectiva 50 anos depois do fim da guerra.

Categoria Temática Um: O Papel da coletividade portuguesa na pré-conceção da guerra.

Relativamente ao período pré-guerra, todos os ex-combatentes relatam que, apesar do receio e diferentes posições sobre a guerra, este envolvimento foi fruto de uma obrigatoriedade por parte do contexto sociopolítico em que se encontravam. É mencionado também o peso da dimensão histórico-cultural na forma como a identidade destes jovens se

moldou à ideia do que na altura implicava “ser português”, e o que era esperado de tal. A informação que estes jovens possuíam sobre a guerra foi considerada importante na percepção e no eventual envolvimento neste fenómeno, como também, na atitude perante o mesmo.

Categoria Temática Dois: Transição para um “Ser na Guerra” (Dasein de Guerra)

Os entrevistados relatam como o ambiente de guerra, para o qual foram lançados, esteve por detrás de mudanças drásticas nas suas formas de ser, estar e perceber a realidade que os envolvia, especificamente no contexto de guerra. Esta nova forma de ser expressou-se no seu funcionamento emocional, no qual houve uma necessidade de suprimir a expressão de determinadas emoções negativas como o medo perante a morte, a ansiedade frente ao perigo, a mágoa, a tristeza, a revolta, entre outras. Esta capacidade de trabalhar sob stress, não só foi sentida pelos entrevistados como necessária à sua sobrevivência no ambiente de guerra, como também foi perpetuado no contexto de guerra através da própria cultura militar e da sociedade portuguesa pela qual estavam a lutar. Os participantes destacaram a falta de recursos e infraestruturas durante o serviço militar, o que os levou a desenvolver capacidades de adaptação e improvisação frente à adversidade e escassez. É possível também ver através destes relatos como as suas ações e forma de pensar passaram a ter como foco a eficiência no cumprimento da tarefa e/ou missão atribuída, fazendo uso dos recursos e meios disponíveis para resolução de problemas e melhorar tanto a qualidade de vida quanto o bem-estar mental durante o tempo de guerra, por iniciativa própria. Esta nova forma de ser expressou-se também na dimensão relacional e social, também esta foi sujeita a uma reconfiguração de forma a se ajustar ao contexto de guerra. O fenómeno da guerra não foi experienciado de uma forma isolada por estes soldados, tendo sido uma experiência intrinsecamente coletiva marcada pelos sentimentos de camaradagem, amizade e apoio. Esta forma de relação entre soldados, específico de um contexto de guerra, é descrito como estando ligado à partilha e apoio mútuo nas mesmas experiências de guerra, o que fortaleceu os laços de solidariedade e criou uma identidade coletiva entre os soldados, onde o bem-estar da unidade era visto como uma extensão do bem-estar individual. Esta forma de convivência podia-se estender, por vezes, a outros grupos como aos próprios nativos ou até aos inimigos, que partilhavam com os soldados portugueses muitas das adversidades presentes neste

contexto de guerra. No entanto, esta “empatia” era frágil, e portanto, facilmente quebrada pela tensão da guerra e pela dor da perda.

A exposição prolongada ao contexto de guerra, caracterizada pelo constante estado de alerta, desgaste emocional e frequente exposição a eventos traumáticos não resolvidos, demonstrou ter um efeito "corrosivo" a nível psicológico. Muitos entrevistados relataram que esse desgaste psicológico teve uma natureza cumulativa e persiste até aos dias de hoje. Foi também possível observar, através dos relatos dos entrevistados relativamente ao seu dia-a-dia durante o serviço, um sentimento de alienação resultante do efeito combinado da saudade da família e do isolamento sentidos pelos que relatam terem sido destacados para a linha da frente. Aliado a este sentimento, está também presente a distorção na percepção da passagem do tempo, em que a monotonia e a rotina acabaram por “emulsificar” a própria noção de tempo durante esses períodos.

Categoria Temática Três: Persistência do “Dasein de Guerra” na vida civil.

Após o retorno da guerra e cumprido o serviço militar obrigatório, a transição para a vida civil foi percebida como um aspecto importante nas suas vidas dos entrevistados. Apesar de todos expressarem e descreverem o retorno a casa como alívio e alegria, é também expresso um sentimento de desambientação e de dificuldade na transição para a vida civil. Aqui comentaram como determinados aspectos do seu registo de guerra persistiram para além do contexto de combate. Estes "resíduos", que no ambiente de guerra eram vistos como naturais e esperados, tornam-se agora elementos desorganizantes nas suas vidas.

Relativamente à transição dos ex-combatentes de volta para a vida civil, esta foi marcada por um padrão de “corte com o passado” e um foco na “perseguição do futuro”. Ao investirem-se nas suas rotinas, trabalhos, projetos de vida e relacionamentos no pós-guerra, procuraram reconstruir as suas identidades e encontrar um novo sentido de normalidade através do envolvimento na vida quotidiana como um meio de superar o impacto emocional e psicológico deixado pelo conflito. No entanto, tal nem sempre se mostrou possível ou mesmo o seu efeito duradouro. Apesar de durante a guerra terem feito várias amizades que prevalecem até aos dias de hoje, e do desejo de retornar às suas vidas prévias, e para as suas famílias, parceiras e/ou amigos no pós-guerra, este retorno mostrou-se complexo e atribulado. Muitos entrevistados relatam e encaram a experiência de guerra como uma força disruptiva

nas suas formas de estar, de pensar ou de sentir dentro das relações no pós-guerra. É recorrente em todos os relatos um sentimento de “não-pertença” com os outros e por vezes de incompreensão por parte destes, resultando muitas vezes em conflitos ou num distanciamento nas relações.

Foi na vida laboral onde muitos destes ex-combatentes encontraram uma "âncora" no pós-guerra, oferecendo-lhes também refúgio das memórias traumáticas e uma sensação de validação e pertença. No entanto, a reforma mostrou-se uma etapa crítica, pois trouxe a perda dessa estrutura. Muitos relataram um agravamento das suas problemáticas emocionais com a chegada da aposentadoria, em que o tempo livre aumentou a reflexão sobre as experiências passadas, reavivando as memórias da guerra. Além disso, o confronto com a finitude e o início da terceira idade geraram sentimentos de vulnerabilidade e desvalorização do auto-conceito.

Categoria Temática Quatro: A Dualidade experiencial nas relações (A Percepção de “Nós e os Outros”).

Um aspecto ainda relacionado à dimensão relacional e social, mas merecedora de uma compreensão adicional como temática individual, foi como a experiência de guerra moldou ver a forma de ver e compreender a realidade destes ex-combatentes, forma esta que mostra-se partilhada entre eles. Tal resultou numa visão das relações com os outros clivada, onde a relação com os outros e o sentimento de pertença e compreensão são determinados pela partilha desses mesmos “horizontes da experiência”, criando assim uma existência dicotómica na relação com os outros ("nós e os outros"). Aqui foi possível observar como a partilha da mesma experiência de guerra está por detrás da criação de horizontes experimentais compatíveis entre os envolvidos, gerando um sentimento de ressonância e pertença entre estes. No entanto, estes mesmos horizontes também são responsáveis pelos sentimentos de desconexão e isolamento nas relações com quem não os compartilha. Assim sendo, os ex-combatentes, frequentemente procuram evitar ou omitir as suas experiências e sentimentos, o que intensifica tanto o seu isolamento como a dissonância mútua na compreensão da sua realidade pelos outros, perpetuando o seu sofrimento, muitas vezes desconhecido por si mesmos mas presente na relação com outros ex-combatentes cuja experiência seja similar.

Categoria Temática Cinco: Retrospectiva 50 anos depois do fim da guerra.

Os ex-combatentes relatam como carregaram, durante os mais de 50 anos que transcorreram desde o fim da guerra, a memória da guerra e como estas “cicatrices” não só persistiram como também moldaram as suas vidas. Através da retrospectiva como processo de revisão e reflexão, foi possível observar os diferentes aspetos em que a experiência de guerra foi sentida como tendo influência na sua forma de ver o mundo, os outros e a si próprios até aos dias de hoje. Primeiramente é possível observar que após o retorno da guerra, estes ex-combatentes percebem esta experiência como prejudicial, e apesar das tentativas de “cortar” com esse episódio das suas vidas, todos eventualmente acabaram por se confrontar de novo com a memória da guerra, especialmente em momentos de fragilidade. Esse confronto levou a uma reflexão autêntica sobre o impacto da guerra nas suas vidas, buscando atribuir sentido à experiência. Embora a guerra continue a evocar mágoa e questionamento sobre a sua moralidade e sofrimento, também é vista como um momento de aprendizagem, amadurecimento e orgulho pelo dever cumprido. Adicionalmente, muitos entrevistados expressam uma sensação de abandono e incompreensão por parte da sociedade portuguesa, a qual sentem que não reconhece o seu sofrimento, dando lugar a sentimentos de invalidação, revolta e resignação.

Atualmente, estes veteranos apoiam-se nos diversos aspetos das suas vidas como fontes de significados atuais, entre estes os mais frequentes: o cuidado pela relação familiar (netos, filhos) e pela saúde, o desejo de usufruir do presente momento de forma tranquila e rotineira, aliado à aversão a confusões. No entanto, o panorama da guerra moderna, e a sua evolução ao longo das décadas, em termos de potencial, escala de conflito e disseminação de informação, ao ser comparado com o paradigma de guerra dos ex-combatentes, evoca nestes sentimentos de angústia e ansiedade. Isto na medida em que revive as suas próprias memórias de guerra, e relembra que este aspeto do mundo não só prevaleceu no tempo, como também “cresceu”. A experiência de guerra teve influência na forma como estes ex-combatentes encaram a realidade da morte e sua inevitabilidade. Embora muitos tenham reprimido esse aspecto, esta realidade reemerge agora que transacionam para a terceira idade. Observou-se em dois ex-combatentes uma perspectiva particular, vendo a morte como uma "solução final" para o problema da memória da guerra colonial na cultura portuguesa. Foi também observado

em alguns entrevistados uma tentativa de “transmitir” determinados elementos da sua experiência para outras gerações.

Discussão

Este trabalho permitiu comprovar como a experiência da guerra se manifestou nas várias dimensões de vida dos participantes de maneira única e pessoal, evidenciando desta forma a natureza subjetiva desta experiência. Apesar desta variedade de contextos no espaço e no tempo, foi também possível identificar um padrão comum recorrente nas experiências de todos os ex-combatentes entrevistados. Tanto estes padrões comuns como estas divergências na experiência são meritorias de reflexão e discussão mais aprofundadas. A compreensão da experiência de guerra destes ex-combatentes exigiu um conhecimento mais profundo do seu contexto pré-guerra, de modo melhor compreender o contexto social e cultural que moldaram as atitudes e percepções da guerra, e a forma como as memórias de guerra foram integradas nas suas vidas. Relativamente a este tópico, foram identificadas duas dimensões-chave que podem ser explicadas através da teoria e terminologia fenomenológica proposta por Martin Heidegger (1927/2009) na sua obra “*Sein und Zeit*” (*Ser e Tempo*): o *Das Mann* (O Impessoal) e o *Geworfenheit* (*O Ser-Lançado*). Através dos relatos dos participantes da sociedade e da cultura portuguesa durante a sua juventude, tornou-se evidente que cresceram “imersos” no contexto do Estado Novo português. Nele, várias esferas da sociedade e cultura, como a arte, o cinema e a educação estavam imbuídas por uma “*Narrativa Dominante*” (Castelo, 1998; Cunha, 2003; Matos, 2009). O conceito de *Das Mann* é aqui particularmente relevante, pois vai ao encontro de como a socialização desta geração moldou a sua perceção da Guerra Colonial Portuguesa e a sua eventual participação na mesma. Aqui, a perspectiva hermenêutica de Gadamer (1960/2003) permite refletir sobre como a realidade destes jovens foi moldada pelos horizontes culturais e históricos estabelecidos na época. Esta convergência entre os seus horizontes pessoais e a cultura envolvente criaram um espaço comum, espaço este no qual se baseou a compreensão da realidade e a formação de sentido. Esta narrativa, formulada pelo Estado Novo, procurava controlar a informação do público sobre a realidade da guerra e promover vários valores nacionais como o patriotismo, o serviço militar, a visão das colónias como território nacional e a exaltação do passado colonial português (Castelo, 1998; Cunha, 2003; Matos, 2009). Aspetos estes que foram rigidamente impostos pela autoridade, desta forma “condicionando” a população a uma mentalidade colectiva onde a

individualidade era “diluída” e o pensamento crítico suprimido (Cardina, 2023; Rosas, 2001). Esta mentalidade colectiva alinha-se com o conceito de *Das Mann*, de Heidegger, na forma como a maneira como estes jovens foram socializados moldou como encararam a realidade da guerra. Esta forma de “Ser-no-Mundo”, em que a guerra era um elemento da compreensão da realidade, era portanto vista por estes jovens como inevitável, em que o serviço militar e a potencial participação na guerra eram aspectos intrínsecos da identidade nacional portuguesa (Rosas, 2001). É desta forma que, no leito desta mentalidade colectiva, onde as expectativas sociais prevaleciam sobre a reflexão individual, um Dasein inautêntico foi adquirido, em que os indivíduos se conformaram com as suas circunstâncias, independentemente da sua escolha ou crenças pessoais. Independentemente da sua posição pessoal, todos os participantes viram o seu envolvimento na guerra mais como uma imposição social do que como uma escolha. Isto alinha-se também com o conceito de Heidegger (2009) de “*Geworfenheit*” (*Ser-Lançado*), uma vez que estes jovens, moldados pela retórica patriótica e colonial do Estado Novo, acabaram por ser “lançados” para a realidade da guerra (Castelo, 1998; Matos, 2006; Rosas, 2001). Esta noção do “ser lançado” parte do facto de estes soldados terem sido criados num contexto que restringia a concepção de perspectivas alternativas para além do “*status quo*” pré-estabelecido, sendo a maioria destes soldados oriunda de meios rurais, com pouca formação técnica ou educacional, que eram comandados de forma informal e afectiva (Gomes & Afonso, 2009). Assim sendo, pode afirmar-se que o seu envolvimento na guerra era visto como parte da sua identidade como “portugueses”, refletindo assim outro aspecto do *Geworfenheit*.

Uma vez inseridos no contexto da Guerra Colonial Portuguesa, surgiu a segunda temática: a interiorização de um modo específico de funcionamento e de perceção da realidade no contexto da guerra. Estes soldados enfrentaram a dura realidade da guerra - diferente do que esperavam - marcada pelo medo, morte, isolamento, sofrimento e trauma (Yalom, 1980/2020). Esta forma distinta de “ser e estar” no ambiente de guerra foi assim designada por “War Dasein”, uma vez que se manifestou de várias formas através na sua experiência de guerra. Os entrevistados comentaram a tendência para suprimir emoções como a raiva, o medo e a tristeza em resposta aos riscos e adversidades da guerra. Esta reconfiguração da expressão emocional reflecte um aspeto do “War Dasein”, em que os soldados adotaram uma Facticidade (Heidegger, 2009) típica da guerra, tentando negar a sua própria mortalidade (*Sein-zum-Tode*). Esta nova facticidade da guerra, embora possa parecer “inautêntica”, foi considerada por estes soldados como uma resposta necessária e adaptativa

aos perigos da guerra, uma vez que a expressão de tais emoções era considerada desadaptativa e até mesmo contraprodutiva a um funcionamento eficaz em situações de risco e para a moral do grupo no cumprimento do dever militar.

Outra mudança observada nesta Facticidade foi o desenvolvimento da capacidade de improviso e de adaptação às condições adversas e face à escassez de recursos e infraestrutura (Gomes & Afonso, 2009). A aquisição deste “Pragmatismo de Guerra” permitiu compreender a forma como estes soldados enfrentaram ativamente a sua realidade para sobreviver aos desafios diários. Também se observou a forma como a sua forma de pensar e agir passaram a estar orientadas para a realização de tarefas da forma mais eficiente possível, fazendo uso dos recursos disponíveis para solucionar problemas e melhorar a sua qualidade de vida e bem-estar mental, reflectindo o conceito de “*Sorge*” (*Cuidado*) de Heidegger. Alguns entrevistados enfatizaram o papel da juventude e do vigor físico como factores de resiliência na experiência de guerra, o que se alinha com o conceito de “*Corps Vécu*” (*Corpo Vivido*) de Merleau-Ponty (1945/1994), em que o próprio corpo é simultaneamente conduto e elemento da experiência em si, neste caso a da guerra. Adicionalmente, foi também possível observar como a presença e influência do *Das Mann* persistiram no contexto da guerra, através de certos elementos da cultura militar (Meyer & Wynn, 2015), e do ambiente de guerra em que a narrativa colonial era mostrada mais fisicamente (Matos, 2009), fomentando assim um *Dasein* orientado para a guerra nestes soldados.

A experiência da guerra não foi percebida de uma forma “isolada”, tendo sido uma experiência inerentemente colectiva para estes soldados, alinhando-se assim com o conceito de “*Mitsein*” (*Ser-com-os-Outros*) de Heidegger. Aqui, a camaradagem e a amizade, aludindo à ideia de *Sorge* (*Cuidado*), constituíram este *Mitsein* no contexto da guerra, em que a experiência partilhada da adversidade fomentou fortes laços de solidariedade e apoio mútuo (Gomes & Afonso, 2009). A natureza relacional desta experiência foi também responsável pela criação de uma identidade partilhada enquanto soldados, em que o bem-estar da unidade era uma extensão do bem estar próprio, à semelhança da concepção de Merleau-Ponty (1945/1994) do *Mitsein* como elemento essencial para a compreensão da realidade. Este *Mitsein* podia estender-se aos nativos ou mesmo ao inimigo, que enfrentavam dificuldades semelhantes. No entanto, essa “empatia” mostrava-se frágil, na qual a tensão da guerra e episódios de perda e dor poderiam facilmente quebrar estas ligações com estes grupos. A exposição prolongada ao contexto de guerra, caracterizado por um constante estado de prontidão, exaustão emocional e traumas não resolvidos, teve um efeito “corrosivo” na saúde

mental e percepção da realidade destes soldados que persiste até aos dias de hoje. Este processo gradual - e, mais importante, cumulativo - alterou os seus “horizontes experienciais” (Stolorow, 2007), uma vez que resultou numa erosão e eventual fragmentação da sua experiência vivida (*Dasein*). Esta ruptura existencial alterou o seu sentido de realidade e identidade, resultando em sentimentos de alienação e isolamento (Hoffman, Cleare-Hoffman & Vallejos, 2013). Adicionalmente, a monotonia e as saudades sentidas também tiveram peso nesta corrosão do *Dasein*, uma vez que resultaram numa distorção da percepção de tempo destes ex-combatentes neste período das suas vidas, muitas vezes retratado como “emulsionado”, e alterando a forma como estes sujeitos percebem a sua experiência vivida e a sua história, alinhando com o conceito de Heidegger (2009) de “Decadência” (*Verfallen*), intensificando ainda mais os seus sentimentos de alienação.

O regresso da guerra e a transição para a vida civil revelou-se uma fase fulcral nas suas vidas. Através dos relatos recolhidos, foi revelado como certas dimensões deste “Dasein de Guerra” transcenderam o seu contexto original e persistiram no pós-guerra. Este modo de funcionamento, anteriormente visto como uma resposta adaptativa ao contexto de guerra, torna-se agora incompatível e uma das principais barreiras nas suas vidas no pós-guerra. Estas memórias da guerra, agora profundamente enraizadas na sua experiência do presente e identidade, continuam a ser uma causa de desconforto, alienação e isolamento até aos dias de hoje (Stolorow, 2007; 2011).

Embora a integração da experiência da guerra tenha variado consoante o sujeito, foi identificado um padrão comum emergente na experiência: a “ruptura com o passado” e o foco na “perseguição do futuro”. Esta ruptura com o passado da guerra, muitas vezes descrita pelos entrevistados como fraturante, representa uma tentativa de compartimentar a experiência de guerra e de, desta forma, lidar com esta no contexto civil. Estratégias específicas (e. g. foco na vida profissional, repressão das memórias de guerra) pareceram ter sido instrumentais nesta transição para a vida civil. Esta reconfiguração da experiência vivida refletiu a necessidade na altura de reorganizar e reestruturar psicologicamente estes novos dados da existência na expectativa de se adaptarem à nova realidade do pós-guerra.

Apesar da formação de amizades duradouras durante o tempo de guerra, muitos destes veteranos relataram um forte sentimento de desconexão na sua vida social, após o seu regresso à vida civil. As suas descrições sobre a sensação de serem incompreendidos, tanto pela família como pelos colegas, realçam a forma como o seu “*Mitsein*” (*Ser-com-os-Outros*)

resultou afetado pela experiência da guerra. Foi a interiorização desta nova forma de estar no mundo que levou aos sentimentos de alienação descritos, relativamente à sua reintegração na vida civil. A sua compreensão e atitude social “moldada pela guerra” revelou-se, assim, incompatível com o contexto civil, resultando num persistente sentimento de não pertença, uma vez que a experiência de guerra influenciou profundamente a sua compreensão da realidade e daqueles que dela fazem parte. Assim sendo, a dimensão do trabalho e da vida laboral desempenhou um papel fulcral na vida destes ex-combatentes, oferecendo um refúgio às suas memórias traumáticas. Proporcionou também um sentimento de validação, pertença e reconhecimento social, servindo assim como uma forma de se ancorarem na realidade.

No entanto, a reforma tornou-se uma fase crítica nas suas vidas, pois marcou a perda dessa fonte de estruturação. Com mais tempo livre e menos responsabilidades quotidianas para se investirem, aludindo ao conceito de *Sorge* de Heidegger (2009), estes homens encontram-se agora a refletir mais frequentemente sobre as suas experiências passadas, ainda que involuntariamente, e a trazer de volta as suas memórias traumáticas da guerra. Acresce que esta fase da vida, associada ao confronto com a própria finitude - aludindo ao “*Ser-para-a-morte*” (*Sein-zum-Tode*) no seio do *Dasein* (Heidegger, 2009) - e ao início da velhice, despoleta sentimentos de vulnerabilidade e desvalorização do seu auto-conceito (Waddell, 2003).

Uma dimensão do *Mitsein*, que foi considerada digna de ser mais explorada como um tema individual, foi a exploração da forma como a experiência partilhada da guerra moldou um “*Mitsein* clivado”, em que a perceção das relações e o sentimento de pertença se tornaram fortemente influenciados pelo critério da experiência partilhada da guerra. Isto resultou na conceção de uma forma dicotómica de *Mitsein*, dividindo os indivíduos em “Nós e Outros”. Esta ideia baseia-se no facto de a experiência de guerra se ter revelado profundamente modificadora da forma como os ex-combatentes percepcionavam e interpretavam o mundo, funcionando agora como uma lente através da qual a realidade era percepcionada. Esta mudança nos seus “horizontes de experiência” (Gadamer, 2003; Stolorow, 2007) alinhou as suas perspectivas com as de outros que partilharam com eles a experiência da guerra, criando assim um sentimento de parentesco e ressonância onde encontraram validação para as suas experiências e emoções traumáticas. No entanto, esse mesmo horizonte, no qual se situa a dita ressonância com os seus companheiros veteranos, é ao mesmo tempo responsável pela emergência de um *Dasein* alienante nas relações com aqueles que não possuem a mesma experiência. Seja em contexto familiar, conjugal ou

profissional, os ex-combatentes evitam muitas vezes partilhar as suas experiências de guerra, com a impressão de que não são dignos, úteis ou mesmo compreendidos pelos “Outros”, aprofundando assim os seus sentimentos de isolamento e incompreensão.

Este comportamento de “exclusão mútua” agrava ainda mais a sua desconexão, criando uma dissonância no Dasein de si próprios e das pessoas em relação a eles, o que dificulta a empatia e as possibilidades de oferecer e receber apoio. Stolorow (2007) enfatiza que um dos aspectos-chave do trauma é a incapacidade de partilhar a sua carga emocional, o que impede um processamento saudável através da relação com o “Outro”. As narrativas dos entrevistados 2 e 7 revelam como esta ressonância/dissonância, é subtil e profundamente intersubjectiva, onde a partilha do mesmo horizonte não só remete para o contexto da guerra, mas também para as emoções partilhadas de perda e sofrimento provocadas pela guerra (Tabela 1).

Para muitos destes ex-combatentes, o seu envolvimento na guerra foi descrito como um esforço inútil, sendo consensual que o seu impacto negativo nas suas vidas superou em muito qualquer outro aspeto positivo. Assim, estes esforços para compartimentar as suas próprias memórias de guerra, que hoje em dia ressurgem mais frequentemente em momentos de fragilidade sentida - física e/ou psicológica - reflectem profundamente a experiência da guerra que continua a moldar a sua relação com o mundo, mesmo 50 anos depois. Este “Dasein de guerra” tornou-se não só a lente através da qual reviveram as memórias, mas também o elemento central da sua interpretação da realidade e do significado a partir daí (Gadamer, 2003). Como tal, o padrão comum destas tentativas de suprimir estas memórias que se revelam ineficazes não é inesperado, uma vez que a guerra se tornou um elemento inseparável do seu Ser-no-Mundo (Heidegger, 2009). É nestes momentos de fragilidade percebida - como o início da velhice, do luto ou da doença, em que muitas vezes chega o confronto com aspectos existenciais da existência como a própria finitude (Wadell, 2003; Yalom, 2020) - que estes veteranos estão mais propensos a visitar as suas memórias traumáticas, seguindo-se uma intensificação do sofrimento emocional e físico (Stolorow, 2007). Estes momentos podem, assim, ser vistos como catalisadores, despoletando estas experiências e significados armazenados nas suas mentes e corpos, desafiando o esquecimento e o retraimento, levando a um agravamento dos seus problemas de bem-estar físico e mental (van der Kolk, 2014). No entanto, apesar da percepção comum global da futilidade da guerra, e do seu efeito globalmente prejudicial sobre si próprios, muitos entrevistados, como observado por Fontana & Rosenbeck (1998), ainda expressaram um

sentimento de orgulho na sua participação. Este orgulho, tal como descrito pelos entrevistados, resultava do facto de terem cumprido o seu dever, de terem adquirido competências e valores valiosos, tudo isto associado à noção comum de que o seu envolvimento era inevitável. Esta perspetiva reflecte a ideia de que “mais vale um mau sentido do que nenhum sentido” como forma de ressignificar as suas experiências, funcionando como uma forma de afastar o vazio existencial perante o sofrimento e o trauma resultantes da experiência de guerra. Este impulso para re-significar uma experiência objetivamente negativa, exemplifica a necessidade de integrar as memórias da guerra na sua compreensão da realidade, de modo a evitar o sofrimento causado por um vazio existencial (Frankl, 1963). A multiplicidade de significados atribuídos à sua experiência de guerra também evidencia a complexidade da guerra colonial enquanto fenómeno, levando-nos a uma melhor compreensão das diferentes formas como os sujeitos podem reagir ao trauma (Sendas, da Costa Maia, & Fernandes, 2008; Bonanno & Mancini, 2012). Assim, os sentimentos de invalidação, revolta e resignação, descritos por muitos dos entrevistados, podem ser vistos como decorrentes da sua perceção de que a sociedade portuguesa não reconheceu os seus sacrifícios, deixando-os sentir-se abandonados e incompreendidos. Esta ideia pode ser analisada através do conceito de *Horizontes de Experiência* de Gadamer (2003), pois permite explicar como a experiência subjectiva de guerra destes ex-combatentes, quando conjugada com a forma como essa experiência foi percebida e/ou reconhecida na altura pela dimensão social mais ampla, moldou a sua própria compreensão da realidade (Ser-no-Mundo). Neste caso, a falta sentida de reconhecimento e validação por parte da sociedade teve um impacto profundo na forma como estes ex-combatentes compreenderam a realidade (Ser-no-mundo). Neste caso, a falta de reconhecimento - e validação - por parte da sociedade teve um impacto profundo na forma como estes ex-combatentes integraram as suas experiências de guerra ao longo das suas vidas. No que diz respeito à dimensão social do trauma, com o fim da guerra e do Estado Novo, a narrativa colectiva da sociedade portuguesa mudou para um novo paradigma (Cardina, 2023). Neste novo paradigma, observou-se um esforço coletivo para esquecer a guerra, pois a sociedade portuguesa, segundo Quintais (2000), refletiu a sua incapacidade de se reconciliar com este capítulo da sua própria história recente. Este “silêncio” coletivo, semelhante ao conceito de Stolorow (2007) de invalidação da experiência, aprofundou ainda mais o trauma destes ex-combatentes, agora também presente a nível cultural. Como resultado, esta nova narrativa colectiva portuguesa, ao reprimir a memória da guerra, criou também um contexto social em que os horizontes de experiência da população em geral eram dissonantes dos horizontes daqueles que viveram em primeira mão

o fenómeno da guerra. Assim, perpetuando ainda mais o trauma da guerra na memória colectiva portuguesa (Lins, Brasil & Cabecinhas, 2024).

Os relatos destes entrevistados sobre os elementos significativos da sua vida atual, nomeadamente a família e a saúde, revelam como estes ex-combatentes procuram, através do cuidado com a experiência atual (*Sorge*), envolver-se de forma autêntica nos seus projectos de vida (Calhoun & Tedeschi, 2001, citados por Sendas, da Costa Maia, & Fernandes, 2008). É através da prossecução de projectos de vida que estes ex-combatentes estabelecem um sentido de propósito e continuidade, servindo de alicerces para o seu *Dasein* atual (Heidegger, 2009) e como fonte de significado no presente (Frankl, 1963). A ênfase particular que dão ao seu desejo de paz, estabilidade e rotina também reflecte outra manifestação do *Sorge*. Neste caso, esta procura e apreço pela estabilidade e pela paz constitui uma resposta à incerteza do mundo e ao reconhecimento dos seus próprios limites internos.

No entanto, a evolução da guerra moderna, tal como descrita pelo conceito de “*Technik*” (*Técnica*) de Heidegger - tanto no poder destrutivo, como na escala, no método e na representação -, contrasta fortemente com as suas experiências de guerra, evocando dentro de si as suas próprias memórias de guerra e estimulando ainda sentimentos de angústia e ansiedade. Este novo paradigma de guerra, mais automatizado, despersonalizado e eficiente, evoca memórias das suas próprias experiências e aprofunda a consciência da sua presença atual. Este reconhecimento traz tristeza, pois assistem a novas gerações a enfrentar os mesmos ciclos de violência e sofrimento - espelhando os seus -, reforçando um sentimento de inutilidade no seu envolvimento, devido à persistência deste fenómeno nos últimos 50 anos.

Um dos aspectos mais relevantes em que a experiência de guerra continua a moldar a visão do mundo destes ex-combatentes é a sua relação com a ideia de morte e a reflexão sobre a própria finitude, tal como descrita através da noção de “Ser-para-a-morte” de Heidegger (2009). Embora este tópico tenha sido deliberadamente omitido por eles próprios após o seu regresso, a ideia da morte reaparece agora nos seus últimos anos, quando começam a confrontar-se com a sua própria mortalidade. Dentro deste tópico, as perspectivas e posições dos entrevistados variaram, desde o medo e a aceitação até ao ressentimento para com a sociedade e à resignação como forma de alívio. Esta ideia alinha-se com o conceito de “Consolidação ôntica” de Heidegger (2009), sobre a forma como o *Dasein* procura estabelecer as suas próprias estruturas de significado através da criação de regras e cultura, de modo a consolidar a sua própria compreensão do mundo. Por conseguinte, a transmissão

deste “legado experiencial”, que envolve a passagem das próprias experiências e valores essenciais às gerações futuras. Um processo semelhante pode ser observado com alguns destes veteranos, na medida em que as suas experiências de guerra levaram à formação de lições e perspectivas que moldaram a sua identidade, uma vez que são sentidas como parte integrante da sua forma de existir no mundo. Assim, através da partilha destes conhecimentos, pretendem não só orientar as gerações seguintes - na esperança de que não caiam nos mesmos erros das anteriores - mas também desafiar, à sua maneira, o “silêncio” cultural que se instalou na sociedade portuguesa relativamente à guerra colonial (Lins, Brasil & Cabecinhas, 2024).

Limitações

Apesar da diversidade observada na amostra, através dos entrevistados que provêm de diferentes teatros de guerra, em diferentes datas e trajetos de vida, pode ser considerada uma limitação de acordo com os parâmetros da metodologia utilizada. No entanto, a mesma não se mostrou prejudicial na recolha dos dados. Esta variedade poderá até ser considerada fonte de riqueza na análise dos dados, pois permite identificar os padrões recorrentes nas narrativas e fatores comuns na experiência, oferecendo assim uma perspetiva sobre as diferentes formas e dimensões da experiência em que este fenómeno se pode manifestar.

No entanto, foram identificados determinados aspetos que foram considerados como limitações no estudo presente. Primeiramente, a amostra não encapsula a totalidade da experiência, constituída na maioria por ex-combatentes nativos de Portugal que serviram durante a metade final da guerra. Aqui a impossibilidade de recolha de narrativas de ex-combatentes que tenham experienciado a guerra na sua fase inicial, em parte devido a este já ser um grupo cada vez mais pequeno, com idades superiores aos 80 anos, o que se apresenta como uma lacuna.

A própria natureza do método merece menção, dada a sua morosidade na recolha e análise de dados, o que torna difícil a replicabilidade destes estudos, apesar da sua riqueza em dados. O estudo deste fenómeno mostrou-se desafiante, devido à natureza traumática do mesmo. Ainda relativamente à análise dos dados, merece menção a possível influência da interpretação dos dados ser subjetiva, havendo espaço para outras possíveis interpretações ou temáticas latentes.

Conclusões e Reflexões

Como foi demonstrado ao longo deste trabalho, a Guerra Colonial Portuguesa revelou-se um fenómeno multifacetado, cuja experiência foi moldada através de uma multitude de fatores como a cultura e o contexto social da época. Aqui a metodologia escolhida para este estudo mostrou-se pertinente na captura destes aspectos mais subjetivos da experiência e na análise do seu impacto na realidade destes ex-combatentes. Sobre a experiência de guerra, foi evidente o impacto profundo que esta teve nas vidas destes homens, passando a ser uma parte da sua forma de ser e de encarar a realidade. Mudanças essas que perduram nas suas vidas sob diversas formas até aos dias de hoje. Curiosamente foi possível observar o papel pivotal da cultura e sociedade portuguesa, assim como a mudança de paradigma em ambas como resultado da revolução de 25 de Abril, na forma como esta experiência foi integrada e acolhida. O “trauma da guerra colonial” mostrou-se um fenómeno tanto subjetivo como intersubjetivo, na medida em que a sua influência manifestou-se também na atitude da própria sociedade portuguesa, cuja omissão deste tópico mostra-se semelhante ao próprio silêncio dos veteranos sobre os seus traumas. Estas descobertas poderão mostrar-se valiosas não só na prática clínica, como numa melhor abordagem para com estes ex-combatentes nas suas questões de saúde relacionadas à guerra como no caso de PSPT, mas também sob perspetiva de psicoeducação, promovendo uma maior consciencialização dentro da comunidade clínica e Do público geral, fomentando assim uma visão mais compreensiva e empática para com a realidade destes ex-combatentes.

Propostas para Estudos Futuros

Como propostas para futuros estudos sobre este tema, é sugerido a exploração desta mesma experiência desde a perspetiva dos combatentes das forças revolucionárias, ou até a perspetiva dos soldados nativos e/ou residentes nas colónias que lutaram do lado das forças armadas portuguesas. Uma análise existencial/fenomenológica das várias obras biográficas deixadas por muitos destes ex-combatentes seria também um contributo valioso a esta linha de investigação, pois estes relatos são por si só dados preservados e ricos em simbolismo, metáfora e subjetividade. Uma análise puramente narrativa mostraria-se útil de forma a

explorar mais em detalhe a perspectiva histórica e cultural e do contexto social e político da altura (identificada neste estudo) e o seu impacto destes na experiência.

Referências

- Abdul-Hamid, W. K., & Hughes, J. H. (2014). Nothing new under the sun: post-traumatic stress disorders in the ancient world. *Early Science and Medicine, 19*(6), 549-557.
- Albuquerque, A., & Lopes, F. (1997). Stress de guerra: a ferida encoberta. *Revista de Psiquiatria, 10*, 47-56.
- Aldridge, V., Scott, H., & Paskell, R. (2020). Post-traumatic stress disorder and killing in combat: A review of existing literature. *Journal of Military and Veterans Health, 28*(4), 46-59.
- Alexander, J. C. (2004). Toward a theory of cultural trauma. *Cultural trauma and collective identity, 76*(4), 620-639.
- American Psychiatric Association. (1980). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (3rd ed.). Washington, DC: Author
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Antunes, A.L. (1979). *Memória de Elefante*. Porto: Editora D.Quixote.
- Antunes, A.L. (1979). *Os Cus de Judas*. Porto: Editora D.Quixote.
- Antunes, A.L. (2017). *Até que as Pedras se Tornem Mais Leves que a Água*. Porto: Editora D.Quixote.
- Antunes, M. J. L. (2022). A crack in everything: Violence in soldiers' narratives about the Portuguese colonial war in Angola. *History & Anthropology, 33*(5), 611–630. <https://doi.org/10.1080/02757206.2020.1786381>
- Atwoli, L., Stein, D. J., Koenen, K. C., & McLaughlin, K. A. (2015). Epidemiology of posttraumatic stress disorder: prevalence, correlates and consequences. *Current opinion in psychiatry, 28*(4), 307.
- Benjet, C., Bromet, E., Karam, E. G., Kessler, R. C., McLaughlin, K. A., Ruscio, A. M., ... & Koenen, K. C. (2016). The epidemiology of traumatic event exposure worldwide:

results from the World Mental Health Survey Consortium. *Psychological medicine*, 46(2), 327-343.

Bonanno, G. A., & Mancini, A. D. (2012). Beyond resilience and PTSD: Mapping the heterogeneity of responses to potential trauma. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 4(1), 74-83.

Cardina, M. (2023). *O Atrito da Memória. Colonialismo, Guerra e Descolonização no Portugal Contemporâneo*. Tinta da China.

Castelo, C. (1998). O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto: Edições Afrontamento.

Cláudio, M. (1992). *Amadeo*. Impr. Nacional, Casa da Moeda.

Connerton, P. (1989). How societies remember. *Cambridge University*.

Cunha, P. (2003). Guerra colonial e colonialismo no cinema português. *Estudos do Século XX*, (3), 185-208.

De Melo, J. (2017). *Autópsia de um mar de ruínas*. Leya.

Drozdewski, D., Waterton, E., & Sumartojo, S. (2019). Cultural memory and identity in the context of war: Experiential, place-based and political concerns. *International Review of the Red Cross*, 101(910), 251–272.

Finlay, L. (2009). Debating phenomenological research methods. *Phenomenology & Practice*, 3(1), 6-25.

Foley, P. S. (2015). The metaphors they carry: Exploring how veterans use metaphor to describe experiences of PTSD. *Journal of Poetry Therapy*, 28(2), 129-146.

Fontana, A., & Rosenheck, R. (1998). Psychological benefits and liabilities of traumatic exposure in the war zone. *Journal of Traumatic Stress: Official Publication of The International Society for Traumatic Stress Studies*, 11(3), 485-503.

Frankl, V. E. (1963). *Man's search for meaning: Revised and updated*. WW Publisher.

- Gadamer, H-G. (2003). *Truth and method*, 2nd ed. Trans. Joel Weinsheimer and Donald G. Marshall. New York: Continuum Press. (Original work published 1960).
- Gomes, C. M. & Afonso, A. (2009). Guerra Colonial - Teorias e práticas da contra-subversão. *Revista de História das Ideias*, (30), 435-452.
- Halbwachs, M. (1992). *On Collective Memory*. University of Chicago Press.
- Harwood-Gross, A., Brom, D., Schramm-Yavin, S., Fruchter, E., & Vermetten, E. (2024). Trauma care in crisis: war trauma and mental health funding. *European journal of psychotraumatology*, 15(1), 2375140.
- Heidegger, M. (2009). *Ser e Tempo*. Brasil: Editora Vozes, (Original de 1927)
- Hinojosa, R., & Hinojosa, M. S. (2011). Using military friendships to re-integrate into civilian life: Veterans and the transition home. *Journal of Rehabilitation Research and Development*, 48(10), 1145-1158.
- Hobfoll, S. E., Watson, P., Bell, C. C., Bryant, R. A., Brymer, M. J., Friedman, M. J., ... & Ursano, R. J. (2007). Five essential elements of immediate and mid-term mass trauma intervention: Empirical evidence. *Psychiatry: Interpersonal and Biological Processes*, 70(4), 283-315. <https://doi.org/10.1521/psyc.2007.70.4.283>
- Hoffman, L., Cleare-Hoffman, H. P., & Vallejos, L. (2013, July). Existential issues in trauma: Implications for assessment and treatment. In *Developing Resiliency: Compassion Fatigue and Regeneration, 121st Annual Convention of the American Psychological Association, Honolulu, HI*. (Vol. 2, No. 5166.2881).
- Hoffman, L., & Vallejos, L. (2019). Existential shattering. *Encyclopedia of psychology and religion*, 1-4.
- Hunt, N., & Robbins, I. (2001). World War II veterans, social support, and veterans' associations. *Aging & Mental Health*, 5(2), 175-182
- Jones, E., & Wessely, S. (2001). Psychiatric battle casualties: An intra- and interwar comparison. *The British Journal of Psychiatry*, 178(3), 242-247.

- Jones, E., & Wessely, S. (2006). Psychological trauma: A historical perspective. *Psychiatry*, 5(7), 217-220.
- Jones, E., & Wessely, S. (2007). A paradigm shift in the conceptualization of psychological trauma in the 20th century. *Journal of anxiety disorders*, 21(2), 164-175.
- Kessler, R. C., Aguilar-Gaxiola, S., Alonso, J., Benjet, C., Bromet, E. J., Cardoso, G., ... & Koenen, K. C. (2017). Trauma and PTSD in the WHO world mental health surveys. *European journal of psychotraumatology*, 8(sup5), 1353383.
- Khan, S. (2024). Humanizar os legados feridos do passado colonial: o dever de pós-memória em Estranha Guerra de Uso Comum. *Via Atlântica*, 25(1), 566-594.
- Kimberley, A., & Haaga-Helia, U. A. S. (2022, June). Understanding lived experiences through inclusive lens of Interpretative Phenomenological Analysis (IPA) and Narrative Analysis (NA). In Proceedings of the 21st European Conference on Research Methodology for Business and Management Studies ECRM 2022. Academic conferences international.
- Koenen, K. C., Ratanatharathorn, A., Ng, L., McLaughlin, K. A., Bromet, E. J., Stein, D. J., ... & Kessler, R. (2017). Posttraumatic stress disorder in the world mental health surveys. *Psychological medicine*, 47(13), 2260-2274.
- Van der Kolk, B. A. (2015). *The body keeps the score: Brain, mind, and body in the healing of trauma*. UK: Penguin Books.
- Langdridge, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Pearson education Ltd.
- Laplanche, J. (1990). Trauma ou Traumatismo. *J. Laplanche & J. Pontalis, Vocabulário de Psicanálise*, 679-684.
- Lins, L., Brasil, J. A., & Cabecinhas, R. (2024). “A história do meu país”: reflexões sobre a memória social e os futuros do passado nas narrativas de jovens portugueses. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (133), 97-120.
- Maia, Â., McIntyre, T., Pereira, M. G., & Fernandes, E. M. (2006). Por baixo das pústulas da Guerra: Reflexões sobre um estudo com ex-combatentes da Guerra Colonial.

- Manzanero, A. L., Aroztegui, J., Fernández, J., Guarch-Rubio, M., Álvarez, M. Á., El-Astal, S., & Hemaïd, F. (2024). War, Torture and Trauma in Preadolescents from Gaza Strip. Two Different Modalities of PTSD. *Anuario de Psicología Jurídica*, 34(1), 1–12. <https://doi.org/10.5093/apj2024a6>
- Matos, P. F. D. (2009). Estar aqui é como estar lá: A construção do imaginário imperial português. *Sociedades desiguais: Gênero, Cidadania e Identidade*, 111-131.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Phenomenology of perception* (C. Smith, Trans.). Routledge. (Original work published 1945).
- Meyer, E. G. (2015). The importance of understanding military culture. *Academic Psychiatry*, 39, 416-418.
- Olick, J. K., & Robbins, J. (1998). Social memory studies: From “collective memory” to the historical sociology of mnemonic practices. *Annual Review of sociology*, 24(1), 105-140.
- Pedras, S., & Pereira, M. (2007). Características sócio demográficas e PTSD do Veterano de Guerra: implicações para a intervenção. *Comunicação apresentada no 2º simpósio internacional perturbação pós stress traumático. Portalegre, Portugal*.
- Pereira, M. G., Pedras, S., Lopes, C., Pereira, M., & Machado, J. C. (2010). PTSD, psicopatologia e tipo de família em veteranos de Guerra Colonial Portuguesa. *Revista de Psicologia Militar*, (19), 211-232.
- von Pfeil Rommel, L. (2022). Por entre rastros e restos: a memória da Guerra Colonial na ficção de António Lobo Antunes. *Literatura e Autoritarismo*, (40), 119-128.
- Quintais, L. (2000). Memória e trauma numa unidade psiquiátrica. *Análise Social*, 673-684.
- Reifels, L., Pietrantonio, L., Prati, G., Kim, Y., Kilpatrick, D. G., Dyb, G., Halpern, J., Olf, M., Brewin, C. R., & O’Donnell, M. (2013). Lessons learned about psychosocial responses to disaster and mass trauma: An international perspective. *European Journal of Psychotraumatology*, 4 (1), 22897. <https://doi.org/10.3402/ejpt.v4i0.2289>
- Remarque, E., M., *All Quiet on the Western Front*. New York: Little Brown and Company.

- Reuther, B. T. (2017). Philosophical and existential perspectives on trauma. In S. N. Gold (Ed.), *APA handbook of trauma psychology: Foundations in knowledge* (pp. American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000019-026>
- Rommel, L. V. P., & Sparemberger, A. (2017). A construção da memória da Guerra Colonial em Os cus de Judas, de Lobo Antunes. *Navegações*, 10(1), 3-11.
- Rosas, F. (2001). O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. *Análise social*, 1031-1054.
- Sayer, N. A., Noorbaloochi, S., Frazier, P., Carlson, K., Gravely, A., & Murdoch, M. (2010). Reintegration problems and treatment interests among Iraq and Afghanistan combat veterans receiving VA medical care. *Psychiatric Services*, 61(6), 589-597.
- Sendas, S., da Costa Maia, Â., & Fernandes, E. (2008). Entre o horror, a missão e a epopeia. Modalidades de atribuição de significado à participação na Guerra Colonial Portuguesa pelos seus ex-combatentes. *Análise Psicológica*, 26(4), 601-613.
- Sendas, S., Maia, Â., & Fernandes, E. M. (2006). Guerra Colonial Portuguesa: as duas faces da moeda: significado da experiência de participação na guerra colonial portuguesa na vida dos ex-combatentes. *Actas do*, 6.
- Shay, J. (1991). Learning about combat stress from Homer's Iliad. *Journal of Traumatic Stress*, 4(4), 561-579.
- Stolorow, R. D. (2007). *Trauma and Human Existence: Autobiographical, Psychoanalytic, and Philosophical Reflections*. New York: Routledge.
- Stolorow, R. D. (2011). *World, Affectivity, Trauma: Heidegger and Post-Cartesian Psychoanalysis*. New York: Routledge.
- Thabet, A. M., & Thabet, S. S. (2016). Quality of life of Palestine children exposed to wars in Gaza. *International Neuropsychiatric Disease Journal*, 6(1), 1-11. <https://doi.org/10.9734/INDJ/2016/22189>
- Thompson, N., & Walsh, M. (2010). The existential basis of trauma. *Journal of Social Work Practice*, 24(4), 377-389.

- Thomson, A. (1994/2013). *Anzac memories: Living with the legend* (New edition). Melbourne: Monash University Press.
- Tuffour, I. (2017). A critical overview of interpretative phenomenological analysis: A contemporary qualitative research approach. *Journal of healthcare communications*, 2(4), 52.
- Waddell, M. (2003). *Vida Interior: Psicanálise e desenvolvimento da realidade*. Assírio & Alvim
- Weston, C. S. E. (2014). Posttraumatic stress disorder: a theoretical model of the hyperarousal subtype. *Frontiers in psychiatry*, 5, 37.
- Wilde, L. (2022). Trauma: phenomenological causality and implication. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 21(3), 689-705.
- Wilmshurst, K. (2020). An integrated existential framework for trauma theory. *Canadian Social Work Review*, 37(2), 131-147.
- Yalom, I. D. (2020). *Existential psychotherapy*. Hachette UK. (Original work published 1980).
- Yaw, M. (2015). Husserl and PTSD: The traumatic correlate. *Journal of Phenomenological psychology*, 46(2), 206-226.
- Yehuda, R., Hoge, C. W., McFarlane, A. C., Vermetten, E., Lanius, R. A., Nievergelt, C. M., ... & Hyman, S. E. (2015). Post-traumatic stress disorder. *Nature reviews Disease primers*, 1(1), 1-22.
- Zerubavel, E. (2012). *Time maps: Collective memory and the social shape of the past*. Chicago: University of Chicago Press.

ANEXOS

ANEXO 1 - REVISÃO TEÓRICA

1. O Trauma

A palavra “trauma” tem origem no grego antigo τραῦμα (*trávmā*) como em “ferida”. Originalmente um termo médico utilizado para identificar todos os tipos de feridas e lesões físicas externas que podem ser infligidas ao corpo humano nos seus vários graus de gravidade. Durante muitos séculos, este termo permaneceu estático no seu significado, pertencendo apenas a “danos” de natureza física no domínio da medicina. No entanto, o conceito de “trauma” foi objeto de uma expansão gradual ao longo do século XX no seu uso e significado atribuído, particularmente pelos campos da psicologia e da psiquiatria, de modo a abordar o trauma na sua dimensão “mental” (Jones & Wessely, 2006). Laplanche e Pontalis (1990) definem o conceito de trauma como *”an event in the individual's life that is defined by its intensity, by the individual's inability to respond appropriately, by the disorder and by the lasting pathogenic effects that it causes in the psychic organization. In economic terms, trauma is characterized by an influx of excitations that is excessive, in relation to the individual's tolerance and his ability to master and psychically elaborate these excitations”*. A experiência de trauma pode levar a uma variedade de sintomatologias e problemáticas, nomeadamente a Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT) (APA, 2014). Embora a experiência de eventos traumáticos (de qualquer tipo, forma ou feitio) possa ser considerada um fenómeno humano global, a maioria dos casos de exposição ao trauma são tratados com resiliência, em comparação com os que resultam no desenvolvimento de patologia psicológica. Aqui apontou para o sexo (mais especificamente o feminino), a idade, os baixos rendimentos, a baixa escolaridade e o desemprego como fatores associados a um maior risco de PSPT (Koenen et al, 2017). A respeito deste assunto, Benjet e colaboradores (2016) realizaram um relatório de estudo baseado na World Mental Health (WMH). Nele concluíram, com base na amostra representativa dos países analisados no referido inquérito, que 70% da população referiu ter sido exposta a um evento traumático durante a sua vida (com valores variáveis consoante o país). E, no entanto, de acordo com Koenen e colaboradores (2017), a prevalência transnacional de PSPT (uma das principais perturbações psicológicas relacionadas com o trauma) ao longo da vida rondava os 3,9%. Este valor, apesar de ser relativamente baixo, pode não representar a realidade da variabilidade deste

valor entre países e os seus múltiplos factores (sociais, económicos e culturais). Um dos principais - e mais reveladores - factores sobre a prevalência da PSPT foi o estatuto socioeconómico: Os países de rendimento elevado apresentavam uma proporção de casos de PSPT na ordem dos 5,0%, enquanto que os países de rendimento médio-alto apresentavam 2,3% e os países de rendimento médio-baixo apresentavam 2,1% (Koenen et al, 2017). Este fenómeno, aparentemente contrário ao que seria de esperar em contextos marcados por uma maior vulnerabilidade social e económica, revela, na verdade, a relação entre o estatuto socioeconómico e a probabilidade de procurar tratamento. No entanto, o tipo de ajuda mais procurado nestes países de baixo rendimento não tende a ser médica ou clínica (como acontece nos países de alto rendimento), mas sim de “serviços humanos” - nomeadamente conselheiros religiosos ou espirituais, conselheiros e assistentes sociais. A par disso, outros aspectos como a disponibilidade/escassez dos referidos serviços, o conhecimento, as expectativas e as dúvidas da população relativamente a estes serviços, desempenham um papel fulcral na explicação destes resultados - não como indicador de uma menor prevalência de casos de PSPT em contextos menos privilegiados, mas antes como prova da relevância dos factores associados a esta variável

Kessler e colaboradores (2017), utilizando os mesmos dados do inquérito WMH, discutiram a relevância do tipo de trauma na probabilidade de aparecimento de PSPT. Os eventos traumáticos de natureza interpessoal (eventos traumáticos causados por perpetradores diretamente responsáveis pelo evento violento, como casos de guerra, homicídio, abuso, violação, etc.) mostraram-se relacionados com taxas de prevalência de PSPT mais elevadas em comparação com as taxas relacionadas com eventos traumáticos de natureza “situacional” (eventos em que não existe um “agente” responsável pelo próprio evento violento, como é o caso de acidentes e catástrofes naturais). Os factores biológicos também desempenham um papel relevante no aparecimento da PSPT. O papel da predisposição genética no desenvolvimento da PSPT tem sido um tema de investigação amplamente estudado e bem desenvolvido (Yehuda et al., 2015). De acordo com vários estudos, incluindo gémeos e meta-análises, o impacto dos factores pré-traumáticos nos sintomas de PSPT é geralmente menor e depende principalmente da interação do sujeito com o evento traumático chave (Weston, 2014). Atwoli e colaboradores (2015) comentam a maior prevalência de PSPT encontrada em contextos de pós-conflito, argumentando que alguns dos diferentes valores de prevalência de PSPT relatados entre alguns países com a mesma exposição ao trauma poderiam ser explicados pelo recente contexto de pós-conflito em alguns dos países incluídos

na amostra utilizada no inquérito. Isto vem demonstrar que a suscetibilidade e a expressão do trauma psicológico (nas suas diversas formas) é regida por um conjunto complexo - e ainda não totalmente compreendido - de fatores externos e internos ao sujeito (Bonanno & Mancini, 2012).

Manzanero e colaboradores (2024) sugerem a leitura de uma meta-análise em que um dos preditores de PSPT é o apoio social, que varia segundo os variados eventos traumáticos. O PSPT, associado a experiências e eventos traumáticos, tem sido alvo de críticas relativamente aos seus critérios de diagnóstico, segundo o DSM-V (APA, 2014). É defendido que o PSPT é uma patologia com base cognitiva, constituída por processos de memórias traumáticas, em que as percepções das mesmas predizem sintomas de stress pós-traumático. A relação entre o PSPT e o número de experiências traumáticas sugere uma associação entre a intensidade, as estratégias de *coping*, a resiliência e a manifestação da PSPT propriamente dita. Por sua vez, a exposição contínua a eventos traumáticos pode comprometer a resiliência de cada indivíduo, levando ao desenvolvimento de sintomas, quadros psicológicos e psicopatologia. As repercussões de um evento traumático, vão para além do risco de desenvolver PSPT, podendo incluir mudanças nocivas em aspectos psicossociais que afetam o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas que experienciaram ditos eventos prevalentes em contextos de guerra (Thabet & Thabet, 2016). *Ad post*, em catástrofes como o 11 de setembro, e outras mais recentes, verifica-se um aumento da investigação sobre o tema, particularmente sobre a resiliência (ou ausência da mesma) e a intervenção psicológica. Segundo Reifels e colaboradores (2013), um rastreio psicológico eficiente, orientação e monitorização dos grupos de risco e cuidados ao nível das dimensões sociais e pessoais, são apontados como os aspectos mais cruciais no sucesso das intervenções psicológicas a longo prazo. No entanto, atualmente os serviços de saúde mental encontram-se em estado de calamidade, o que constitui um problema ainda mesmo antes das situações de guerra. Desde o começo do século, estas inadequações e falhas dos sistemas sociais têm vindo a ser alvo de estudo e por consequente, de alerta. Apesar disto, ainda os estudos longitudinais acerca da eficácia das intervenções psicológicas específicas na saúde mental do trauma são insuficientes. (Figueroa et al., 2022; Ironson et al., 2021, citado por Harwood-Gross, A et al., 2024). Estas descobertas vão de encontro aos princípios estudados por Hobfoll e colaboradores, que teorizam sobre a importância da promoção da auto-eficácia do indivíduo e da eficácia da comunidade em que este se insere (Hobfoll et al., 2007). Reflexões mais recentes acerca das guerras na Síria e na Ucrânia, focam-se na necessidade de reforçar os

sistemas de saúde mental ao invés de se concentrarem somente nas iniciativas de voluntariado de curto prazo (Harwood-Gross, A et al., 2024).

2. História do Trauma de Guerra e do PSPT

Os primórdios da investigação sobre as repercussões do trauma no campo da psicologia - tal como a entendemos atualmente - remontam sobretudo ao início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com o regresso de soldados que, apesar de terem o corpo ileso durante e após o serviço militar, se encontravam incapazes de funcionar a nível cognitivo e/ou emocional devido às suas experiências no campo de batalha (Jones & Wessely, 2006). Na altura, foi proposta uma explicação orgânica, nomeadamente o efeito das ondas de choque dos obuses de artilharia no sistema nervoso central. Mais tarde, esta hipótese foi abandonada, uma vez que foram observados sintomas semelhantes em casos que não assistiram a combates diretos. Esta doença elusiva recebeu na altura a alcunha de “choque de obuses” e não só apanhou o mundo médico de surpresa, como também cativou os académicos e investigadores da época a tentar desvendar o funcionamento interno e as causas do choque de obuses, tornando-se assim o primeiro reconhecimento oficial de uma lesão psiquiátrica relacionada com a guerra, distinta de uma doença mental grave (Jones & Wessely, 2006). No entanto, o interesse diminuiu rapidamente após o fim da guerra, uma vez que não foi encontrada nenhuma forma eficaz de tratamento na altura. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi designado por “*Battle-Exhaustion*”, tendo o termo “*Shellshock*” sido banido e a sua gravidade como condição psiquiátrica reduzida a uma condição temporária, da qual se podia recuperar naturalmente após um período de repouso. No entanto, a investigação da época chegou à conclusão de que não só o aparecimento de doenças mentais relacionadas com a guerra não era completamente evitável, como também questionou a eficácia dos seus métodos de tratamento actuais, tal como postulados pelos clínicos do período da Primeira Guerra Mundial (Jones & Wessely, 2006).

Em 1980, esta condição psiquiátrica recebeu o devido reconhecimento através do DSM-III (1980), como resultado direto do rescaldo da guerra do Vietname nos EUA, com o regresso dos seus veteranos, que apresentaram sintomas após o seu regresso à vida civil, apesar de terem tido cuidados psiquiátricos imediatos adequados durante o serviço (nomeadamente no tratamento da “reação ao stress de combate”). A criação da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT) foi produto tanto do avanço psiquiátrico como de

motivações político-culturais (o sentimento anti-guerra manifestado durante a Guerra do Vietname por uma parte da população dos EUA). Mas a observação do fenómeno da angústia psicológica relacionada com a guerra não é de modo algum “nova”, uma vez que já existiam muitos relatos históricos anteriores semelhantes aos casos destes “novos veteranos”. Muitas descrições históricas diferentes sobre uma misteriosa “doença de guerra”, relatada em massa pelos soldados do seu tempo, parecem estar em sintonia com a descrição moderna da sintomatologia de PSPT. A prevalência histórica deste fenómeno pode ser confirmada pela existência de termos usados para descrever estas síndromes induzidas pela guerra, como *Coração de Soldado*, *Síndrome da Costa* ou “*Ação Perturbada do Coração*” (DAH) (Jones & Wessely, 2006).

Os retratos desta realidade ao longo da história estão também presentes em muitas obras icónicas da literatura. Uma das mais antigas foi o relato de Heródoto sobre Epizelo. Um jovem hoplita ateniense que combateu na batalha de Maratona (490 a.c.) e que misteriosamente perdeu a visão, apesar de não ter sofrido qualquer tipo de ferimento durante todo o evento. Ainda mais antigos são os relatos dos sumérios, que falavam de soldados que diziam ser assombrados pelos espíritos daqueles que matavam em tempo de guerra (Abdul-Hamid & Hughes, 2014). O mesmo fenómeno pode ser encontrado mesmo no domínio da ficção. Na *Ilíada* de Homero, o retrato do herói Aquiles após a morte do seu companheiro Pátroclo durante o cerco à cidade de Tróia. As descrições sobre a sua súbita mudança de comportamento e humor - mais especificamente a sua melancolia, isolamento e raiva - e os pesadelos recorrentes que o assombravam (Shay, 1991). O romance do século XX “*A Oeste Nada de Novo*”, de Erich Maria Remarque (1928/2013), é uma das mais célebres e notórias reflexões sobre o fenómeno da guerra e o seu profundo impacto na vida daqueles que a viveram em primeira mão. É através dos olhos do protagonista, um jovem de 19 anos, que vemos como ele e os seus amigos, alimentados por um fervor patriótico que lhes é incutido pelos professores e pelo próprio governo, se alistam para servir no exército alemão durante “*A Grande Guerra*”. Ao longo do romance, é-nos contado como o protagonista e os seus amigos enfrentam os horrores da guerra, onde o medo da morte, da fome e da perda de vidas é real e iminente. É também através deste livro que nos é contada a forma como a experiência da guerra deformou radicalmente a própria perceção da vida, da morte e do significado destes jovens, e como despojou estes soldados da sua inocência, tornando-os emocionalmente entorpecidos e desligados das suas vidas passadas como civis.

3. O Legado Traumático da Guerra Colonial Portuguesa

A Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974) foi uma série de conflitos armados travados entre as forças armadas portuguesas e os vários movimentos independentistas em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. A “Revolução dos Cravos” a 25 de Abril de 1974, derrubou o regime do Estado Novo em Portugal, pondo um fim ao domínio colonial de Portugal sobre estes territórios e findando um dos conflitos mais longos e traumáticos da história portuguesa do séc XX, cujas “marcas” ainda persistem tanto nas ex-colónias portuguesas como também na própria cultura e sociedade portuguesa. Nos 13 anos em que a guerra decorreu, aproximadamente 1 milhão de soldados lutaram do lado português. Destes, cerca de 80% consistiram em jovens portugueses que foram mobilizados via serviço militar obrigatório, independentemente da sua posição em relação à guerra. Obrigando-os a interromper as suas vidas civis e atirando-os para um contexto de guerra, marcado pela violência, pela privação, pela incerteza e pela isolamento. Destes, 10 mil perderam a vida no decorrer da guerra, 40 mil terão acabado feridos e mais de 15 mil acabaram incapacitados (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006). O fim da guerra marcou o início de um novo capítulo na história portuguesa. No entanto, a guerra continua até aos dias de hoje para muitos dos homens que a experienciaram diretamente, cujas vidas e identidades se viram moldadas pela memória da guerra e do seu legado (Sendas, Maia & Fernandes, 2006; Sendas, da Costa Maia & Fernandes, 2008). O “fantasma” da Guerra Colonial manifesta-se também através da forma como este evento foi encarado pela população portuguesa a nível social e cultural até aos dias de hoje, observando-se uma tendência pelo “esquecimento” da guerra por parte da população portuguesa (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006). Este “silêncio”, como sugere Quintais (2000), resulta do fracasso da sociedade portuguesa da época em enfrentar a extrema crueldade e violência deste episódio da sua história, a mesma crueldade e violência que aparentemente acabou por reflectir a aleatoriedade e incompreensibilidade das ações humanas e das tentativas desesperadas de dar sentido por parte daqueles que as praticaram ou suportaram, e da incapacidade de saber quem são as vítimas e quem são os perpetradores, o que apenas amplifica a natureza perturbadora desta ambiguidade moral. Tal noção vai ao encontro de que a componente traumática associada à memória da Guerra Colonial foi também internalizada coletivamente pela sociedade portuguesa, passando desta forma a ser um trauma não só individual, como também cultural (Alexander, 2004; Halbwachs, 1992). Desta forma, a memória da guerra colonial continua a ser uma “ferida aberta” na memória coletiva e cultural de Portugal. Memória esta que

condicionou não só as narrativas de vida e identidade dos seus ex-combatentes, mas também a forma como própria narrativa e identidade nacional evoluiu (Cardina, 2023; Drozdowski, Waterton & Sumartojo, 2019; Khan, 2024; von Pfeil Rommel, 2022).

4. Investigação sobre a Guerra Colonial

Este “esquecimento” por parte da população portuguesa relativamente à questão da Guerra Colonial manifesta-se também no mundo académico português, no qual a investigação sobre a experiência traumática de guerra na população portuguesa continuar a ser um tema relativamente inexplorado (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006). Mesmo após 50 anos desde o rescaldo da guerra, o interesse em estudar o impacto físico e psicológico da experiência de combate nesta população mostraram-se escassos, especialmente quando comparados com os avanços resultantes do estudo de veteranos da guerra do Vietname, contemporâneos dos ex-combatentes da Guerra Colonial, cujos avanços culminaram numa mudança de paradigma neste campo de investigação (Pereira et al., 2010).

Muito do trabalho feito na investigação portuguesa sobre o trauma de guerra teve como foco principal a exploração da dimensão patológica do trauma, como factor de stress patogénico e patológico, seja a nível biológico ou psíquico (focado na explicação e tratamento da sintomatologia de stress resultante do trauma). Em contrapartida a compreensão da experiência traumática de guerra em si mostra-se um tópico pouco desenvolvido e aprofundado na literatura clínica, apesar da compreensão desta dimensão do trauma poder ser instrumental para uma melhor compreensão deste fenómeno. Ou seja, reconhecer que as características do nosso corpo, físico e psíquico, não são independentes da nossa história vivida. Esta compreensão de como determinadas experiências podem ter repercussões a nível físico, psíquico e existencial permite-nos desenvolver melhor uma compreensão clínica do efeito do experiência da guerra e suas consequências para quem a vivencia. (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006).

5. O Papel da Narrativa na Memória Traumática da Guerra Colonial Portuguesa

Vários foram os autores da literatura, como são exemplo António Lobo Antunes (1979; 1979; 2017), Manuel Alegre, João de Melo (1984/2017) e Mário Cláudio (1984/1992)

que ao longo dos anos abordaram a experiência da guerra colonial portuguesa nas suas obras, oferecendo através das mesmas as diversas perspectivas sobre este evento marcante da história portuguesa, e do seu reflexo da realidade portuguesa atual, seja esta a nível individual ou coletivo (Rommel & Sparenberger, 2017 ; von Pfeil Rommel, 2022).

As histórias destes soldados poderão portanto ser consideradas valiosas unidades narrativas mnemónicas. Isto porque, para estes ex-combatentes, o tempo nas forças armadas e eventual envolvimento no combate mostra-se como uma etapa profundamente distinta das suas vidas civis anteriores e posteriores. A violência, o deslocamento, a solidão e a constante ameaça de morte experienciados durante este período das suas vidas fazem com que este se destaque do restante de suas vidas. Além disso, a própria exposição a um contexto de guerra pode ser visto pelo sujeito como um momento singular, em que participa e é testemunha de grandes acontecimentos históricos. No entanto, o posicionamento dentro desta história pode nem sempre ser sentida positivamente, especialmente quando os eventos e seus significados são questionados. É aqui que o surgimento de determinados termos como colonialismo, opressão e racismo emergem, mudando o panorama do que antes era considerado uma nação espalhada por vários continentes. A forma como estas diferentes visões influenciam as narrativas dos soldados sobre suas experiências de guerra poderá residir na forma como as memórias são compostas. Esta habilidade de reconstruir o passado está intrinsecamente ligada às condições que tornam a memória possível e ao conteúdo que a faz compreensível para os outros (Connerton 1989; Ollick & Robbins 1998; Zerubavel 2003). Sendo construções voltadas para o presente, estas memórias são criadas numa viagem entre diferentes momentos do tempo — o passado e sua evocação no presente — cuja compreensão plena só é possível através do diálogo com passado através do contexto presente (Gadamer, 2003). O processo de desconstrução do passado combina uma dimensão social, na qual as memórias são moldadas pela linguagem e pela cultura em que estamos inseridos, e uma dimensão pessoal, na qual “compomos memórias que nos ajudam a nos sentir mais confortáveis com nossas vidas e identidades, dando-nos uma sensação de paz”. Na prática, essas duas dimensões são inseparáveis (Thomson 1994/2013). Estas narrativas, apesar da sua riqueza e complexidade na forma como abordam várias dimensões subjetivas sobre a experiência traumática da guerra dos ex-combatentes e do seu impacto nos seus trajetos de vida, nunca foram analisadas e discutidas desde uma perspectiva existencial/fenomenológica dentro do campo da psicologia.

6. Perspetiva Existencial/Fenomenológica do Trauma

O fenómeno do trauma, dentro de uma “perspetiva existencial” é entendido como uma parte inevitável da experiência humana do mundo vivido (Thomson & Walsh, 2010; Reuther, 2017), sendo que a própria natureza da experiência humana está inevitavelmente ligada ao mundo. Desta forma, a teoria existencial não procura desenvolver técnicas concretas de intervenção e avaliação a serem empregadas em ambiente clínico. Em vez disso, e de acordo com as suas bases assentes na filosofia, procura desenvolver e fornecer um quadro contextual que permita questionar a natureza da nossa própria existência e as questões associadas a essa existência. Em comparação com a perspectiva psicodinâmica, que associa nossos conflitos internos e sentimentos de ansiedade como resultados de nossas pulsões, a perspectiva existencial vincula esses sentimentos como resultado de uma luta, ou mesmo de uma incapacidade de enfrentar certos aspectos da realidade. Esses conflitos podem “alterar” a autoconsciência e a capacidade de viver a vida de forma autêntica (Yalom, 2020). Dentro do tópico do estudo do trauma, a teoria existencial enfatiza a subjetividade interpessoal e a “experiência em si mesma”. Assim sendo, a teoria existencial procura observar o trauma através de uma lente fenomenológica, de forma a compreender a natureza da experiência traumática como fenómeno. O campo da fenomenologia do trauma visa estudar e explorar a experiência vivida do trauma psicológico na tentativa de compreender como a vivência de um evento traumático se relaciona com o desenvolvimento de patologias (Wilde, 2022). O estudo fenomenológico/existencial do trauma baseia-se fortemente nas obras da filosofia fenomenológica e existencial, nomeadamente nas obras de Husserl e Heidegger (Langdridge, 2007), cujas ideias e conceitos foram posteriormente utilizados por autores como os de Yalom (2020) e de Stolorow (2007; 2011). Baseando-se em ideias dos trabalhos de autores da filosofia fenomenológica, como a ideia de noesis e noema de Husserl (Yaw, 2014) e a ideia de *Dasein*, Ser-para-os-Outros e Temporalidade de Heidegger (Heidegger, 2009; Langdridge, 2007).

Estes conceitos têm sido utilizados em iterações posteriores das conceptualizações existenciais do trauma como a de Thomson & Walsh, (2010) o conceito de “Abismo” - o confronto com a realidade da nossa mortalidade e finitude que despoleta em nós um “vazio existencial”. Tendo em conta este facto, os autores sugerem que o trauma nos obriga a confrontar este “abismo”, o que resulta num sentimento de ansiedade existencial associado à morte (Yalom, 2020). Propondo assim uma visão do trauma como um potencial “ferida” a nível tanto existencial como sociológico Assim, o advento do trauma poderá ser considerado

um evento de “rutura”, capaz de comprometer a aceitação de certas dimensões da experiência subjectiva (a ideia de “eu”, tanto externa como interna), a forma como alguém se insere no mundo (o “Ser-no-mundo” de Heidegger) e estruturas de significado resultantes;

A exploração de Hoffman, Cleare-Hoffman & Vallejos (2013) sobre a forma como o trauma pode comprometer e distorcer o sentido de “auto-compreensão” e “sentido de lugar no mundo” de um sujeito, através da utilização do conceito de “estilhaçamento existencial” de Greening, para o potencial das questões existenciais como meio para uma conceitualização e tratamento do trauma mais flexível e mais consciente das nuances e particularidades de cada pessoa. O conceito de “estilhaçamento existencial” de Greening (2012, citado por Hoffman, Cleare-Hoffman & Vallejos, 2013) já é, por si só, compatível e perspicaz para muitas perspectivas relativas ao trauma no âmbito da psicologia existencial, uma vez que faz uma distinção entre a PTSD e o impacto profundo e duradouro de um acontecimento traumático no sentido de si próprio, significado e realidade de uma pessoa. Esta perturbação pode alterar a forma como uma pessoa se percebe a si própria e ao mundo e, por conseguinte, afetar a forma como se envolve e se relaciona com os outros e com a própria realidade. Por conseguinte, este “estilhaçar” pode expor a pessoa a um ou mais dos dados existenciais de Yalom (2020), tais como a morte, a liberdade, o isolamento e a falta de sentido, o que pode resultar em sentimentos de perda e desilusão em relação aos valores anteriormente defendidos, que já não são compatíveis com a realidade após a experiência traumática. Assim, a ideia de estilhaçamento existencial representa mais a preocupação com as repercussões mais profundas a nível existencial (perda de coerência, objetivo e identidade) que podem resultar de uma experiência traumática. Por seu lado, a PTSD centra-se nos sintomas e no stress relacionados com um acontecimento traumático;

Ou a proposta de Wilmshurst (2020) de um quadro existencial integrado para a teoria do trauma - que se baseia fortemente nos conceitos teóricos originais de Yalom (2020) - compatível com as teorias do trauma já existentes, uma vez que aborda e categoriza as dimensões física, relacional e interpessoal do trauma, através de uma visão existencial, oferecendo entretanto uma compreensão abrangente de como estes elementos se interligam. Assim, o existencialismo apresenta-se como uma abordagem relevante para o estudo do trauma, uma vez que não só aborda os seus efeitos de um ponto de vista “clínico” compatível, como também tenta abordar o impacto do trauma nos temas da mortalidade, identidade e significado.

Com base nisto, o presente estudo teve como objetivo explorar a experiência traumática da guerra colonial portuguesa e analisar o seu significado atribuído por aqueles que nela estiveram envolvidos agora e há 50 anos, através de uma perspetiva existencial fenomenológica. Foi através desta abordagem que foi possível explorar e analisar em maior detalhe os diferentes aspetos associados às experiências subjetivas de guerra destes veteranos, de forma a melhor compreender como esta experiência traumática foi experienciada e o seu impacto na identidade destes veteranos e da sua forma de estar no mundo.

ANEXO 2 - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO FORMAL



CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito da formulação de um artigo de investigação empírica, no contexto da unidade de um Seminário de Dissertação para o Mestrado em Psicologia Clínica, a decorrer no **Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA)**, orientado pelo Prof. Doutor Vítor Amorim Rodrigues. Este estudo, que pretende realizar uma exploração e análise da “experiência vivida” no contexto da guerra colonial portuguesa, de aqueles que nela estiveram envolvidos diretamente, tem como objetivo oferecer uma compreensão mais completa e detalhada sobre a experiência de guerra, e do impacto da mesma ao longo das suas vidas, 50 anos depois.

Caso pretenda esclarecer uma dúvida ou partilhar algum comentário com o realizador deste estudo (Pedro José Valadas Preciado) poderá fazê-lo através do contacto: pipreciado99@gmail.com

A sua participação neste estudo, muito valorizada pois irá contribuir para o avanço do conhecimento científico, mais especificamente na área da psicologia clínica, consiste na realização de uma **entrevista com duração de aproximadamente 1 hora**, que será gravada de forma a recolher os dados para posterior compilação e análise através de uma metodologia de investigação de dados qualitativos denominada de “Análise Fenomenológica Interpretativa”. Na qual serão abordadas, sob forma de **perguntas de resposta aberta, tópicos relacionados com a temática em questão**. A participação neste estudo não pressupõe quaisquer riscos significativo.

A sua participação neste estudo será inteiramente **voluntária**. Adicionalmente, caso tenha escolhido participar, a sua participação poderá ser interrompida a seu pedido em qualquer momento sem necessidade de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação será também **anónima e confidencial**. Os dados obtidos destinam-se única e exclusivamente para análise qualitativa no contexto da realização deste projeto, de forma a respeitar a sua privacidade.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado, ter-me sido dada **oportunidade e liberdade de fazer todas as perguntas** sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora, pelo que **aceito nele participar**.

Nome: _____

Assinatura: _____

_____ (local), ____/____/____ (data)

ANEXO 3 - GUIÃO DE APOIO DE ENTREVISTA

Para entender melhor sua experiência traumática de guerra e o impacto que essa experiência teve ao longo de sua vida, gostaria que você compartilhasse sua história de guerra. E enquanto você me conta essa história de como foi para si a sua guerra, tente incluir nela o que você pensou, o que sentiu, ou até mesmo opiniões e perspectivas que você considere pertinentes sobre este tema.

Para começar, e antes de falar do tema da guerra propriamente dito, gostaria que me pudesse dar alguns detalhes concretos da sua vida antes do seu envolvimento na guerra:

“Pré-guerra”

- Qual era a sua visão da guerra, antes de lá ir?
- Como foi receber a notícia de ser convocado para a guerra?
 - (Expectativas, receios)

“Experiência de guerra”

- Como era o seu estado de espírito (sentimento e emoções) ao longo do seu serviço militar?
 - Como descreveria a sua adaptação ao novo ambiente? (Perceber como fez sentido do que estava a acontecer ao seu redor)
- Que dificuldades apareceram durante o dia a dia lá, e como as encarava?
- Como era a sua relação com os seus colegas (camaradas e superiores)?
- Uma vez lá, que sentido fez daquilo tudo que estava a acontecer à sua volta e do porquê de você lá estar?
- Das situações da guerra pelas que passou, quais foram as que mais o impactaram (traumáticos)?

- Como é que viveu aquilo alí no momento? (pensamentos/sentimentos)
- Como é que ficava depois destas situações?

“Pós-Guerra”

- Como é que foi voltar da guerra?
 - (Que expectativas tinha, desejos, receios)
- Pode-me descrever como foi passar de um cenário de guerra para a vida civil?
(Explorar aqui será pertinente com base na resposta, para perceber como foi o processo de “despir a farda” e o que suscitou na pessoa)
- Como vive agora esta memória? (Pedir descrição ou exemplo do que sente ou no que pensa) Porque acha que isto acontece?
- Depois de voltar da guerra, que coisas sentiu que mudaram na sua vida, em comparação a como eram antes de ter ido para a guerra?
 - Sabe explicar como sentiu esta mudança, ou como aconteceu?
 - Fez algo para lidar com isto?
- Olhando para trás, agora que já passaram 50 anos, sabe dizer quais foram coisas na sua vida em que acha que a guerra o atrapalhou? (Pedir para elaborar ou dar exemplos)
- Como era o seu trato com as outras pessoas, antes da guerra?
 - (Com os pais e familiares, com as esposas e filhos, com os amigos)
 - Isto mudou quando voltou da guerra? Tem ideia do porquê?
- Como sente que as outras pessoas o vêem?
 - Acha que a forma como os outros o vêem mudou depois da guerra? (Se sim, porque? Está de acordo com eles?)
- E a sua forma de ver as pessoas, acha que mudou com a guerra?

Agora

- O que pensa agora sobre a sua experiência de guerra, 50 anos depois?
 - Que palavras usaria para descrever a “sua guerra”? (pode-se pedir para desenvolver certos tópicos aqui).
 - Que lição/mensagem acha que retirou de ter estado na guerra?
- Partilhou/a com alguém a sua história da guerra?
 - Quem?
 - Como faz esta partilha?
 - O que sente/no que pensa quando está a fazer partilha?
 - Como é que os outros reagem a esta partilha?
 - Existem coisas que escolhe não partilhar? porque?
- O que pensa da sua história de vida?
- Atualmente, quais são as coisas que dão sentido à sua vida? (e porquê?)
 - Antes da guerra, eram as mesmas?

ANEXO 4 - CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E CARREIRA MILITAR

Nomes (Letras Iniciais)	Idade	Escolaridade	Anos de Serviço	Rank and Branch	Specialty
AP (E1)	76	4º ano	3 anos (1968-1971) (Moçambique)	Primeiro-Cabo (Exército)	Atirador
FC (E2)	70	9º ano	3 anos (1973-1976) (Angola)	Specialist (Força Aérea)	Mecânico de Material Aéreo
AR (E3)	79	4º ano	3 anos (1966-1971) (Moçambique)	Primeiro-Cabo (Exército)	Atirador/ "Clarim"
JF (E4)	81	9º ano	3 anos (1965-1968) (Moçambique)	Alferes (Exército)	Técnico de Transmissões
MB (E5)	75	9º ano	5 anos (1968/1973) (Guiné)	Furriel (Exército)	Artilharia
MS (E6)	75	4º ano	3 years 1965-1968 (Guiné)	Primeiro-Cabo (Exército)	Atirador/ "Cães de Guerra"
MD (E7)	80	9º ano	18 years (1970/1988) (Moçambique)	Coronel (Exército)	Oficial de Infantaria

ANEXO 5 – TABELAS DAS TEMÁTICAS E SUBTEMÁTICAS (TRANSCRIÇÕES)

4.1. Temática Um: O Papel da Coletividade Portuguesa na Preconcepção da Guerra

Obrigatoriedade/
Patriotismo

- (E1) *”É pá, patriotismo... Porque a mente que havia é que nós tínhamos que ir defender aquilo... que aquilo era português, era aquilo que nos diziam, não é? Era aquilo que nos diziam: “Aquilo era português, nós tínhamos de ir combater”... “Tinha que ser, porque- erhm- eu digo que tinha que ser, tinha que ser, era assim que as coisas funcionavam.”*
 - (E2) *“Ia cumprir missão, ia cumprir uma missão e tinha que ser, fazia parte. Era uma espécie... quase como de crescimento, de afirmação... sei lá, olha, faz parte. Por outro lado, achava que não tinha nada a ver com aquilo.”*
 - (E3) *“Se por um lado, eu nunca rejeitei a pátria-nunca rejeitei defender a pátria. Por outro lado, reconheço que era uma guerra injusta...como é verdade.”... “Exatamente, havia muitos que fugiam.”... “E eu não fugi, nunca pensei nisso e pensei sempre em seguir em frente e defender a minha pátria.”*
 - (E4) *“Foi imposta. Ela apareceu, embora uma pessoa soubesse- Uma pessoa soubesse que ia para a guerra...”*
 - (E5) *Mas fui, porque naquela altura é-era a única hipótese. “Ou foges daqui para fora e vais lá para França ou vais, não sei para onde, ou então encaras isto”.*
 - *“(Inspira e com voz trémula-emotivo) E não é fácil a pessoa saber que vai para um teatro de guerra e ir, mas o conceito era esse na altura.”... “Não tinha hipótese, ó pá, chegava aos 18 anos, tinha que dar o nome. E que na altura própria chamaram-me, pá e...eu e outros... estávamos a estudar, eu estava a estudar, os meus amigos estavam a estudar...E lá fomos nós- “Bufff, vai te embora.”... “Eu não fui- eu não fui por lá por ser da esquerda nem por ser da direita, nem de seja lá do que for. Fui porque tinha que ir eu e os outros “moços” todos.”... “Pá não havia hipótese, é aquilo que “Vai te embora.”*
 - *“Na altura, há 50 anos. Portanto, nós não éramos nenhuns “Zequinhas” que fomos para lá. Fomos para lá, porque era assim.”*
 - (E6) *“Foi o que foi exigido de nós... Que remédio tínhamos nós. O desertor ia a guarda republicana ia nos buscar, se não quiséssemos ir, iam- nos buscar. E se nos recusarmos, íamos presos.”*
-

-
- *“Éramos jovens que fomos para a tropa, que éramos obrigados. Éramos jovens... 19 anos, 20 ano”*
 - (E7) *“Estava lá a cumprir uma missão, fui obrigado, pá, a ir, cumprir a missão, mas já estava lá cumpri me a missão, fui obrigado, pá a ir, cumpri a missão”*
 - *“O sentido estou porque- estou aqui porque... “Eu estou aqui porque, de facto, eu não tinha possibilidades.” Não-não tinha essa força de ter fugido à guerra. Porque...Pronto, o meu meio, de eu vinha era esse, não é?”*

*Dimensão
Histórico-Cultural*

- E2- *“Foi, foi um bocado complicado. Porquê, eu como disse, eu estava em Sintra quando recebi essa mensagem. Eu estava em Sintra, tinha-se dado o 25 de Abril”... “Mas, portanto passado 2 dias, então já estava na base de Sintra, recebi aquela aquela informação, de que tinha que me apresentar no dia seguinte no aerodroma da base nº1”... “Lá entrei, quando cheguei lá- Ah e nas paredes, nessa altura, dizia-se “Nem mais o militar para Angola, para as África, para o Ultramar ou para as colónias”. Haviam assim as manifestações populares, mas quando havia movimentações militares, aparecia a família toda, não é? Neste caso, a rendição era individual, está a ver a ideia? Eu sozinho, para o aeroporto, lá fui...cheguei lá ao hangar. Estava lá mais uma meia dúzia de indivíduos.”*
 - *“Mas volto ao princípio, a nossa pátria... “Defender a nossa pátria e Além-Mar”, coisa que nós já tínhamos dado na quarta classe, repare senhor doutor, na quarta classe. Eu sabia os rios todos de Angola, de Moçambique, da Guiné, de Cabo Verde, as serras, os caminhos de ferro. Nós aprendíamos coisas...jesus, para quê?”*
 - E3 *“A nossa história é uma história que é das mais fascinantes e mais belas do mundo.”... “Do patriotismo, porque...a nação portuguesa... deve-se a muitos mortos, muitos feridos, muito sofrimento dos nossos avós, dos nossos antepassados.”... “E isso foi esquecido após o 25 de Abril, foi esquecido. “*
 - (E4) *“Naquela altura, em 66, estava-se ainda debaixo da “forma” de como é que aquilo se vivia. E aqui vivia-se “com uma mão em cima”, portanto, as coisas eram... não havia as liberdades, as democracias, não havia nada-não havia nada disso. Aquilo era uma pantomima de uma ditadura a fingir que era uma democracia...”*
 - (E5) *“Mas, quer dizer, eu acho que antigamente a escola era mais profunda e mais exigente, muito mais. Ou seja, a nossa bagagem- a nossa bagagem intelectual, penso eu que era muito- talvez com muita coisas inúteis... muitas coisas*
-

inúteis. Eu lembro -me que na quarta classe era obrigado a saber qual eram os rios e saber qual era os as linhas dos caminhos de ferro e não sei quê, coisas que não servem para nada, pronto. Mas acho que a pessoa tinha outra bagagem.”

- *“quando eu estava no liceu Camões- e era novito, era novito- o filme que apresentaram para toda a gente do liceu Camões foi um filme chamado, não sei se conhece, “Chaimite”.- Já ouviu falar? Aconcelho que veja, Chaimite- feito por um realizador português, Jorge Brum do Canto, penso eu... Chaimite trata do problema quando houve a guerra em Moçambique do Ngungunhana, do Afonso de Albuquerque, dessa história toda, e em que se havia aquele ataque dos negros”... “Depois, quando se deu as primeiras avançadas de- em Angola, o que apareceu cá, o que apareceu cá foi violações pá, as fotografias das violações de mulheres pá, espetarem um pau na... na vagina delas, matavam os homens, pá. O que nos apareceu aqui foi uma chacina completa do colono branco. Isto é a ideia que a gente tinha... Portanto, quando se vê o Chaimite e quando se é pequenito, a pessoa fica cheia de medo, que até “É pá...!” Depois, quando é a altura de ir para a tropa, aquilo vem à cabeça. E é o registo que a gente tem antes de ir.”*
- *“Ou seja, naquela altura... não havia hipótese, é pá as pessoas iam para o Ultramar, o país estava em guerra, tinha havido-tinha havido invasões nas outras colónias portuguesas que já tínhamos há 300 ou 400 anos, portanto só essa hipótese.”*
- *(E7) “Digamos que ao regime antes do 25 de Abril que levou à guerra, e à propaganda que dizia que Portugal era um país que começava em Bragança e acabava em Timor. ”desde que eu fui para a escola, logo na escola primária dizia logo Portugal era ... Portugal começava em Bragança e acabava em Timor. Isto, nós em crianças, metíamos isto na cabeça. Todos os portugueses da minha geração meteram isso na cabeça porque não havia contraditório. Não havia contraditório”*

Peso da Informação Prévia na Pré-Conceção e Atitude em Relação à Guerra

- *(E1) “É complicado, tanto que vivíamos numa situação que não tem nada a ver com a atual, não é? Nada mesmo...para além disso, era um meio... (eu) era natural de um meio rural em que... notícias e outras coisas mais passavam ao lado. Televisão não havia na altura (ri), o que também contribuía muito para essa situação, e portanto um indivíduo desconhecia N, N, N de coisas.”*
 - *“No meu caso concreto, tinha alguma noção da coisa. Porque? Porque eu...(tom mais sério) antes de ir para o ultramar, tive 3 irmãos também na guerra do ultramar, 2*
-

em Angola e 1 em Moçambique. E então eu tinha um relacionamento de notícias que eles mandavam, e quando vinham falava-se no assunto e não sei que, mas assim uma coisa muito vaga não é? Muito vaga...

- *(E2) “E depois havia sempre notícias de conhecidos ou familiares, ou havia sempre alguém que sabia de alguém que tinha morrido ou ficado sem pernas ou sem braços ou... enfim, é muito jovens.” ... “as informações que nós tínhamos era que era muito perigoso, quando chegasse o tempo de ir para o serviço militar, que lá íamos para a guerra e ninguém queria como é natural. Depois, na altura também não se falava muito, porque antes do 25 de Abril, não era falar. Era um bocado proibido. “Sussurrava-se” um bocado”*
- *“É pá sentia... de certa forma, desculpe, desprotegido, porque eu não sabia o que é que ia acontecer. Eu para todos os efeitos ia para a guerra, não é? A guerra em Angola continuava, deu-se o 25 de Abril cá, mas lá... lá estávamos “O que é que ia acontecer...? Sabíamos que os movimentos estavam a ganhar mais força. Porquê, uma vez que havia uma guerra ou havia uma revolução, não é? As pessoas não queriam continuar com a guerra em Angola e nas colónias e havia países que forneciam armamentos, digamos, aos movimentos para correr com os portugueses lá para fora. Portanto, aquilo lá estava em grande convulsão também, e aquilo foi o que nós depois constatámos lá, inclusivamente eles depois guerreavam entre eles também, para tomar posições, para gerir o território, para fazer apanhar a melhor pressão.”*
- *“Acontece que eu fiz o- eu fui à Força Aérea inscrever-me. E eu fiquei contente porque como disse, era uma forma de não ir para o exército. É pá o pessoal que podia, como disse, uns fugiam para fora, outros iam para a marinha. Eu pensei na força aérea, porque uma vez sendo mecânico” ... “Ora, estando a estudar, a trabalhar em (mecânica), “Porque não tentar aviação, mecânico de aviões?” Pensei nessa especialidade, era uma forma de fazer serviço militar sem andar armado, digamos, aos tiros.”*
- *(E3) “Claro que aqueles que eram estudiosos, que eram formados, encaravam a coisa de outra maneira. Eu não, a minha filosofia era defender a pátria, que foi depois aquilo que me foi inculcado nas forças armadas naquele tempo.” ... “E já antes tinha me oferecido voluntário para ir para a armada”*
- *(E4) “é assim, à altura que eu me reporto, havia...uma situação em que os jovens, que estavam ainda no liceu, eles já sabiam que passado 1-2-3 anos teriam que ir para...para o serviço militar e, conseqüentemente, a ida*

para- para as províncias ultramarinas.”...”não era, pelo menos no meu caso, não foi qualquer coisa que me provocasse qualquer tipo de problema”

- *“Sabíamos que davam-nos uma farda, davam-nos uma arma, davam-nos as instruções, e a seu tempo iríamos, uhm... para lá, portanto, para o Ultramar. Não havia, não... não... nunca se deu para ver em lado nenhum qualquer tipo de reação que não fosse esta que eu... que eu expliquei. Porque não era só eu, era- eram todos, está a ver?”*
- *“Mas o pensamento político não existia. Quando não existia, não existia digamos a argumentação, não existiam os factos que podiam provocar mais...-como explicar- mais clarividência daquilo que se estava a viver. Uma pessoa era- havia a coisa, nascia na coisa, naquela...naquele período e...e não questionava, não questionava porque não sabia, não-não tinha elementos para questionar, está a ver?”*
- *“Não havia, uhm... ninguém que tivesse uma perspetiva e que dissesse, “É pá, nós estamos aqui, mas isto não é assim, é assado.”, está a ver? Aquilo era...comprávamos aquilo que nos vendiam, que era: “Tu vais defender a Pátria dos inimigos”, e pronto. E era isto, e uma pessoa tinha... pronto, aquilo era-era assimilado e dessa maneira.”*
- *“Num tempo, numas circunstâncias especiais, e aquilo tinha que acontecer. Agora, não havia ainda a experiência do “estar lá”...portanto... depende de pessoa para pessoa, a forma como “antes” se sentia. Mas eu não senti-eu no meu caso particular não...não...não... Não me causou qualquer tipo de problema. Sabia que tinha que ir, ia, para o logo que se via como é que a coisa ia andando...E era isto, e uma pessoa tinha... pronto, aquilo era-era assimilado e dessa maneira. Não havia forma a dar-lhe, porque a... Surgiu inclusivamente uma hipótese de, pelo menos foi posta pelo meu pai, que eu tinha, pronto, naquela altura o “compadrio” (ri) era, se agora é, antes era, anteriormente, era muito mais... Ele chegou a pôr-me a situação: Se de facto eu queria ir. E eu naquela altura, ainda entendia que devia ir, porque não estava completamente formatado, não tinha pá, eu estava a exprimir uma opinião, mas com muita falta de...do contrário.”*
- *“Antes antes de ter ido, portanto não...não tinha, não...não tinha... Não tinha quaisquer perspectivas, nem- não queria abordar o assunto. Depois a coisa no sentido em que “quando lá chegar, logo vejo”.*
- (E5) *“naquela altura as pessoas não falavam de política,*

não é? Estava o conceito de há 40 anos do-do Salazar. As pessoas não falam política para...a juventude, não falava de política. Interessava-se por conversar; interessava-se por ir ao cinema, interessava-se por debater os temas dos filmes, coisas que se calhar hoje em dia não se fazem, não é?”

- *“E na Graça eu vi- quem é que estava na Graça? Tavam soldados que tinham vindo do Ultramar. Eu vi a rapaziada sem pernas, eu vi rapaziada sem braços, eu vi rapaziada sem o nariz, eu vi rapaziada sem orelhas, pá.” ...”E ainda não tinha lá ido...não é? Eu vi que tinha dificuldade-, eles mesmo não deixavam, não me deixavam sair ao fim de semana, pá, para não dar nas vistas. E eu vi isto tudo antes disso... Quer dizer, eu quando fui para lá, já ia assim um bocado “azul” ... (Voz trémula) Portanto, quando eu lá fui já não ia... Eu já não ia “ingénua” ou “virgem” do que é que se podia passar ou do que é que me podia encontrar, pronto.*
- *(E6) “Mesmo com 20 anos, éramos praticamente umas crianças, com 20 anos, somos praticamente indefensáveis. Não pensamos quase em nada. O que é que a gente pensa?O medo. O medo? “A morte. Para onde é que eu vou”*
- *“Antes de ir para a guerra, a minha visão era já um pouco aberta.”*
- *(E7) “Mas eu por razões da minha vida pessoal e como estudante, tive uma pessoa que me ajudou e que me disse para eu começar a ouvir; se pudesse, a rádio “Portugal Livre ”, que era uma rádio que era transmitida da Argélia. De onde falava Manuel Alegre”...”eu tinha 18, 19 anos, quando me aconteceram estas coisas, comecei depois a questionar, de facto, a política colonial que levou à guerra.”*
- *“Com as leituras que fui fazendo, comecei a aferir que de facto as coisas do colonialismo, de Portugal era igual aqui e Angola, e eu mesmo sem lá ter ido, comecei a pôr isso um pouco em causa.”...”Tinha tido acesso a leituras que me abriram aos 19 anos, 18 anos, 19 anos, que abriram um pouco a minha mentalidade, porque desde que eu fui para a escola, logo na escola primária dizia logo Portugal era ... “Portugal começava em Bragança e acabava em Timor”.*
- *“Eu estou Aqui à espera que haja uma solução.” Não é? Que haja uma solução. Mas perfeitamente consciente de que a solução era política, não era armada que aquilo que nunca íamos ganhar a guerra com... através das armas. E pronto, quer dizer, a minha, a minha, a minha postura era essa. Era uma postura quando estou aqui, estou aqui a*

tentar viver o dia a dia o melhor possível e tal, mas sem convicção nenhuma de que íamos ganhar a guerra. Sem convicção nenhuma. Era zero convicção.”

4.2. Temática Dois: A Transição para um “Ser na Guerra”

*Repressão Emocional em
Prole de Manter
Funcionalidade*

- *(E1) “No momento, no momento a pessoa tem uma reação diferente, porque não pensa sequer no... vá lá, no perigo que a está a correr “*
 - *“Naquela altura, a reação é, é parece que é um botão que nos-que se dispara. Um indivíduo, tem que reagir e pela positiva, porque se fica ali a...a olhar para... para a cena e não reagir, pode sair de mal com com a situação, não é?”*
 - *(E2) “Ora, eu estava ali como se fosse quase numa profissão, fazia o meu dia a dia conforme mandavam e pronto, fazia o meu melhor. Tinha que ser mesmo, não é?”*
 - *“Correu bem exato, tive sorte, quer dizer, apesar de apanhar aqueles medinhos, andar ali todo apertadinho e pensar que ia morrer, depois já chega uma altura em que um gajo diz “Olha que se lixe e já não há nada a fazer. Vamos mesmo morrer”.*
 - *“Havia sempre coisas que- uma pessoa distraía-se sempre desses acontecimentos porque havia sempre novos acontecimentos. Havia sempre, havia assim coisas.”*
 - *(E3) “Claro que nós víamos isto e tínhamos que continuar. Tínhamos que continuar, era assim. Isto foi o que eu vi com os meus olhos, não é?”*
 - *“Nós começámos a delirar, a pontos de eu pensar assim. “Eh olha, se for fui, se não for, não fui, se morrer morri, se não morrer, não morri.” Isto era o que cheguei a pensar isso. “Bom for fui, se não for... se morrer, morri, se não morrer, não morri. Pronto, olha pronto diferente é a partir de certa altura nós começamos a ficar já feitos àquilo.”*
 - *“A pele, eles traziam roupa nenhuma, na pele deles, e eu assim” Carago, então mas eles têm as camisas, todas as rotas...” Não era, era a pele toda desfolhada”... “Depois tudo queimado, e depois e o que era: era “Napalm”, era proibido naquele tempo. E a gente sabíamos bem o que era. Eu sabia bem porque é que eles estavam assim, mas eu calei a boca, não disse nada.”*
 - *(E4) “Porque...é preto e branco, está a ver? Ou seja... uhm... Uma pessoa, supondo que uma pessoa é branca*
-

quando vai à guerra, fica preto. Ou seja, há uma mudança, há uma mudança.”

- *”Isso dá uma certa... cristação na pessoa, né? Mas reage-se, e é aliás é uma coisa interessante, porque... nós não sabemos bem aquilo que somos capazes de fazer, até de estar na situação. Podemos imaginar a antes da situação acontecer. Podemos fazer uhm... Uma ideia do que é que a coisa possa ser, mas ao passar pela experiência e é uma coisa que é muito mais...uhm...empolgante, é muito mais uhm”...”Intensa, sem dúvida, sem dúvida...”*
- *“Ah... pronto, isso é-pronto,eh- leva tempo, leva tempo. Porque a pessoa fica “Kring!”(gesticula “tensão” e ri), fica-fica em tensão. E depois há que atender é aos feridos e às fazer- pronto para... “harmonizar” a situação. Eu uhm... tinha uma... uma certa condescendência, às vezes quando ia nessas colunas motorizadas. Eu até dormia, pá, no jipe... Porque a minha era “Pá, se tiver que ser, é, eu logo vejo quando for e acordo”*
- *“Se uma pessoa é submetida durante... pronto, encaremos só os 18 meses que eu lá estive em cima, em que aquilo-qualquer coisa podia acontecer. Uma pessoa, se vai nesta ordem, e fica à espera do que é que vai acontecer, isso não... uma pessoa não ganha muito por isso. Portanto, a ideia é quando ele-quando vem o pensamento, a pessoa afasta. E resguarda, diz “Não penses nisso.”*
- *“Aquilo de passar... não dava muito para... para falar da coisa. Não, lá nunca fala- nunca se uhm... falava muito do”...”Do que acontecia... toda a gente sabia como é que era e... e pronto, mas...”*
- *(E5)”Estávamos em campanha, pá, estávamos no mato, eu tinha uma peça. Houve uma altura em que tinha uma peça sozinho, não tinha, não tinha arame farpado, não tinha nada, se eles quisessem apanhavam-me à mão. E depois ouvíamos lá o rádio ao lado de uma “Maria de Turra” qualquer, pá, que dizia, é pá “Os assassinos da antiaérea”, porque é que tinham feito (fogo) não é? “Não vão acabar a Comissão”, não sei-não sei. É pá, tudo coisas para “ajudar” psicológicas, ao contrário, bom... De maneira que é pá, a pessoa vem... imagine como é que a pessoa vem...”*
- *“Mas o que realmente- a grande pressão era é pá, o fogo de artilharia. Eu saber que estava a determinado sítio a ser atacado. E que é preciso ir para lá, e pronto e depois às vezes e de vez em quando, encontrámos rapaziada que estavam nesses sítios. Encontrávamos lá em Bissau e conversámos de aquilo que tinha acontecido, e o que é que não tinha acontecido. Mas era uma pressão, era uma pressão pá, uma pressão ali terrível pá. E para mim era*

uma responsabilidade enorme que eu-”...”Eu tenho que confirmar. Porque senão o tiro em vez de (assinala com o dedo na mesa) aqui é o coiso, em vez de ter aqui, pode ter ali (aponta para outro lado da mesa).”

- *(E6) “A gente está lá inserido, está lá metido dentro do combate e não pode haver queixas, nem dores da cabeça, nem dores de pernas, nem dores disto nem de acolá.”...”e ninguém pode dizer assim “Eu não quero mais isso. Eu vou me embora, eu quero-me ir embora. Não quero.” Ninguém pode desertar.”*
- *“É lutar para a frente. A luta não é... A gente ali não tem hipótese nenhuma de se queixar aos Alferes ou aos Oficiais, porque os Oficiais dizem “O quê que queres que te faça? Opah toma um comprimido.” Não há hipótese nenhuma ali de queixas nenhuma.*
- *(E7) “Era uma situação digamos que eu-eu poderei considerar que nós próprios, o nosso organismo quando está numa situação dessas, cria entre nós quase-quase como se fosse uma -morfina que nos vai anestesiando para nós não vivermos demasiado esse abandono, abandono da família, abandono dos amigos e o próprio organismo reage.Faz isso. E depois nós vivemos apenas o dia a dia*

*Prevalência do Das Mann
no Dasein de Guerra*

- *(E3) “Estávamos a guardar uma fazenda. Que era do Acácio Cunha e do Maurício Vieira Brito. Que era nessa altura presidente do Benfica. O Maurício Vieira de Brito e era o Acácio Cunha que eram donos daquela grande propriedade, que eram 50 e tal quilómetros, era do Ucuá até ao Piri, que era café, sisal e tudo isso.”*
- *“E nunca dizíamos mal para a família, não podíamos. Eu nunca disse a minha família que vi tantos mortos, ou que sofri um ataque ou isto-nada. Não, não porque havia a Polícia Judiciária Militar, havia a judiciária militar. E nós podíamos estar a falar com um companheiro até que aparentemente era assim como eu, sem cultura, mas ele podia ser da PJ Militar... E nós sabíamos disso”*
- *“Não...não queria não, não, ainda era aquele medo antigo do regime. Nós não podíamos dizer que estávamos mal nem nada. Tínhamos de dizer que estávamos bem e eles. Eh o regime...-como é que eu hei de dizer- incutia-nos... Até havia lá uns papéis que eles me faziam, o desenho de um militar com um fecho na boca, o militar com o fecho na boca, o fecho daqueles fechos é que assim (aponta para o fecho éclair no seu casaco). Destes fechos.”...”Quê, não podíamos dizer nada. Ah, depois dizia assim, “Militar de confiança usa fecho de segurança.” Não podia dizer nada, e até a escrevermos nós, quando era para a família- os aerogramas, nós dizíamos que estávamos bem.”*

-
- *“Tive que me defender, não é? Também não sou santo nenhum, mas... era assim, era assim, portanto, nós já íamos daqui com a psicologia que nos era incutida nos treinos cá, portanto, nós quando íamos aqui já íamos minimamente preparados.”*
 - (E4) *“Aquilo era um- era uma tarefa, o ir à guerra. Eu ir ao ultramar, era uma tarefa que tinha princípio, meio e fim. Quando chegava ao fim já tinha feito tanto o...uhm..., a minha- a minha atuação e...e...e depois, quer dizer é-é porque é “preto e branco”.*
 - *“Fui para o IR-5, que já não existe, para dar uma...uma instrução. “Ordem Unidas” e...nessa situação não...não...não entrámos pela situação militar, entrou-se mais pela situação do...de....”formatar” o pessoal para...agir em conjunto, que é uma coisa que é... pronto, é...na tropa era assim (ri) na tropa é assim.”*
 - (E6) *“Quando nós estamos lá, nós não pensamos em mais nada. É tentar defender a pátria, como se diz. Ao defender a pátria, defendemo-nos a nós.”*
 - *“E então o que eu digo hoje... diz qualquer pessoa soldado, o oficial “Está lá, é para cumprir e o que acontecer. aconteceu.”*
 - *“Então ali...É uma ordem. É para matar. É para... é para andar para a frente. É para combater, é para combater. Até ao fim.”*

Pragmatismo de Guerra

- (E1) *“É assim, a idade... acho que a idade é propícia para isso... uns com os outros e... estamos aqui, e temos que lutar, e temos que... nos defender, e tem que ser todos por um e um por todos, pá... não podemos estar aqui um para cada lado, pá... Portanto a adaptação... tinha que ser, tinha que ser, a gente sabia que tinha de estar ali dois anos - eh - mais dias menos dia, mais semana menos semana.”*
 - *“Negativo, porque nós fomos colocados numa zona em que não havia quartel.”...”começámos a fazer abrigos - ehh - abrigos subterrâneos com troncos de madeira, e depois púnhamos capim e terra para cima. Porque se viesse alguma granada, alguma morteirada, aquilo ia atenuar quando alguém estivesse no abrigo... e iríamos ficar protegidos, á partida... ehm... E também depois começámos a construir umas casernas, tipo...(gesticula) mais uma coisa tudo muito fraco, tudo á base de madeira-uhmm- o batalhão forneceu para lá uma chapas de zinco.”*
 - *“Numa terra daquelas, quente como é, não está a imaginar aquele calor intenso. O que é que nos safávamos a nós era que inventámos com umas canas entrançadas (gesticula)*
-

e... púnhamos capim, o capim é de metro e meio de altura ou dois metros, apanhávamos aquele capim e fazíamos uma... uma proteção de capim para evitar que o calor e o frio- mas mais o calor, o frio aguentava-se bem, era mais o calor, para um indivíduo poder descansar.”

- *“Nós nos primeiros meses, os primeiros meses, a maior parte das noites dormíamos debaixo das Berliets e dos... outros carros que lá tínhamos... para proteção portanto. Eu sentia-me mais protegido dentro ou debaixo de uma Berliet-a dormir - do que numa cova. Uma cova que não tinha proteção, se viesse uma granada, se viesse uma morteirada... e caísse lá dentro do buraco, todos os que lá estavam lá ficavam.”*
- *“Uma das saídas que tivemos para...para o interior da mata, em que... tava previsto ficar-mos-desculpa (distrai-se)- tavamos previstos andarmos por lá 4 dias, levámos ração de combate para 4 dias... e depois a coisa correu mal e prolongou-se para 6. E nós tínhamos o cantil da água, que é 1 litro de água á cinta. Tínhamos que ter muito cuidado com a água, não era beber água, era molhar a boca. Tínhamos que esticar aquilo”...”nessa saída, parte do pessoal já não tinha água, e descobrimos lá uma..um local húmido onde os elefantes, notava-se perfeitamente, que os elefantes tinham lá andado a esgravatar, também à procura de água, não é? E nós começamos também ali a esgravatar e então, ao fim de um bocadito lá encontramos água. A água começou a soltar-se da terra, tipo areia,não-sei-quê, a água começou a não-sei-quê, e com um copito encher os cantís,não-sei-quê. O enfermeiro ia sempre preparado com umas pastilhas já próprias, uma pastilha dentro de cada cantil. Mas notava-se que a água era tão má...tinha tão fraca qualidade, que notava-se aquela bolha à superfície.”*
- *“caçávamos um ou outro quando não havia mantimentos que chegassem...quando estavam ali numa fase já crítica, nós tínhamos que nos fazer á vida. Íamos para a mata à procura dos animais, para abater...quando apanhávamos uma pacaça não dava para nada, para para um quartel, porque eramos cento e tal homens, uma pacaça não dava um bife para cada um. Longe disso, agora quando apanhava-mos uma zebra... ah isso aí, caramba. Um gajo chegava ao quartel, lume aceso, cortar, brasa e comer... sempre a aviar.”...”. E pronto, mas isso era quando realmente os mantimentos que tínhamos trazido estavam ali uma fase já escassos. E, então aí tínhamos que ir à à caça.”*
- *(E2) “Eu fazia o meu trabalhinho, eu tinha enquanto-Digamos os mecânicos meus colegas... tiraram o curso, digamos assim, e muitos andavam a estudar direito, estavam a estudar outras... gestão, sei lá que mais- eu estava mais... Andei nas escolas industriais, trabalhei com*

tornos, com máquinas, depois fui para mecânica de aprendiz, portanto, digamos o curso para mim foi relativamente fácil.”

- “OK lá de regresso, o motor direito falha, começa a falhar e falhar e ele olhar assim para mim eu... (Gesticula expressão de nervosismo) “Que é que eu faço?”...”E eu começo a pensar lá nas teorias e tal, “crossfeed”, que é que eu faço?”...”“A.” a olhar para mim “É pá tu és uma máquina” (riso nervoso). Há coisas que saem bem, mas tá a ver o que acontece, pá um momento de inspiração. Aquilo é uma luta pela sobrevivência antes que a gente fosse para ali abaixo, e tive de pôr os neurónios a funcionar. “
- (E3) “Quando fui para lá, por medo o respeito que tínhamos, não é, ao aprumo militar, digamos assim, ou ao “excesso de zelo”, como queiram chamar, nos primeiros, dividia as coisas em meses, em 3-3-3-3. Os primeiros 3 meses, eu deitava-me em cima da cama com a arma nas pernas, deitava-me e metia assim arma nas pernas. Não me descalçava, não despia...estava ali deitado, à espera... que alguma vez acontecesse. E tem graça, nessa altura nunca aconteceu. Quando eu já estava “Pronto agora já cá estou há mais de 1 ano, ISTO já (gesticula) pronto.”, comecei então a descalçar as botas. Depois, comecei então a tirar as calças e a camisa, e lá me deitava. Foi então, quando um dia houve ataque ao quartelamento uma noite. E pronto, vesti as causas ao contrário.”
- “Um dia chega-me, estava eu de reforço com outro colega, e chega me lá o capitão com um sargento-eletricista, porque nós estávamos na guerra, não tínhamos acesso a coisas- material moderno como há hoje, não é? Então o que é que eles inventavam? Nós tínhamos que inventar nós, portugueses inventávamos muito.”...”E graças a deus, estive atento e consegui, mais o meu colega. Era assim, não havia tecnologia, era assim, ele encostava o borne à bateria, uma bateria com borne, e eu com o holofote.”
- “Portanto sabia que estava em guerra e que tinha que sofrer, tinha que aguentar aquilo, não ia para lá dizer, “Ah, então em minha casa”. Eu em minha casa não comia melhor que lá...”
- “Eu comi, o capitão comeu também, e eu assim, “Oh meu capitão, eu na minha casa não comia melhor que aqui” e não...então lá está e o capitão disse, “Meus senhores, nós estamos em campanha, não vamos aqui comer bifes todos os dias.”
- “E eu tinha que repartir, para todos de igual forma, mas havia aqueles que nunca estavam satisfeitos agarravam em pão, mandavam-me com um bocado de pão para cima.

Depois estávamos em campanha, eu não podia fazer milagres.”

- *(E4) ”Uma cantina que era transformada, portanto, em posto de comando e depois à volta fazia-se um... uma paliçada com árvores e tal. E...com o tempo uhm... aproveitámos o terreno, que era argiloso, e fez-se uma caserna para o pessoal, mas isso ainda levou uns meses, isso ainda levou os meses. Quando saímos de lá, já estava o quartel todo feito.”... ”Todo, tirando a cantina que lá estava, depois o resto foi tudo feito pelo... pelos militares que lá estavam.”*
- *“aquilo era ao almoço, enchíamos o prato até a bordinha, comíamos metade, e guardávamos a outra metade para o jantar. Porque quando acabavam os frescos, então tínhamos que ir para as rações de combate. E...eh pá, aquilo que é deu-me uma... Uma particularidade que era: havia umas latas que chamava-se de “carne afiamburada”, portanto está a ver, um género de uma “massa” que eles metem dentro de uma lata e aquilo, portanto, será o bife-a carne que (ri), mas é- pronto, isso são tudo coisas (ri), tudo do-do-do-do dia-a-dia”*
- *“Eu atribuo àquelas idades jovens... uhm... de poder pegar numa situação nefasta e conseguir transformá-la numa situação em que é “aceitável” entre entre aspas.”*
- *”é que a pessoa sabe que tem que passar por aquela experiência, e tirar dela o melhor proveito possível...”*
- *(E5) ”tínhamos armas da Segunda Guerra Mundial, que tinham sido cedidas pelos ingleses. Ou seja, tínhamos peritos, tínhamos radar, tínhamos não sei quê, só que nunca, nunca-nunca fizemos fogo, nunca fizemos fogo... de antiaérea, até porque aquilo era demasiado lento”... ”por tal, fomos transformados-fomos transformados para uma companhia de artilharia. E demarcada como companhia de artilharia e simultaneamente também de infantaria.”*
- *“Ah, eu estive durante um... era normal, quando as tropas fossem para o Ultramar, ir fazer cerca de 1 mês do chamado IAO, que era a adaptação-adaptação àquilo. Eu, como fui-comei fui, em rendição individual, não tive IAO nenhum. “Vai te embora” 2 dias- uma semana depois ou 15 dias depois, estavam-me a mandar para montar uma peça, eu montei a peça, eu e a minha rapaziada.”*
- *“E quando chegámos, nós é que construímos. Durante muito tempo foi a mandar arvores abaixo, foi a mandar as arvores abaixo, foi construir pá, foi fazer o arame farpado, depois não sei quê...”*
- *“É pá, a pessoa arranja fugas, por exemplo, a fuga que eu*

arranjei para ter que estar ao sol, e aquele sol “bum!”, era bronzear-me. Para depois, quando viesse de férias para aparecer aqui no Inverno todo bronzeadinho. Está a ver as fugas que as pessoas fazem...? E era a minha fuga para suportar aquela história.”...”E dei-me bem com isso, porque suportava muito melhor.”

- *(E6) “O desânimo... Comia-se igual como se comia outra coisa qualquer. Não há água limpa para se beber, bebe-se água do charco, onde pisam os búfalos, os elefantes. Não havia água, não havia água nenhuma. Então o que é que a gente vai pedir? Não há.”*
- *“O João era um tipo forte, espadaúdo, possante... E eu quase que mal me arrastava, porque eu era, como se diz na minha terra... Era fininho, era um “jangrinhas”, era muito fininho, percebe? “*
- *“Eu chego aqui, tenho um acidente. Bate contra um carro, bate contra mim, há ali um morto, um ferido e não sei quê. A gente chega ali, quer falar, nem pode. Fica tão gago, tão nervoso, tão nervoso, tão nervoso, tão nervoso que chega nem sabe, olhe... Nem sabe escrever, nem sabe ver nada. Era o que acontecia connosco na guerra, e depois quando acabava, mas no dia seguinte já era a mesma coisa. A gente regressava ali de 8 em 8 dias, nós íamos, abrimos trincheiras, capim, tínhamos em cima desta altura, ponhamos o corpo, um bocado de tela. Tínhamos ali o saco de víveres e dormíamos ali, antes do Sol coiso abriamos as rações de combate, ao fechar... as rações de combate- tal tal tal tal. Bolachinha e não sei quê.”*
- *“Sentia os ramos a bater e com a cabeça metida no chão, com a arma e com a arma a varrer “Trrrrrrrrrrrr”. E à espera que desse a última *think*... Acabou. Quando uma rajada bate na gente, no peito, nos braços, na cabeça ou no corpo.... Rebenta com tudo e ficamos logo ali *Tau*. Ou o pronto socorro ou os colegas e tal, como aqui na guerra. Alguns vão tirá-los, andam a arrastá-los e tal. Meter ali, no buraco onde está a queimar aquilo. Está... Meter ali... Rasgar uma camisa, meter ali, para o sangue estancar. Era assim a nossa vida.”*

Mitsein de guerra

- *(E1) “Tínhamos que criar um ambiente favorável para que as coisas funcionassem bem, pá, para que a pessoa andasse mais tranquila, vá lá mais...olhar olhos nos olhos uns dos outros e é pá...”*
 - *“Hm... eh... e depois, a dificuldade era: um indivíduo levava a ração de combate... há uns que não gostam de uma coisa, outros que gostavam de outra, um indivíduo trocava a ração “Toma lá isto, dá cá aquilo não-sei-quê tal”, e dividíamos assim as coisas. Porque há aqueles que*
-

não gostam de determinada ração de combate- não gostam mesmo- e eu também era um deles. Também havia coisas que eu não... que não me entravam no estômago, e então fazíamos troca dentro do possível. Portanto havia uma boa relação, ehm... para colaborarmos uns com os outros nesse sentido, e isso era espetacular.”

- *“E isto também porquê, porque a população num modo geral tinham medo do tal “turra”.. e tinham medo porquê: Porque a população que se aliava a eles... “tava tudo bem”, mas a população que se aliava à tropa portuguesa, já a coisa não...não era a mesma coisa.”*
- *“Quantas vezes um individuo...quando o pelotão A ou B ia para sair... “É pá, quero te ver daqui a bocado, hã...tal como tás agora”. O pá, e a resposta era “Também espero”, mas nem sempre infelizmente nem sempre aconteceu”*
- *“Era pesado, era pesado, veja o que é... (suspira mesmo fundo como que nervoso) acontecer isso na mata e depois chegaram à unidade, como aconteceu... Enfim, colocarmos um corpo ou meio corpo dentro de uma caixa de sabão Tinha que ser logo uns caixotes, né? E então meter um corpo daqueles dentro de um caixote daqueles e deslocar não-sei-quantos quilómetros para ir levar á sede da companhia, que andávamos largos quilómetros. Depois chegar lá “Tem aqui”. É pá, um individuo fica assim, “Éh pá, este jamais...jamais o vou ver”, não é?”*
- *“nós depois tivemos... vá, por outras zonas mais calmas, onde já havia muita população, já convivemos com as populações.”*
- *”Mas os naturais de lá foram vítimas dessa gente e também os de cá que estavam lá a mesma coisa.”*
- *“Onde já havia população, havia sobretudo rapazes que se dedicavam a lavar a roupas dos militares. Um dia pagavam uma determinada quantia ajustada, não é? E eles levavam roupa, iam lavar ao rio não-sei-quê... traziam roupa, engomadinha, lavadinha, tudo porreiro enviavam para cá. Não me recordo quanto, mas era uma coisa (pouca) é porque nós também não ganhamos muito, por isso não podíamos pagar muito.“*
- *“O que eles gostavam muito disso era que, a maior parte deles tinham, se não todos, tinham grande dificuldade na alimentação, e então nós arranjávamos por vezes um bocado de sopa, pão...Às vezes quando era massa, e feijão, tínhamos umas latinhas já próprias que eles traziam, púnhamos lá e “Ó não-se-quê, toma lá” e ficavam todos contentes...porque aquilo para eles era bom, não é? Pronto era bom, era bom para eles coitados, não tinha outra coisa. E nós éramos também bem servidos no tratamento da*

roupa, os gajos lavavam muito bem roupa.”

- *(E2) “E nós, nós digamos, organizávamos, digamos, dentro deste dentro da nossa graduação, não é? Nós éramos especialistas: encontravamos-nos no bar, jogávamos futebol, lavávamos a roupa...(ri), era assim fora das horas de serviço.”*
- *“E então verificava-se que os portugueses que lá residiam não estavam a olhar muito bem para as nossas forças armadas. Olhavam para nós assim com uma certa... desconsideração, digamos assim, “O que estes gajos andam aqui a fazer, estão-nos a estragar a vida” não é? Porque as pessoas estavam a sentir que tinham de sair dali para fora. Começou-se assim a criar uma onda de protestos, quase, não é?”*
- *“Nós não fizemos mal nenhum, mas compreendo o que é que dizia na cabeça, não é? Portanto, estavam em desacordo connosco, não é? Quer dizer, nós não éramos bem vistos em lado nenhum (riso).”*
- *“Depois, houve uma noite em que eu fui ao cinema, e no intervalo eu vou para o bar. E entretanto, o que acontece mesmo à minha frente, desencadeia se uma cena de pancadaria”...”E cercaram-me... eu já estava a ver que era o fim da minha “carreira artística”, ia levarali tarefa, que nunca mais. Tive uma sorte do “arco da velha” mais um vez. Lá ao fundo, houve-se uma voz “Hey, Hei pára aí, o “pula” é um gajo porreiro”... Eh Pá era um gajo cara um calmeirão do “arco da velha”, que era negro e que era o homem que andava a abastecer os aviões. E que me conhecia do aeroporto”*
- *(E3) “Porque nós na tropa perdemos algumas coisas, mas ganhámos outras, que é sermos leais, fiéis uns pelos outros e frontais. E se tivermos que dizer que sim, dizemos que sim, mas se tivermos de dizer que não dizemos também que não. Mas isto é próprio da guerra, ainda hoje assim é...”*
- *“Mas vemos colegas nossos mortos. Aí começa a entrar o racismo. E entrou dentro de mim, e eu não sou racista, ainda hoje não sou... Mas quando matavam um colega meu, e eu estava numa zona que era do pior que havia, que era o norte de Angola.”*
- *“Quando nos matavam, olhe- Eu até era um dos indivíduos que, quando fui para lá, pensava em ajudar”...”Quando matavam um colega meu, eu já não os podia ver, era assim... Os garotos chegavam lá para nós levarmos resto da comida, nós dávamos às crianças”...”Era assim... Mas depois aquilo passava, passava e nós lá deixávamos outra vez. Então os pretinhos, coitados e coiso, e lá os ajudávamos “Vá, vamos comer.”*

-
- (E4) “era uma série de jovens que ali estavam para a fazer um trabalho, e era assim que nós víamos a coisa, e era ... Pronto, era ali que estávamos e tínhamos que estar, por isso não era- não, não se “empurrava” muito pá, e aí a convivência era boa. Era uma convivência boa...”
 - (E5) “Eh pá sim, eh pá, eu não sei quantos, não sei quantos rapazes ou homens no mesmo sítio, durante dias e dias de vida a fio, dá sempre... Mas às vezes havia, porque a pessoa está mal disposta ou por causa do serviço ou por causa disso ou por causa de aqueloutro. É um relacionamento como era cá fora, na vida civil, exatamente... Exatamente, as pessoas respeitavam-se, respeitavam-se umas às outras não é?”
 - “E criaram-se grandes amigos. Eu tenho, tenho-tenho amigos de lá, que depois de passado os tais 10 ou 15 anos, é pá falamos todas as semanas, pá, que vamos almoçar, vamos à baixa, vamos almoçar aqui ou e agora temos o almoço da companhia.”
 - “Como estavam no mato, não sei quê, que vinham do Senegal, não sei quê. Mas quer dizer, eles viviam ali, à noite e às tabancas, quando estavam ali naquela zona, não é? Portanto, eu, quando estava-quando estava a tratar, era uma questão de humanidade... Eu até podia ser familiar, podia ser filho, podia ser neto podia e não podia ser familiar, mas é pá, não amigos.”
 - (E6) “Era boa, éramos todos amigos uns dos outros. Porque tínhamos que ser. Sim, tinha que ser então. Se eu caísse, se eu fosse ferido, se me rebentasse uma perna, se destruíssem metade do corpo ou metade de uma perna, era o colega que vinha logo ali, tirar a gente daquele local, arrastá-lo, arrastá-lo, para uma zona melhor”
 - “Cada um tem o ... Tinha um... Mais afinidade por A ou por B, como se tratavam bem. “
 - “Às vezes, não me apetecia comer, estava completamente sem vontade, esgotado. Não tinha vontade nem para caminhar nem nada e havia um que hei-de descobri-lo ali.” ...”O João, que era o meu colega, pertencia à minha secção, eu era o cabo, ele era cabo.” ...”Então o João é que me dava a mão e me disse: “Vamos embora, vamos embora. Vá... vamos embora. Vamos chegar ao fim, M. Vamos chegar ao fim, M.” ...”Era o meu... O meu companheiro.”
 - “É especial, porque foi ele que me deitou a mão, foi ele que me obrigava a beber água. Foi ele que me dava a bolachinha. Foi ele que me dava aquela..., aqueles... Os doces. Ehhh... Porque ele era um homem resistente e eu estava no fim da linha. Eu... Eu estava no fim da linha. E
-

então foi ele que me deu a mão, foi ele que me levou para a frente e então chegámos aqui...”

- *(E7) “O meu grupo de homens, eram todos soldados africanos.”...”Eu compreendia-os e, pá, tenho-tenho, quando vínhamos de uma operação, chegava lá à companhia, dizia lá um homem dos bares “Bar aberto para os meus jovens, bebem o que quiserem que eu pago.”...”havia lá um soldado que era-que era Lourenço Marques, e que eu já discutia o colonialismo com ele, porque ele era uma pessoa que também tinha já lá... com quem se podia falar...já é uma cultura e eu falava disso.”*

Efeito corrosivo e desgaste psicológico da experiência

- *(E1) “É pá, um indivíduo tá ali, não-sei-quê, e vê uma cena daquelas. É...e um indivíduo a contar os dias para regressarem...(franze a cara). É daquelas cenas que ficam para a vida...ficam para a vida...”*
- *“episódios estão cá...estão cá, ficaram cá, ficaram cá...”*
- *“É uma ferida que está ali, tá com uma infeção e o indivíduo mexe, e a infeção agrava, está a ver, portanto o melhor é não mexer nela.”*
- *(E2) “Mas não aconteceu nada, felizmente tive sorte, mas são vários fatores e muitas histórias destas, que depois deixam uma pessoa...”*
- *“Aquilo, embora um episódio de guerra, mas é dos muitos acontecimentos que uma pessoa vai somando e que no final... só tem coisas desagradáveis para pensar, não é?”*
- *“Os episódios mais marcantes...quer dizer, momentos de tensão. Uma pessoa está enervadíssima, ao limite, quer dizer, não imagina até que ponto é que vai com esses pequenos acontecimentos? São muitos pequenos acontecimentos e uma pessoa, num todo.... Está todo esfrangalhado, como se me disser, são várias “quedas”, não é?”*
- *“São pequenos acontecimentos, pensamentos que às vezes nos limitam. Não é? A gente a pensar “Agora se calhar... que vai acontecer agora?” Andava sempre com o coração nas mãos, como se costuma dizer...”*
- *(E3) “Depois eu, olhe uma brincadeira, uma brincadeira estúpida que me ia custando a vida, e muitos lá morreram assim. E vi muitos morrerem com- aconteceram acidentes por causa de brincadeiras com armas, não se brinca com armas nem com coisas, a guerra é para ser levada a sério. Mas temos ter muita atenção, porque nós estávamos habituados a lidar com aquilo, para nós não era nada. No entanto, é que a gente já nem sequer tínhamos a noção de que aquilo se podia virar contra nós, não é?”*

-
- (E4) *“Há um fator que, é que realmente tem toda a relevância para... ir, ir á para uma guerra, seja ela qual for: Coloca sempre a situação de uma-de uma pessoa que está numa posição em que ou mata ou morre. Esta dicotomia, hã, faz um... um... é-é “corrosiva”, infiltra-se na pessoa e...muitas vezes uma pessoa não-não sabe porque é que está a reagir de certa maneira. Mas, no fundo no fundo, aquilo estimula o nossos instintos, e aí aparece a... não é um, não é uma situação muito... a cerebral. É mais...é instintiva, está a ver? O instinto, declara-se muito mais...forte nesta nesta situação, e daí uma pessoa começa a muitas vezes, até subconscientemente, a sentir determinadas pressões psicológicas que consegue ou não consegue ultrapassar.”*
 - *“Mas há toda uma série de-de pequenos... detalhes aqui e acolá que, deste género, que... é pá põe a pessoa mesmo a ferver.”*
 - *“porque não é um evento só, são a coletividade dos eventos é que faz essa- crescer essa pressão dentro de nós.”*
 - *“o tal sentido que eu que eu falo, em que quando uma pessoa é posta com...no meio do mato, e vai com a arma apertada..., e está à espera de encontrar inimigos salvo seja, é... isso são... Isso é uma “lança” que entre, que é- é atroz, é. a pessoa não se sente bem porque... está constantemente em alerta.Esse constante alerta provoca, é pá aquilo... Faz-faz... Não faz bem, (ri) aquilo não faz bem. Uma pessoa sente-sente-se... fraca e sem possibilidades de conseguir... fugir à- às...”*
 - (E5) *“É pá, é que eu estava ali, e estava ali coitadito, estava ali. Era um miúdo estava ali sozinho, isolado, podia ser apanhado à mão. E foi esse tempo que eu estive, em que estava sob uma pressão desgraçada. Eu estava sob pressão desgraçada desse tal... do sentimento do “sempre alerta”. E eu digo-lhe, olhe que é desgastante...”*
 - *“Quer dizer, esta coisa de antigamente... de estar... sempre (atento), isto acompanhou-me ao longo da vida e isso desgastou-me... Desgastou-me, tem-me desgastado mais do que tudo. Que é o alerta- e também aprendi aqui, que eu também não sabia isso: é o alerta permanente, é o cansaço, é um frio nas costas, pá, é como se tivesse um... uma “Espada de Themístocles”, mas quer dizer, mas a espada anda lá em cima e não está-não está direitinha, certinha, pá, mas como é acertar no meio das costas, vai.”*
 - (E6) *“Então a minha cabeça estava limpa. A partir que você, doutor, faz uma guerra, podem-lhe fazer mil e uma pergunta e você pode dizer assim: Olhe, é tão horrendo, tão destrutivo, tantos níveis que eu nem lhe sei explicar, não sei*
-

dizer.”

- “Chega ao ponto de dizer assim: *Epá, nem me fales mais nisso. A gente chega a um ponto, está a falar nisto, chega a um ponto, fica tão baralhado, tão baralhado, tão baralhado e só digo assim: Olhe.*”

*Alienação, Saudade e
Distorção da Temporalidade*

- (E1) “*Nós escrevíamos com frequência na altura. Existia o... foi criado o aerograma, ”...”e então escrevíamos com regularmente, eh, escrevíamos para lá e respondiam por lá e não sei quê mais era.. era assim um bocado. Estava sempre à espera de notícias e vice-versa, não é...E vice-versa. Lembro-me muito bem de quando a minha mãe recebia aerogramas dos meus irmãos mais velhos... ”*
 - “*Nós tínhamos um cinturão em que cada mês que passava era um furo que fazia no cinturão, e cada vez reduzia. “Olha falta só (gesticula), só faltam, ainda faltam “não-sei-quantos” e o cinturão era furado mês a mês, com menos um mês que tínhamos de lá ficar.*”
 - “*Mas desertar para onde?...Para onde?... Não... Houve quem desertasse porque estavam em locais apropriados. Nós não, nós na mata, não tínhamos para onde desertar; ”...”Era para esquecer o desertar. Sair dali e depois a distância que se tinha de percorrer da unidade até ao Malau. Eram dias e dias e dias de mata que um individuo que se não tiver meios, não sabe se está a seguir no caminho certo ou está do contrário, não tem hipótese.*”
 - (E2) “*E eu... “Estar em Malange ou estar ali, eu estava longe de casa” (riso)*”
 - “*eu escrevia para uma moça que morava perto dos meus pais, através dos aerogramas. E, portanto, ela é que depois dava sempre feedback aos meus pais de como é que eu estava. Porque eu uma vez consegui telefonar para para a minha mãe, para uma vizinha da minha mãe. Porque a minha mãe ainda não tinha telefone”...” Só consegui isso uma vez, mas foi com uma marcação prévia de muito tempo, foi quase pelo Natal assim próprio. Mas, de resto, era através do aerogramas para essa moça que era vizinha da minha mãe. Bem, portanto, era assim, impressionante, as coisas assim... ”*
 - (E3) “*Foi uma experiência dura. Como como enfim todos praticamente que lá foram passaram por essa experiência. A ausência da família, dos amigos, o rigor-vá digamos assim-do clima, as mortes... que eu vi.*”
 - (E4) “*eu permaneci lá durante 18 meses seguidos...18 meses seguidos, é pá e aquilo é...a inação- em aquela, aquela rotina diária que uma pessoa tinha. ”...”Mas... o tempo que lá estive... éh, aquilo, uhm... dá uma certa-*
-

como é que eu ei..como é que eu ei de pôr-... uhm... são jovens. O pessoal que lá estava era tudo jovens, e um jovem não gosta assim, pronto, de aquela “paz” e sossego e-”...”A monotonia da coisa, não-não se dá bem com isso. Eu pedia frequentemente, sempre que havia aquilo que era chamada de “nomadizações”. Portanto saía um grupo de combate, saía para fazer umas rondas aqui e acolá, uhm... Eu pedia para sair, porque estava tudo a trabalhar bem, e eu não tinha... não tinha mais nada para fazer. Portanto, eu saía para com os pelotões, a fazer uhm, exatamente essas “nomadizações”. Saía do sítio, saía do sítio, porque 18 meses no mesmo sítio (riso nervoso) é muito tempo.”

- *“fizemos uma pista para os- para os aviões aterrarem. Aviões que são os “Dorniers”, os “DOs”, que traziam alimentação e traziam também a correspondência. E essa era vital, porque uma pessoa muito longe, e com o tempo a passar, há distorções que-que uma pessoa, pá - dá a sensação que uma pessoa não esteve lá 18 meses, mas sim 18 anos. Estás a ver?”*
- *“Quando se vinha para o Sul, imediatamente desaparecia aquela tensão de “O que é que pode vir a acontecer”. E... e quando cheguei cá, eu quando cheguei cá, a minha perceção era que vim encontrar um Portugal completamente diferente, porque a noção de tempo em que lá estive não foi os 18 mais 10 meses. Foi, sei lá... 10 anos, essa foi a impressão que eu tive quando cheguei, disse assim, “É pá, já há muito tempo que saí daqui, aquilo-Portugal deve estar diferente”. Não, estava tudo exatamente a mesma (ri), mas essa foi a impressão mais forte. Pensavam que já ...pronto, que as coisas tinham evoluído para melhor e que as coisas estavam- que se estava melhor em Portugal, e... não foi (ri), não foi.”*
- *(E5) “Eh, é as saudades, pá, as saudades. As saudades da família, as saudades da namorada pá, as saudades de estar lá e estar... (suspira)É pá e o não saber o que é que se passava cá. Quer dizer, porque naquela altura não havia telemóvel nem nada disso, não é? Portanto, a pessoa ia para lá para e ponto final. Se quisesses, escrevias uma carta, não é?”*
- *“Quer dizer, a pessoa estava lá isolada, não se vê o que é que se passava. Enquanto eu lá estive, a minha avó morreu, por exemplo,soube uns dias depois”...”E a um belo dia em que é pá, aparece-me um condutor a meio da tarde, acho eu, já não me lembro... “Ó Furriel, assine-me aqui, se faz favor aqui o documento de autorização de saída da viatura”, e eu “Tá bem, dá cá isso.”, ele ia não sei aonde a um serviço qualquer “Dá cá, dá cá o papel, para assinar.”; “Tá bem, tá bem.” E foi como á bocado, e perguntei assim, “É pá, quantos são hoje?”... E ele diz-me, ele assim “São 29”; “29 de...(Agosto), (gesticula assinar documento à*

pressa) aqui tens o papel.” (Para ele próprio) “É pá, esta-esta, esta data não me é estranha...”. Era o dia dos meus anos... Está a ver como é que uma pessoa andava, onde é que andava a cabecinha da pessoa?”

- *“Depois veja bem como é que a pessoa... é pá, andava assim, estava meio “aluado”, não é, meio “aluado”.*
- *(E6) “Era eu morrer lá...pertencia a uma família de...rural, sem condições nenhuma para me irem buscar, morto, e ficar lá. Enterrado como ficaram muitos. Uma tabuleta, que já nem existem tabuletas, e ficar lá num buraco, que nunca mais via os meus irmãos nem a minha mãe.”*
- *“Chorei quando um, parte, dois feridos partem para Nampula para o hospital e eu agarrei me a ele e disse assim: “Eu gostava de estar ferido, ir contigo para Nampula porque faltavam 3 meses para irmos embora”. Eu digo assim para ele, ao enfermeiro, eu já não me lembro do nome: “Quem me dera estar ferido como tu estás, mas estás vivo, mas vais para Nampula, para o hospital e vais-te embora, já não vais lá, já não voltas aqui.”*
- *“Se eu tive vários anos, alguns anos, com a hipótese de morrer, de me matarem, ficar por lá, ser um trapo, ser um animal deitado ali para um buraco, sem nada, sem ninguém, nem um adeus. Para mim a gente quando está morto, acabou tudo. Era isto que a gente pensava e era isso que aconteceu a muitos.”*
- *“Quantas vezes vontade tinha eu e dezenas de dar a sola se alguém se agarrasse em nós “Pá vá, vamos embora, vamos embora. Vais comigo para a China” Era logo no dia seguinte.”*
- *(E7) “Era uma situação digamos que eu-eu poderei considerar que nós próprios, o nosso organismo quando está numa situação dessas, cria entre nós quase-quase como se fosse uma -morfina que nos vai anestesiando para nós não vivermos demasiado esse abandono, abandono da família, abandono dos amigos e o próprio organismo reage. Faz isso, e depois nós vivemos apenas o dia a dia”*
- *“Depois saudades, de saudades da-da minha vida, da minha vida civil, pá, namorada, pá, aquelas...”*
- *“A gente só sabe que o Sol nasce e o Sol se põe. Uma das coisas para-para-para-para-para lhe explicar isto... Nós ao fim de um certo tempo, a mim aconteceu-me e também aconteceu a muitos, que eu depois falei, ao fim de certo tempo de estarmos na guerra, só no mato, na floresta, operações para aqui, operações para ali... Nós perdíamos a noção de que dia é que estávamos na semana, se era*

domingo, se era... Perdíamos a noção, perdíamos a noção.”... ”Eu, por exemplo, o meu acidente, eu só estive...eu depois para saber o dia que que era, tive que fazer um esforço na altura, já depois estava no hospital, é que vi o dia em que- em que eu tive o acidente porque foi com uma mina.”

4.3. Temática Três: A Persistência deste “Ser na Guerra” na Vida Civil

Corte com o passado/perseguição do futuro

- *(E1) “E 3 lá da companhia optámos por fazer um requerimento a solicitar um ingresso na PSP, mas cá (Portugal), não lá.”... ”E eu na altura ainda hesitei e não-sei-quantas “tá-tá-tá”. Mas depois disse “é pá, espera aí, mas isto secalhar é um futuro, secalhar vou... vou abraçar o futuro.” Se bem que na construção civil também havia futuro, naquela altura havia muito trabalho, mas era um trabalho mais duro e com outras condições”*
 - *“Na altura era fácil, mas houve um tempo em que pensava assim “Eu vou despir uma farda e vou ter que vestir outra”.Para ingressar na PSP tinha que vestir outra farda. Diferente, um trabalho que não tem nada a ver uma coisa com a outra, rigorosamente nada... mas pensei nisso, pensei nisso, vou ter que despir uma farda, mas vou ter que vestir uma farda se quero seguir em frente, e foi o que aconteceu.”*
 - *“É assim, eu não senti muita mudança, porquê? Porque estive num espaço muito curto... e quase não deu tempo para respirar. Despi a farda de militar e 2 meses depois estava com a farda de polícia. De maneira que, foi uma continuidade... uma continuidade.”*
 - *“eu casei depois de ter vindo, eu casei já com 27 anos. que era adulto já... já era adulto.De maneira que depois vieras os filhos, um individuo tem que se dedicar aos filhos, porque são filhos”*
 - *“Nessa altura...estes problemas que eu acabei de citar não vinham à ideia. Ou raramente quer dizer, vinham a ideia, mas era assim uma coisa ao de leve, está a ver? “É pá, não-sei-quê e tal, mas pronto, passado.” Porquê? Porque um dia tinha uma ocupação constante. É o trabalho... lembra-se do serviço... entretanto casei, vieram filhos, e o individuo entrega-se a esta coisa esta rotina não é? E tenta “pôr de parte” estas cenas da tropa...”*
 - *(E2) “Passar a vida civil foi muito bom, muito bom. Foi um alívio muito grande e inclusivamente que, lá está pensar, voltar a trabalhar.”*
 - *“Sim, sim, eu depois voltei a estudar de noite, ou seja, eu*
-

andava na altura no antigo sexto ano de aperfeiçoamento de serralheiro. E então as equivalências, aquilo que tive que fazer 2 anos para dar a equivalência ao 12º ano na altura. Então fiz esse 12º ano e depois mais tarde voltei a estudar outra vez.”

- *“Eu estava na altura a trabalhar na Portela e queria sair da força aérea. Queria sair do serviço militar, já tinha feito 4 anos. “...” Eu fui à força aérea, lá à base, e apresentei aquela declaração em como arranjaría emprego se me deixassem sair. E na altura decidiram que era conveniente que os militares saíssem do serviço, não é? E então deixaram-me sair com 4 anos de serviço militar na força aérea.”*
- *“Eu, nesse momento não sei, porque o único- porque eu uma coisa que eu notava às vezes era o acordar muitas vezes durante a noite e... Mas pronto, eu desconsiderava isso pronto, ia andando... Mas talvez pelos convívios com os colegas, às vezes os jogar futebol uns com os outros, aquilo talvez assim... distraído, digamos, e pronto... Mas eu depois de casar, é que eu comecei a ter assim mais alguns problemas de... lá está, noites mal dormidas por vezes. Os problemas que aconteciam, às vezes com o nascimento dos meus filhos. Portanto, enfim, com tanto a vida de casado, a vida dos filhos, e de outras dificuldades etc., mas que vamos vencemos.... É um acumular talvez, lá de acontecimentos que eu tinha na mente e que não conseguia ultrapassar. De vez em quando lá punha-me a pensar outra vez nos episódios da guerra, quando eu achava que não devia pensar mais nisso. Mas apareciam-me às vezes as ideias e pensava.”*
- *(E3) “Essa transição foi dolorosa. Essa transição é, é ainda hoje. Ainda hoje sou um bocado rijo, duro, às vezes com as pessoas. Porque isso foi uma coisa que eu já trouxe de lá.”*
- *“Porque... nós-eu, quando vim embora, é que estava “pronto para continuar lá”. Pois era, porque até aí foi sofrer. Até aí foi sempre a sofrer, mas...”*
- *“Vim, vim modificado, muito modificado. Muito, muito modificado, e sou muito correto nas coisas, eu para mim não entro em nada que não seja justo, que não seja sério. Portanto, se vierem propor uma coisa, numa vigarice qualquer, eu não, não alinho, não. Há uma coisa que eu trouxe, é isso, é a “honestidade”.”*
- *“Se alguém me dissesse que era da guerra, eu dizia que não. “Não foi nada, nada da guerra, isto é a canalha, são malandros que me andam aqui a tentar...”*
- *“Porque as pessoas que cometiam crimes, pessoas iam saber, era tudo militares que tinham estado na guerra. E*

não sabiam que tinham, assim como não sabia. E que me custou a aceitar, senhor doutor, posso ser sincero, custou-me aceitar, que fosse da guerra.”

- *(E4) “Nunca se despe a farda.”... “Eu-eu no meu caso, eu tenho-a ainda vestida”... “Não, não, não se despe a farda, não se despe a farda. Eu tenho-a eu comigo, é.”*
- *“Uma guerra é uma “anomalia”, ou seja, anomalia a partir do momento em que se nós pegamos pá num “mancebo”, que é novo e que está habituado, pronto, na vida civil de fazer um determinado tipo de vida, e que a partir de uma certa altura entra para militar e vai fazer outro tipo de vida”... “Uma vez tendo estado numa guerra, a pessoa encara a realidade que viveu “Já não estão em guerra”, mas por fora, porque por dentro-por dentro está lá a “série”... “nós em período de civil, depois de ter feito, portanto, a guerra, em princípio, devia ser: “voltar ao normal”... Depende, depende.”*
- *“Aquilo era um- era uma tarefa, o ir à guerra. Eu ir ao ultramar, era uma tarefa que tinha princípio, meio e fim. Quando chegava ao fim já tinha feito tanto o...uhm..., a minha- a minha atuação e...e...e depois, quer dizer é-é porque é “preto e branco”. Na parte civil, nós funcionamos de uma maneira, na parte militar nós forçosamente estamos a funcionar de outra maneira. Porque é-porque há as situações que se nos põem é que vão fazer com que uma pessoa... E também a nossa própria maneira de interpretar...Não.”*
- *“Mas eu sinto que ainda estou com a farda vestida... Mesmo, mas continuo a dizer que tudo teve o começo para mim, esta a fase da guerra, teve tudo o começo a partir daquele acidente que eu tive, porque eu nunca cheguei a saber o que é que aquele acidente pode ter provocado pá na... na minha cabeça.”*
- *(E5) “Eu pensava que tinha vindo bem, vinha inteiro... vim inteiro... Com camaradas meus que não vieram. Não sei pá, ouviam-se os helicópteros a chegar com feridos para- e a gente sabia o que é que é que se passava... Pensava que vinha bem, mas não vinha, e que me tinha afetado mentalmente, pá.”*
- *“É pá, despir foi um alívio, não fiquei com nada da farda”... “A única coisa que eu fiquei foi com o cinto... com o cinto”... “O cinto do- o cinturão do-do camuflado, não é? E é pá, e as minhas- e as minhas divisas velhinhas, as que andaram lá.”... “as que andaram lá na guerra, já estavam todas queimadas, todas desbotadas e não sei quê. E foi a única coisa que eu fiquei, tal como muita malta ficou com as boinas e ficou com o camuflado.”... “É pá, símbolo-símbolo de quê, é pá símbolo- O símbolo da-da*

minha estadia lá fora, da minha estadia lá fora...De resto, deixei lá tudo, deixei lá tudo, tudo tudo. Tudo o que era de lá, deixei lá.”

- *“Já lhe posso dizer, como é que-como é que eu vinha? É evidente que era uma alegria vir embora, não é? Por Deus, ir embora. Mas vinha de tal maneira...”*
- *“E depois eu cheguei cá, fiz os exames, fiz a.... Ou então, casar-se, era isso ou fazer a admissão à faculdade de direito, que eu queria seguir direito.”...”E, portanto... fiz e passei, fiz e passei, e depois não tive cabeça para continuar, pá. É dizer que complicou-se tal maneira, pá, esta dificuldade toda (imita som e gesticula “revolta”) e acabou, pá. Virou-se tudo ao contrário, quer dizer, a pessoa não conseguiu, pá, não conseguiu a partir dos 18 anos, não tinha planeamento de vida.”*
- *“A pessoa era acabar,-acabar os estudos pá, ou ir para a faculdade ou não sei quê ou ou ir para um curso não sei quantos. E Isso foi tudo cortado... e depois foi-foi agravado pelo 25 de Abril, não é? Com o 25 de Abril pá, porque isto andou tudo virado do avesso, não é? Tivemos, como sabe, ao pé da guerra se- próximo da guerra civil, não? O que se passou por aí... o que se se passou por aí... portanto, foi tudo junto. Repare, nossas- a nossa ou a minha chegada cá não digo dos outros anteriores, mas digo a minha chegada cá- que eu cheguei em já meados de-de 73, e aquilo foi logo um ano depois...pronto.”*
- *“Eu quando vim do Ultramar, armadilhava a porta do meu quarto, na casa dos meus pais. Para que ninguém entrasse sem eu saber”...”Ainda hoje, quer dizer, eu ainda hoje, sempre tive muito cuidado com a segurança... à minha volta. A minha casa quase que é um bunker pá, a minha casa neste momento. E assim sinto-me bem, pá tenho-tenho sistema-tenho sistema elétrico de luzes pá, e tenho-tenho, eu tenho de luzes no exterior, que acendem só em movimento, pá.”*
- *“Eh pá, e senti-me... senti-me perdido no meio disto. Pá, porque quando olho pra trás, antes de ir para lá, tinha a família, não é? Tinha a minha vida de estudante, e a vida dos amigos. Quando fui para lá, tinha os meus camaradas, tínhamos aquela lealdade, aquele espírito pá pronto, estávamos ali, estávamos abrigados uns com os outros, não é?”...”É pá, quando vim cá para fora, é pá “agora safa-te”. A pessoa não tinha, não teve aquela transição. Se estivesse cá, passava de estudante, pá, para trabalhador; está a perceber aquela ideia toda do seguimento? Aquela continuidade, que foi quebrada.”*
- *(E6) “Cortei. E depois meti-me no comboio em Lisboa para o Porto. Do Porto para a Régua. Do Porto para*

Régua e da Régua para uma camioneta sozinho. Claro, para mim, para mim já era tudo fácil.”

- *“Um adeus ao terror, classifico isso... um adeus ao terror. Muitos ainda trouxeram... Eram obrigados a entregar. Senão entregassem, tinham que pagar um X. Muitos ainda trouxeram as boinas, as boinas e não sei quê e eu deixei lá tudo. Isto...Não quero isto para nada.”*
- *“A partir daí tudo seria fácil. Era um Deus na Terra.”...”Tudo! Quando saio da guerra e entro na minha, na minha vida civil, tudo seria fácil.Se eu passei por uma guerra, a partir daqui eu venço tudo.”*
- *“Porque cumpri o meu dever militar. Fui para uma guerra e voltei. Abracei a minha família e depois os sonhos de criar família, de namorar. A minha madrinha de guerra é a minha prima ainda. É a minha mulher, foi constituir família, furar, trabalhar imenso, imenso e pronto.”*
- *“E sinto que foi assim. Claro que sim, sinto que foi assim. Você sai de uma guerra e entra numa liberdade. Segue o seu destino, ninguém o incomoda. E vocês... Como ninguém o incomoda, acho que tudo você vira, vira, vira para a frente *tumba tumba tumba*. Trabalhar e faz isso, assim, assim, pá...com maior vontade, sempre com maior vontade de fazer, para singrar na minha vida, para lutar contra tudo e contra todos. Como se diz aí.”...”Investi-me na vida. Uma ambição, uma vontade de viver enorme.“*
- *“Se eu fiz guerra... Sofrendo falta de água, muita fome, muita sede, maltratado, sujo, sem banhos, sem coisa nenhuma. Comer com as mãos todas...Sem... Não havia água nenhuma para lavar coisa nenhuma. Escovar dentes? Qual escovar os dentes, qual carapuça.”*
- *“Só via cobras à minha frente... Só vi a cobra à minha frente, mas isso é... Bom... é verdade.”...”quando voltei... Então e encontrava-as. Encontrava-as. Acho que só a mim é que me apareciam cobras. E isto parece fedonho de dizer.”*
- *“E eu entro dentro do capim, um capim desta altura. Capim-Mato.”*
- *“É a tatuagem que eu fiz lá.”...”Trouxe da guerra e tinha vergonha. Na altura não havia nada, não havia ninguém. Havia aqui um... Uns faziam coração, “amo-te muito”, os pais ou a namorada. Depois chegavam cá e a namorada já não existia. Eu na altura, disse assim: Olha, eu vou escolher um animal de África, vi muitos... O elefante. E a província de Moçambique. Ainda se lê”*
- *(E7) ”Foi muito duro. Uma pessoa, um homem com 22 anos*

está cego. É uma coisa brutal, porque a ideia que eu tinha de uma pessoa cega era aquilo que nós víamos nas ruas naquela altura, há 60 anos atrás. Que era o cego a pedir esmola na rua com uma bengala pintada a branco e vermelho.”

- *“Que vai ser a minha vida?” E eu fiquei perdido. Completamente perdido. Eu posso dizer que andei assim, então... Uns meses, perfeitamente, por dia, assim sem-sem-sem pôr os pés em terra, não é?”*
- *“Eu cheguei, eu estive, eu estive na medicina de oficiais, sem qualquer apoio psicológico, puseram-me numa cama, nem sequer -nem sequer me ensinaram a sair da cama, ir à casa de banho e logo ali à saída do quarto. Nada. Nem me ensinaram a comer, que na altura nem sabia comer sozinho. Punham-me ali a comida “Ó Alferes, está aqui a comida”. Sentia-me totalmente abandonado como um cão.”*
- *“Agora imagine o que era os soldados, os apoios que tiveram...Nunca ninguém me falou que era possível um cego reabilitar-se. Nunca ninguém me falou disso.”...”Não fui do hospital, nem de técnicos nenhuns, nem de enfermeira, nada, zero. ZEEERO, está a ver?”*
- *“Indiferença total. Já não servíamos para a guerra-”...”Depois... E depois passámos a ser um incómodo para a consciência do poder; éramos um incómodo.”...”nós já falávamos nos hospitais, mas o regime não, não, nunca autorizaria que os deficientes de guerra se organizassem numa associação. Nunca. Isso era impensável, embora já houvesse conversas entre alguns de nós”...”Porque nós éramos incómodos. A revolução trouxe liberdade, acabou com a guerra, mas também não se importou connosco.”...”Nós éramos um peso”*
- *“Eu antes quando estava no hospital? Quando estávamos no hospital ...Nós... Digamos que o exército português, o regime, que preparava as pessoas para ir para a guerra, não muito bem preparadas, mas era o possível. Havia armas, nunca faltavam munições, mas depois quando víamos feridos, nos hospitais não nos davam apoio nenhum.”*
- *“Eu despi a farda, eu despi a farda logo, não é. Aliás, eu nunca, eu nunca fui-nunca fui, fui sempre miliciano Eu hoje sou tenente-coronel reformado. Na altura eu era alferes miliciano, mas depois havia uma lei que o regime aprovou para que os militares milicianos fossem para a guerra com alguma segurança para- está a captar? Então, no caso de um dos oficiais e furriéis e sargentos milicianos ficarem feridos, poderem optar pelo ativo. E eu fui, foi o que eu fiz na altura.”...”Voltei ao ativo para defender a minha posição no sentido de encontrar uma solução melhor*

possível para mim. Para constituir família, poder, poder, poder poder-”

- *“Olha senti logo que eu tinha que reagir e que não podia ser “um ceguinho”. Podia ser um cidadão e comecei a enfrentar a sociedade. Ficar levantada, falar da guerra sem tabus, mas de cara levantada, é dizer, fui lá, fiz a guerra, mas não tenho traumas. De cabeça levantada e depois fazer uma vida o mais normal possível. Construir família, ter filhos, pá, pronto. E foi isso que eu fiz, ser o mais normal possível, apesar de-”*

Mitsein de guerra no Pós-Guerra

- *(E1) “Porque há muitos colegas meus, e não só, que quando se reformam... vão para uma coletividade... jogar cartas, jogar jogos não-sei-quê, vão para as tascas beber uns copos e vão dar uns passeios e não-se-quê, e sentem-se bem daqui. Mas eu não, eu cafês...entro num café para tomar um café e “até logo que eu já venho”, é entrar- é que nem me sento na cadeira, é ao balcão- tomo o cafêzinho e vou á minha vida”*
- *“nunca me dei bem. Nas tascas, não, obrigado. Cafês, e é em “aspas-aspas”. Discotecas, eu discotecas? Entrei nas discotecas algumas vezes porque fui obrigado... quando estava na autoridade, aí sim ia eu... (respiração forte) as bagunças que eu... que eu vi e...e enfrentei... e digo “Ó isto, um meio para mim isto? Nem pensar.”*
- *(E2) “E pronto, com quem estou casado já há 40 e tal anos, olhe não sei exatamente há quantos anos, há 42 anos. Tive que fazer agora as contas.(ri) Mas, portanto, o que eu digo é que ultimamente, acho que noto, talvez aí há uns 4-5 anos para cá,que tenho menos paciência e que não suporto muito ruído, não suporto muito conversas assim de críticas e quando assim não ando para aí virado, não tenho paciência, não tenho paciência para suportar. Às vezes na televisão, muitas confusões e tudo aquilo que dá-me cabo do juízo. Não tenho paciência, não tenho paciência.”*
- *“Mas muito recentemente é que já há uma certa saturação, e na relação até com os meus filhos e com a minha mulher, às vezes eu tinha assim parece que explodia e às vezes diziam que eu era bruto, e eu achava que não era bruto, eu só não queria que me chateassem muito a cabeça e. E eu não tenho tanta paciência para muita conversa assim, para... e é pá começa a chatear-me a cabeça. Não, não tenho paciência, digo “Eh pá, larguem-me larguem-me, larguem-me”, suplico que me larguem. Mas martelam, eu não aguento aqui com as coisas e eu fico desorientado, palavra de honra. Isso deu-me cabo do juízo, deu-me esse descontrolo. Tento controlar-me, sei que que não é assim que eu devo fazer, tento em situações futuras... é pá, ver se tenho autocontrolo, mas quando martelam-me muitas vezes,*

eu não consigo aguentar, explodo mesmo não, não tenho não consigo aguentar. Sendo que não tenho limites assim... perco-me, desoriento-me.”

- *“É como eu digo, é uma saturação, digamos, que eu tenho muito grande. Não, tenho paciência para conflitos, para discussões, para...compreende? Assim coisas que não... pronto, preciso de me meter num cantinho, esconder-me, sei lá... não quero confusões.”*
- *“No entanto, sou uma pessoa que gosta de brincar. Sinceramente, acho que até estou a ficar meio apalhaçado, não sei se é da idade se o que é... Eu, quando gosto das pessoas, brinco com as pessoas, eu gosto de brincar pronto, a minha mulher está me criticando, “Eh pá, estás sempre a brincar e tal”. Mas o que é que hei de fazer à minha vida? Eu? Só lá mesmo brincavam para...pronto.”*
- *(E3) “Quando vim, havia a festa, morreu aqui há tempo, um amigo que me disse assim “Ouve lá, ó “A” lembras-te em que mês viestes de Angola?”, “Então não lembro, nunca mais me esqueço, em Outubro”, “Então ouve lá, e as festas da Senhora da Graça, em que mês?”, “Em Outubro.”, “Então, ouve lá, então não te lembras quando vieste, que estavas na festa e quando começaram a deitar os foguetes, tu mandaste-te para o chão?”... Eu não me lembrava já, mas ele não se esqueceu daquilo, o colega meu, que também já faleceu.”*
- *“Não gosto de estar em confusões, não vou a uma festa, tiros- nem pensar. O meu pai era caçador, e queria que eu fosse com ele à caça. Eh pá... nunca mais, não...nada disso. Tiros...não posso ouvir.”*
- *“A minha companheira, a minha mulher, que ainda hoje é...Já lhe pedi desculpa, mas quando vim, não estava para brincadeiras... qualquer coisa, eu desconfiava logo com ela e pumba, era logo uma bofetada... Isso passou...passou desde a altura em que comecei em reuniões de grupo, no hospital Júlio de Matos”...”Porque eu batia-lhe, frequentes vezes... e não sabia o problema que tinha.”*
- *“Porque eu depois no fim fazia mal, partia tudo em casa... e depois começava a chorar, arrependia-me... mas já estava mal feito, não é? E a minha mulher coitadinha, sofreu muito comigo.”*
- *“Não direi todos, mas a maior parte, não é? Porque já tenho perguntado a alguns, eles dizem que não têm nada. E passaram o mesmo que eu... “Ah, eu não tenho nada!”, não tem nada, mas são poucos aqueles que vivem com as mulheres já. Já não é a primeira, não sei se está a ver, senhor doutor. Dizem que não têm nada, mas... pronto.”*

-
- *“Porque tinha cometido algum disparate, podia-me ter suicidado. Cheguei a ter ideias, me suicidar e mais meia dúzia deles no trabalho. É porque pronto, eu não, não...- como é que eu ia dizer- Não aceitava certo número de coisas.”*
 - *“E eu comecei a dar a ganhar ideias que me queriam matar... Comecei a ganhar ideias que me queriam matar e eu então eu sabia quem eram aqueles que me andavam a chatear. E eu cheguei a pensar em comprar uma pistola a um cigano, e... “limpar alguns”. E...como eu não sou homem disso, não era-nunca fui criminoso-, fui sempre um homem sério, um homem honesto. E essas ideias “não eram minhas”. Eu verificava que essas ideias “não eram minhas” e tinha que ir ao médico, queixava-me e então aí... Porque muita gente comete crimes porque não se apercebe da maneira que anda, não é? E então deixa-se levar por esses pensamentos maus, não tem ninguém que lhe acuda e ele vai à vida.”*
 - *“Portanto, eu dizia o meu chefe. Onde é o meu chefe “Ó R, tu queres me matar, tu queres me matar pá!” Eu dizia a ele, e ele ficava triste assim “Ó A, ó pá olha a tua cabeça é que te quere matar, a tua cabeça é que dá cabo de ti” e eu nessa altura, não, não...não encarava isso, mas ele tinha razão. Eu atribuía as culpas sempre aos outros. O mal estava em mim, é verdade, só que não se vê.”*
 - *“Quando era novo, antes de ir para a guerra”...”Era um gandulo, era bailes, era pá era... era, eram como os de agora, a gente é que já se esqueceu. Mas depois do fim da guerra nunca mais, festas e isso assim, acabou. Reuniões, muita gente, eu não...”...”E ele foi-me lá convidar para... pá, uma paródia. Uma paródia de amigos, que foram Ultramar e vieram felizmente, e eu não fui. Não tinha alegria...vim sem alegria.”*
 - *“Da guerra sim, vim- já não me apetecia, já me sentia velho, vá digamos assim.”*
 - *“É...é, sentia-me já velho. Porquê? Porque depois eu ia a um bailarico, como era antes, eu até tinha um irmão que era acordeonista e eu ia muita vez com ele. E naquele tempo-aqueles bailes de acordeão, senhor doutor já não passou por isso. Mas que era maravilhoso, que era até dia até a nascer o dia, até o sol nascer era de pôr do sol até o nascer do sol todas as noites e todos os fins de semana. E eu andava mais ele na gandaia... E às vezes, quando ele ia comer a bucha, para o baile não parar, eu ia coiso- também tocar. Cheguei a tocar um bocadinho o acordeão e tal”...”E aconteceu que dessa vez o meu amigo vai me convidar eu não fui. Ah, e depois no bailarico, eu ia para os bailes... eh pá, e sentia-me velho ao pé dos outros novos, porque os outros eram mais novos que eu. Portanto, porque*
-

naquele tempo...eh pá a malta era tudo levado para a guerra. E alguns que lá estavam nos bailes era tudo já rapazinhas novos que eu nem conhecia e elas também já não as conhecia. E eu já me sentia velho, acho que só fui a um bailarico ou dois, no fim de vir da guerra, é.”

- *“Sim, sim, sim, sim, chegaram a dizer, chegaram-me a dizer os meus avós, e a minha mulher, claro, pronto, porque essa é que...que lidava mais.”*
- *(E4) “Especialmente agora que já estou velhote, eu tenho o - eu vivo numa bolha. Eu vivo numa bolha e essa bolha é auto-suficiente. Eu Não necessito muito de, digamos, de convívios sociais. Porque eu... até fiquei com uma certa animosidade... a partir do momento em que eu comecei a encarar o ser humano com as tais... as tais... Como é que eu hei de lhe por?... As situações que se dão, em que a pessoa-em que as pessoas podiam ser melhores...podiam ser melhores.”*
- *“Porque isto fez-me afastar agora nestes últimos- nestes últimos anos. Eu não... eu não tenho grandes convívios sociais, eu não... tirando a família, pá. O aniversário de um ou outra coisa, beijo-os, visito-os... Mas de resto, não... não.... A bolinha, é a bolha, a minha bolha é...”*
- *(E5) “Eu estava na saída do aeroporto, se estava a tirara a bagagem, já não sei, isto foi há 50 anos. Eu sei que vejo a minha namorada da altura, pá, com um individuo, ainda novo, ao lado. Ali, a malta estava à espera, e vieram ter comigo “Olha lá, tal-não-sei-quanto, pá, está ali a minha namorada, pá, mas então e ela está acompanhada?”; “Ai o caraças, pá!”. Eu não lhe disse nada, e é pá, é que vinha apanhada ali de um individuo mais novo, não sei quê. Fiquei- tive uma data de tempo, nunca mais liguei, nos dias seguintes não liguei.”...”O que é que eu vim a saber? Ah, então depois encontrei-a e eu disse “Então pá, não estavas lá pá com um “ímpeto dom” (o ouro individuo) não sei quê? Eh pá, a conversa acabou...Eu vim por acaso, e apanhei-te aí.” E ela diz-me assim “Mas tu estás doido?”; “Porquê?”; “Tirou de um coisito (mala?) uma carta “Então de sta carta que tú me escreveste assim, que chegavas no dia ”tanto”, às “tantas” horas?” Quer dizer, eu tinha escrito. Não me lembrava que tinha escrito. E é pá, ela estava com o tio. Com o tio, vinha-me esperar! Mas veja bem, como é que isto tudo cá dentro”...”Estava a jogar, estava a jogar. E se ela não me mostrasse a carta, pá? Eu continuava nas minhas pá. Sei lá, porque tinha escrito para aí, há quê? Uma semana antes. Veja bem, como é que a pessoa vem...”*
- *“Eu na altura, namorava com uma... uma rapariga... Com a a qual casei a logo a seguir, depois, logo-logo do tempo. Pouco tempo aí ouvi tempo depois separei-me pouco tempo*

depois, “Mea culpa”... “Mea culpa”. E eu ainda hoje penso nisso, pá, porque depois nunca mais falámos, pá. Há pouco tempo soube que ela tinha falecido, pá. E ficou-me um trauma muito grande por não ter... É pá, não ter... conversado com ela como deve ser, pá.”

- “Foi muito má, foi muito má, que eu senti-me de repente, pá... Eu vinha habituado... enquanto estudante, pá. eu tinha o apoio dos pais, dos amigos, do não sei quê. E depois os amigos vêm-me cá, ou ainda estavam no ultramar pá. O meu pai ainda estava lá, porque o tempo na Guiné era um bocadinho menos que Angola ou de Moçambique, por isso é que era 100%. Os meus amigos também, e também estavam nas suas vidas.”
- “Tínhamos ido à Graça e tínhamos carro por baixo. Pá, havia “tapete” ou havia qualquer coisa, não sei quê. É pá e cruzamos com um africano.”... “Eu não dei por nada, mas ela virou se para mim, “O que é que aconteceu? Os teus olhos mudaram” Eu não tinha percebido, mas ela disse que o meu... é pá, a minha face, o meu olhar mudou. Deve ter mudado para defesa, de qualquer coisa, mas foi inconsciente e isto é uma coisa que ela- a única coisa que eu me lembro de ter falado.”... “Eu não dei por nada, eu próprio não dei por nada. Ela é que deu, que o meu semblante mudou, e é quem me chamou à atenção. Isso é, portanto, eh pá, só se é por ele ser negro, pá. É uma questão de defesa, porque a gente lá tinha que estar sempre a pau. Tudo o que fosse- tudo o que fosse... tudo que fosse escuro era o inimigo. É, eles eram os “turras”, nós éramos os “tugas”, que é como chamavam a nossa...”
-
- “Segui transtornado a cabeça, pá, e já deixei de estudar e tive uma má relação com a minha primeira mulher, eh pá, e durante os outros anos todos pá a minha mulher aturou as minhas maluquices todas, pá não é?”
- “Não tenho feitio para estar como alguma gente está, pá. Por exemplo, num banco de jardim a conversar, conversas da treta lá no café, eh pá, conversas da treta que me dizem nada, pá. Pra mim uma conversa tem que ter ali um miolinho. Tem que ter, sempre fui assim.”
- (E6) “Teve esse impacto comigo. Mudou-me. Mudou-me tudo, porque eu era um anjinho, muito magrinho, pouca barba. Ehhh... Queria ter barba, nem... Sei lá, pouca barba, se é que a barba definia alguma coisa. Mas naquele tempo definia, só eram homens aqueles que tinham muita barba, equivale aos pelos do peito. Isto está ultrapassado. Hoje está ultrapassadíssimo e ainda bem. Ehhh... Todo mundo quando tinha a minha idade, 18, 19, 20 anos, queria ter barba, queria ser peludo, etc para mostrar aos colegas, é pá, este gajo é um é um homem pelos peito, as pernas e tal,

muita barba etc. Não tenho outra hipótese de dizer que não estão ligados à guerra. Não tenho outra hipótese dizer lhe que não está ligado, pá, eu no meu... no ...na minha mente no meu intelectual, mentiria se dissesse;” não, não tem a ver com a guerra, a guerra já passou, a guerra já passou.” Oiça... a cicatriz está cá.”

- *“Pois, há pessoas por sua natureza, são muito calmas. Muito calmas, pouco falam ou nada, e a outra se pela sua natureza, pela sua liberdade que tinham nos campos, famílias rurais, tudo, que são mais comunicativas, são mais...Eu era. E então o que me deu a guerra foi...Um verdadeiro... uma pessoa inquietante, nunca estava quieto.”*
- *“Nunca quis na minha vida confrontar ninguém. Ou seja, evitava o conflito, evitava o confronto, evitava o grito, evitava as ofensas sempre. Sou contra as ofensas, porque quando você ofende alguém está a criar ali uma guerra. Está a criar ali um conflito. Se você for tolerante, não ouvir, aquilo vai lhe criar problemas, vira as costas e vai se embora.”*
- *“Foi revoltante, um bocadinho. Foi. Foi que eu não... Eu queria ir a todas. Eu não estava bem, pá, é assim eu era... Foi um bocadinho revoltante ainda hoje eu às vezes qualquer coisa assim: “Desculpa lá, L., desculpa lá.”*
- *“M, eu nem te estava a conhecer”. Tanto que até o meu filho me diz “Ó paizinho, porra, nem te estou a reconhecer”E eu depois eu dizia cá para mim : Epá ó filho, desculpa lá, desculpa lá, peço desculpa, filho, peço desculpa, e ele assim “ Era preciso reagires assim? Pá... Estávamos a conversar, não sei quê e tu realmente de repente...” Mas isto é verdade. Ainda hoje, ainda hoje.”*
- *“Zangava-me! Dizia : Epá poxa pá, eu é que mando ou não sei quê e tal tal tal não sei quê. Dizia às pessoas, eu é que mando, isto é o que eu quero e não sei quê e tal e epá, de repente fazia-me ver as coisas “Epá, ó paizinho, então e se fizemos assim assim assim. Não é melhor, paizinho? Tu estás para ai aos gritos para quê, pá?” Isso... Epá, tens razão.”*
- *(E7) “eu cheguei, eu estive, eu estive na medicina de oficiais, sem qualquer apoio psicológico, puseram-me numa cama, nem sequer -nem sequer me ensinaram a sair da cama, ir à casa de banho e logo ali à saída do quarto. Nada. Nem me ensinaram a comer, que na altura nem sabia comer sozinho. Punham-me ali a comida “Ó Alferes, está aqui a comida”. Sentia-me totalmente abandonado como um cão,*
- *“Indiferença total. Já não servíamos para a*

guerra-”...”Depois... E depois passámos a ser um incómodo para a consciência do poder; éramos um incómodo.”...”nós já falávamos nos hospitais, mas o regime não, não, nunca autorizaria que os deficientes de guerra se organizassem numa associação. Nunca. Isso era impensável, embora já houvesse conversas entre alguns de nós”...”Porque nós éramos incómodos. A revolução trouxe liberdade, acabou com a guerra, mas também não se importou connosco.”...”Nós éramos um peso”

- “Fiz família e casei ainda em 73’, apesar de ainda não ter os meios todos, mas não, não, não, não me deixava abater; ‘tá a ver? E é pá, comecei... Os amigos... Também não me abandonaram os meus amigos, a minha-a minha família, a minha namorada na altura. Depois, a minha mulher de hoje, houve ali um conjunto de fatores que me ajudaram de facto reagir...”
- “uma das coisas que que eu sentia feliz era quando eu chegava à minha praceta, os meus filhos andavam lá a brincar com as crianças da idade deles, quase 5 ou 6 anos. Eu vinha lá vinha me dar um beijinho e depois vinham, contava brincar, não me levavam à porta. Quer dizer que eles reconheciam que o pai era capaz de ir até a porta sozinho. (ri-se) Tá a ver? Isso é importante a gente dar esta- esta- esta força também aos filhos. Sim, somos deficientes, evidentemente temos problemas, precisamos de alguns apoios, mas aquilo que podemos fazer sozinhos fazemos. Está a ver?”...”no fundo todos nós temos problemas, somos todos, temos fragilidades. E temos que as nossa fragilidades podem ser problemas graves. Todos temos fragilidades. Temos que aceitar, compreendê-las e tentar encontrar a melhor maneira de viver com elas, conviver ou de as ultrapassar.”

*Dimensão Laboral e
Confronto com a Reforma*

- (E1) “Nessa altura...estes problemas que eu acabei de citar não vinham à ideia. Ou raramente quer dizer, vinham a ideia, mas era assim uma coisa ao de leve, está a ver? “É pá, não-sei-quê e tal, mas pronto, passado.” Porquê? Porque um dia tinha uma ocupação constante. É o trabalho... lembra-se do serviço... entretanto casei, vieram filhos, e o indivíduo entrega-se a esta coisa esta rotina não é? E tenta “pôr de parte” estas cenas da tropa...”
 - “o problema cai, volta outra vez a cair a ficha quando um individuo se reforma e fica numa de... “disponível”, né? E aí, começa a rebobinar tudo o que... as cenas todas que se passaram ao longo da vida, que na tropa quer fora da tropa, né? “É pá, não-sei-quê e tal- mas aquela cena magoa mais que a outra, pois é... e de que maneira...”
 - “O pensamento sempre existiu, mas a concentração mais acentuada foi a partir daí. Tanto mais que eu, quando me
-

aposentei da PSP, dos Serviços Estrangeiros, tinha 53 anos. Era um chavalito (sorri e ri), era um chavalito”

- *“Ok, 53 anos...em casa... e é tudo muito bonito, um individuo diz “É pá, eu quando me reformar vou para aqui, vou para acolá, não tenho de tar a olhar para o relógio, não tenho horas a cumprir, não tenho chefes a “chatearem a cabeça” entre aspas... E portanto vai ser tudo muito bom” Mas não é tudo muito bom, é bom no primeiro mês, terceiro mês... mas depois começa-se a tentar naquela rotina e começa a chatear...”*
- *“E então, estive 4-5 meses nesta situação de quando me reformei e tal, fui lá á aldeia mais umas vezes. na altura ainda tinha lá os meus pais e não-sei-quê, e sentia-me bem não-sei-quantos. Entretanto ios pais faleceram, dois irmãos também faleceram... e a família começa a ficar mais reduzida, e o individuo começa a relaxar-se.”...”então ao fim de 3-4 meses havia um serviço chamado de “ escola Segura”, em que o Ministério da educação estava a recrutar pessoal da PSP, GNR... para fazer trabalhos na escola, a chamada “segurança nas escolas”*
- *“Ter uma atividade, estar ativo”...”Dava... dava em choné, como se costuma dizer, dava em choné”*
- *(E2) “Passar a vida civil foi muito bom, muito bom. Foi um alívio muito grande e inclusivamente que, lá está pensar, voltar a trabalhar.”*
- *“Reformei-me aí, porque já andava muito desgastado, portanto, também estes episódios de trabalho, essas “convulsõeszinhas” todas também parece que foram buscar um bocado o passado. Acho que ando mais agitado também com isto tudo, como compreende, muito cansado. Eu acho que talvez me enervasse um bocadinho, se puxasse mais por isto, talvez, não sei. Não sei se uma coisa tem haver com outra mas penso que ,tudo isto junto, uma pessoa sente-se saturada...”*
- *“Eu, nesse momento não sei, porque o único- porque eu uma coisa que eu notava às vezes era o acordar muitas vezes durante a noite e... Mas pronto, eu desconsiderava isso pronto, ia andando... Mas talvez pelos convívios com os colegas, às vezes os jogar futebol uns com os outros, aquilo talvez assim... distraído, digamos, e pronto... Mas eu depois de casar, é que eu comecei a ter assim mais alguns problemas de... lá está, noites mal dormidas por vezes. Os problemas que aconteciam, às vezes com o nascimento dos meus filhos. Portanto, enfim, com tanto a vida de casado, a vida dos filhos, e de outras dificuldades etc., mas que vamos vencendo...”*
- *(E3) “Traumatizado, ainda trabalhei e continuo a trabalhar*

ainda hoje. Ainda trabalhei no ativo diariamente 30 e tal anos consecutivos, não é? Eu nunca aceitei desemprego, nunca. E aí, começou “a batalha” é... e aí começou a batalha quando me queriam mandar para o fundo de desemprego. Eu disse que não, doutor, disse “Ó senhor doutor, guarde o cheque. Eu sei trabalhar e quero trabalhar. Não aceito ir para o fundo de desemprego. Eu sei trabalhar a minha profissão, quero e sei que há trabalho para mim. Eh pá pronto e às novas tecnologias, não é? Começaram a tirar trabalho às pessoas, eles. Olha vai para aqui vai para que e eu disse: “Não, doutor eu, daqui eu daqui só saio de duas maneiras: ou morto, ou para a reforma...”

- *“Eu tenho quase 80 anos. Não plantei um olival, e há um que me diz assim, “Tu és tonto, isso já não é para ti, é para teu filho e para os teus netos. Já não comes azeite nenhum daí”. Hã!?” disse eu naquela coisa de “Não como? Ai, isso é que como” e vou à luta, e doi-me. Doi-me aqui, doi-me acolá, mas eu vou à luta, vou à luta sempre. “Vou sempre à luta até cair.”, e isso aprendi lá...isso aprendi lá.*
- *“E depois quando me reformaram. Onde me reformaram, com “stress pós-traumático”, é PTSD. A minha psiquiatra disse-me assim, “Senhor A, convence-se agora, que é da guerra?” E eu disse, senhora doutora, quem sou eu para estar agora a contradizer aquilo que está escrito e que vocês apreciaram em mim. Eu não sou médico, vocês é que são vocês é que são especialistas.” Você é, pois ela disse-me assim, “Vocês são bons, vocês não são pessoas más, vocês vêm é de tal forma pressionados, por vezes desabafam por tudo e por nada, desse tempo todo que andaram oprimidos.”*
- *“Deixar de trabalhar para mim é o meu fim. Quando eu deixar de trabalhar, eu duro pouco tempo...é.”*
- *“O que eu sinto que faz, sinto que dá-me prazer, dá-me gozo, ver coisas que eu nunca fiz nem pensei fazer e hoje faço, quase com 80 anos. E dia que eu não faça nada, chego infeliz à noite, e a minha ideia acusa-me de que não fiz nada.”... ”Dá muito sentido à vida, o trabalho, para mim. Dá muito sentido, faz sentido, recrio-me. Não sou homem de, de... quem optar por essa vida que leve, eu não.“*
- (E5) *“Estava a estudar, parei, já não tinha cabeça para estudar e... apesar de ter admissão ao curso de direito pá, acabei a trabalhar na construção civil... (voz trémula)Virou-me a minha...virou me a minha vida toda e a grande dúvida é: “É pá, o que eu estive lá a fazer?”, e como disse há bocado, “Não tive lá a fazer nada”, não é? “*
- (E6) *“É a minha mulher, foi constituir família, furar,*

trabalhar imenso, imenso e pronto.”

- *“Trabalhar e faz isso, assim, assim, pá...com maior vontade, sempre com maior vontade de fazer, para singrar na minha vida, para lutar contra tudo e contra todos. Como se diz aí.”...”Investi-me na vida. Uma ambição, uma vontade de viver enorme. “*
- *“O quê que eu fiz... não tem outra coisa, não tem outra alternativa.”...”Tem que avançar, tem que fazer, tem que fazer, tem que... Tem que ganhar a vida, tem que ganhar a vida, tem que avançar para a frente. Tem que avançar, tem que combater tudo se quer cá andar.”*
- *“Se quer cá andar e ter uma vida digna, é combater todos os problemas que nos apareça à frente, combatê-los como? É o dia a dia, é combatê-los. Pá, não temos outra hipótese. É sair deles para a frente, amanhã é outro dia. Amanhã é outro dia. Portanto, não, não tem outra hipótese. Ora tenho este sinal *aponta para a marca* Isto é uma marca.”*
- *(E7) “Porque um cego nessa altura, a única coisa que dá emprego é isso, ou és telefonista ou a empacotar peixe ali para a doca, para a doca de Pedrouços. Que eram os empregos que havia para cegos na altura, e não era para todos.”*
- *”Voltei ao ativo para defender a minha posição no sentido de encontrar uma solução melhor possível para mim. Para constituir família, poder, poder, poder poder-”*

4.4. Temática Quatro: A Perceção de "Nós e os Outros"

Sintonia “Dentro” do Dasein (Nós)

- *(E1) “Eventualmente haverá pessoas que... deitam aquilo para trás das costas e... e eventualmente haverá, não é? Mas... se calhar não é tanto assim porque... Por exemplo, agora no dia em que fui à junta ali ao Hospital das Forças Armadas... estavam lá qualquer coisa como uns 30 elementos para o mesmo fim (que ele). portanto há varias pessoas envolvidas com os problemas que eu tenho. Uns mais graves, outros menos graves, não-sei-quê mais. Mas... há muitas pessoas afetadas com essa situação”...”Da guerra, porque a conversa lá com eles... a conversa ia bater tudo no mesmo. “Não durmo a bater naquilo, a ver imagens não-sei-quê”. A conversa era tudo à volta disto, qualquer um deles que lá estava. Éramos cerca de 30, que lá estávamos para a junta naquele dia, eu não sei quando é..se fazem regularmente as juntas, se é no, quantas vezes, não... não sei. Sei que no dia que eu fui à junta, estavam lá uns 30 elementos, todos com a mesma patologia.”*
 - *“Partilhei, comecei a partilhar agora mais recente, depois da medicação, já depois de já estar a tomar a medicação.”...”A partir daí, eu tive a necessidade de*
-

contactar antigos camaradas, para saber se estavam disponíveis para ser testemunhas das ocorrências. E a partir daí começou a haver mais alguma ligação.”

- *(E2) “Eu por um lado, como digo, “Eu não quero saber mais daquilo, já sai, já acabou”. Mas por outro lado, tinha necessidade de saber, “Será que esta gente ainda é viva?” ...”mas tinha muita curiosidade em saber se essas pessoas ainda eram vivas. E sabe que eu tinha vontade, se por acaso os visse, era capaz de os abraçar... Pá, aquilo é muito emotivo, aquela situação, compreende, e é quase como se tivéssemos “sobrevivido à guerra”, digamos assim, não é?” ...”gostava de saber se eles eram vivos, tinha essa curiosidade, tanto que eu depois fico a pensar, “Mas porque é que me leva a fazer isto? O que é que interessa isto?” Mas, por outro lado, digo assim, “Tinha mesmo curiosidade de saber se os homens eram (vivos)”*
- *(E4) “Uns conseguem explicar, há outros que sentem, mas não conseguem explicar. E isso para mim é a única maneira de tirar essa informação é só em falar, falar e transmitir. Porque ao mesmo tempo que nós que nós estamos a falar e a transmitir, estamos nós próprios-estamos, é um género de uma conversa que nós estamos a ter conosco próprios.”...”Ao falar, é para dentro e para fora. E isso traz bons resultados. As vezes demora um bocado de tempo, mas traz bons resultados.”*
- *(E5) “Geralmente, eu só falo destes assuntos, pá-só consigo ter conversas abertas - Agora temos agora este mês o almoço da nossa companhia.”...”Mas quer dizer, só com aquela malta é que eu consigo ou com a gente que esteve lá, é que se consegue ter uma conversa porque “é o ambiente”. É algo que não se consegue transmitir e que as pessoas cá não conseguem entender, o que é que foi a nossa vida lá.”*
- *“Mas há- há um grupo mais fechado, pronto, há ali um grupinho, somos 5 ou 6, mais fechado, mas continuamos a dar-nos e continuamos a telefonar-nos e a saber da família e pá e a saber das mulheres, pá pronto. Mas foi muito mais recentemente, porque ao princípio... em que vinhamos todos, pá... vinhamos todos.... Um bocado afetados ou fartos daquilo ou fartos uns dos outros pá. Quer dizer, obrigatoriamente 2 anos ao pé de outra pessoa pá, há uma altura em que a pessoa fica farta, quer dizer, é pá e que não os conhecia de lado nenhum.”*
- *“É termos estado juntos debaixo do mesmo-debaixo do mesmo problema, portanto, para nós era fácil- é fácil conversar. É fácil conversar porque tivemos lá, estivemos lá, estivemos lá de baixo, tivemos os 2 (anos).”...”Eu acho que as pessoas criam as amizades nas dificuldades... E tenho a impressão que é isso que-que junta mais as*

peessoas. As pessoas não são amigos, pá...Por irem às mesmas festas pá, as pessoas são amigos por passarem por coisas em conjunto. Acho eu, não é? Portanto, dificuldades em conjunto, isso é o que nos une. E é termos a mesma linguagem ...temos a mesma linguagem sobre este aspecto. Temos a mesma linguagem porque estivemos no mesmo sítio. Fizemos as mesmas coisas, pá pronto, há ali um- há, há uma sintonia, há uma sintonia, não é? É uma sintonia, é uma sintonia grande...”

- *“Tinha comprado lá já ao fim, um sistema de som da “Akai”, que me custou um dinheirão parvo, que já não me lembro, em que tocávamos toda a gente. Todos os graduados da minha companhia se lembram daquilo, porque toda a gente canta esse... que toda a gente canta isso na minha companhia. Cada almoço, toda a malta se lembra, nós tínhamos os quartos juntos, pá.”...”Era do Roth Stewart, mas repare, ainda se fala hoje em dia do Roth Stewart...”*
- *“E haviam lá também os “comandos africanos”, que eram muito eficientes a nível militar. E estava visto que esses gajos, depois da da Independência, eles fuzilaram- o Governo de lá, fuzilou 500. Atenção- eles contra eles... pá. Agora, diga-me lá... E eles também não- esses também não tinham hipótese nenhuma, porque era o Governo, tinham que ir para a tropa. Exatamente como eu.”...”Identifico-me com a causa deles-, eh pá, com o sentimento que eles teriam, pá, não tinham- Eles foram para a tropa lá, eh pá como se diz agora não é-é pá, porque tinham que ir, como nós íamos pá, no tempo da altura, país português, pá acabou. Ponto Final.”*
- *(E6) “Sim, quando as pessoas me abordam. Quando alguém me diz “Ah, não sei quê, pá, ó M, ó Senhor M... Você devia passar o que eu passei. Eu fiz guerra na Guiné” Aí sim? Então eu fiz guerra em Moçambique. “Aí também fizeste?” Pois fiz”...”Porque ninguém me conhece. Às vezes a gente está em qualquer sítio e tal “Ah, eu sei lá o quê, eu passei por guerra, não sei quê, vocês não sabem o que é guerra” Eu digo assim: vocês não, eu também passei. “Ah passou?!” Percebes? Então aí contamos logo. “Então onde é que esteve?” Tive em Moçambique.”*
- *“Porque quem anda na guerra... Quem se defende um ou outro, quem ajuda um e outro... Há sempre ali.... Ainda hoje, ainda hoje. Ainda hoje, se formos fazer uma entrevista os ex-combatentes de lá, que já estão hospitalizados, estão... pernas partidas, vamos fazer, eles vão retratar a mim o mesmo que eu estou a retratar. Vão fazer”...”Fica para o resto da vida. Comum entre... Sim, sim. Comum entre todos, porque ninguém nos defende a não sermos nós, uns aos outros. Certo?”*

-
- *“Todos nós tínhamos barba grande como Hoje você vai e os, os, os, soldados estão na guerra na Ucrânia e tal é tudo com barbas, não cortam nada, nem unhas, nem coisa nenhuma porque não há tempo, não. Estás-te a marimbar para aquilo. Comer, come-se no chão. Come-se disto, limpa-se a isto aqui.”*
 - *“Todos nós tínhamos barba grande como Hoje você vai e os, os, os, soldados estão na guerra na Ucrânia e tal é tudo com barbas, não cortam nada, nem unhas, nem coisa nenhuma porque não há tempo, não”*
 - *(E7) “E nessa altura, também no dia 25 de Abril também, tem outro acontecimento importante da minha vida. Nesse dia eu vivia numa...Ali na Encarnação, numas torres, que tinham sido construídas pela Cruz Vermelha para-para-para os cegos, e para os deficientes de guerra poderem ter acesso a uma casa mais fácil. E na altura, não fazia grande coisa de manhã. Eu abro a porta e do outro lado há uma vizinha minha, que eu mal a conhecia, também abre a porta e damos um abraço. E ela “Eia, finalmente vai acabar a guerra” Então e quem era a minha vizinha? Era uma viúva de um piloto que tinha morrido em Angola e também ansiava pelo 25 de Abril e ficámos amigos e até que já morreu, mas ficámos amigos para sempre e muitas vezes ela ia para a minha casa e íamos à volta de uma garrafa de uísque, bebíamos uns copos e conversávamos lá. A minha amiga ia para a cama (???) Uma amizade daquelas amizades sãs, daquela amizade. O que nos uniu, que foi o final da guerra à liberdade.”*
 - *“E à noite, os oficiais milicianos, à noite, os que podiam sair, eles saíam com a bengala e tal, saíam para a- para a night. Para a night era a “reabilitação”, era ir para os copos e tal para as putas, está a ver? Era a “reabilitação” que possível. Mas para nós...Ninguém nos levava a nós. Éramos pesados, uma pessoa cega nessa altura ainda não sabia andar de bengala, nem nada, percebes? Chegámos ali e um dia, ainda me lembro, de pedir à senhora enfermeira “Ó Senhora Enfermeira, pelo menos à noite junto-nos no mesmo quarto, a mim e ao alferes tal e alfares tal, pelo menos, para conversarmos um bocadinho. E faziam isso. Punham-nos no mesmo quarto, às vezes, no meu, às vezes no deles... Por exemplo, esse meu camarada, cego e sem mãos, era eu que acendia o cigarro na minha boca e com o dedo ia apalpar a boca dele para ele fumar. E havia lá a cerveja, também ia com o dedo a apalpar a boca dele, para ele beber a cerveja. Este era o apoio que nós tínhamos e nós éramos oficiais milicianos.”*
 - *“E foi a ADFA, foi os, digamos, a terapia de paz entre todos nós que nos deu força uns aos outros para lutarmos por nós próprios”*
-

-
- *“Uma coisa marcante da minha vida. Um dia na minha terra havia lá um rapazito, um rapaz mais novo que eu, mas pouco, que não saía de casa, também era deficiente, mas depois um dia, a mãe dele saí e eu disse “Ó Manel, vem cá, ó pá, eu quero te agradecer” “Mas agradecer o quê?” “Agradecer-te, porque o meu filho ao ver-te a andar aí na rua...” Eu andava com a minha namorada, com os amigos. E ele começou também a sair, tá a ver? Este é- este é um exemplo da deficiência.”*

*Alienadora e Alienante
“fora” do Dasein (Os
Outros)*

- *(E1) “Eu com os familiares, ainda não foi há muito tempo que em conversa estava num... jantar lá em casa... E estavam também uns amigos e depois falou-se qualquer coisa da guerra, mas sobre a Ucrânia, não-sei-quê mais. E depois a minha filha, uma das minhas filhas, disse “Ah, o meu pai também teve na guerra em Angola, não-sei-quê, em Moçambique e não-sei-quê... Mas nunca nis contou história nenhuma de o que é que viu, do que é que aconteceu, o que é que fez, não-sei-quê.” E eu disse “Não, nunca contei, nem irei contar... porque são cenas que não vos interessam”... (cara séria) Acho eu, que não interessam para elas, ficarem a... eventualmente a pensar no assunto, e então é preferível... Nunca comentei, com elas.”*
 - *(E2) “Mas eu sobre o serviço militar, essas coisas todas, nunca falava com ninguém, nem queria falar... nem tinha ninguém para falar, nem ninguém me perguntava, e também não fazia questão de falar nisso, pronto. Muita gente com quem eu trabalhei ignorou completamente, não sabiam que eu tinha sido feito serviço militar ou coisa que o valha, nada disso.”*
 - *“Não sei, isto é, há de ter mudado qualquer coisa em mim, mas eu não acho que não deixo isso transparecer a ninguém. Porque eu não falo nem do serviço militar nem de guerras, nem ninguém não... As pessoas desconhecem esse meu lado, não... Muitos até, possivelmente, porque há pessoal da minha idade que não foi à guerra, porque eu fui voluntário. Portanto vão dizer “Ah, foste voluntário”, quase como quem diz “Tu gostaste de ir para a guerra”. Não é o caso, está a ver, eu fui voluntário porque eu não queria guerra, está a ver o aspecto “interessante” nisto? Eu fui para voluntário, para fugir exatamente andar aos tiros. Fui voluntário para um determinado serviço e que não tinha exposição tão grande, não é?”*
 - *(E3) “Não falo com toda a gente.”...”Gosto mais desabafar com quem me compreende, com pessoas que... Agora pessoas estúpidas, não vale a pena a gente estarmos a falar. Não, as pessoas, não... não têm noção. Porque à partida olham para nós e veem que nós não temos nada. Senhor doutor, se eu senhor tiver um braço partido, “Ai*
-

coitadinho, anda com um braço ao peito” que se vê. Agora aquilo que está aqui dentro, ninguém vê, mas sente-se. Não o vêem, mas sente-se.”

- *“Com a minha mulher não.”...”Por que ela não...”Ah, lá estás tu a falar da guerra, lá estás tu a desabafar” e mais assim (ri). Mas não posso, não posso, com ela não.”*
- *“Não, não, não falava, nem eu, nem nem ninguém, nem eu, nem ninguém. Isto só depois daqui a uns anos atrás, é que então é que as pessoas começaram- Porque? Se a gente cá falasse aos médicos, os médicos não tinham poder ainda para dizerem “Você tem stress pós-traumático, você tem que se tratar.”*
- *(E4) “As pessoas que não não estão não têm, não sabem, por vezes sentem os efeitos, mas não sabem. A razão do do da do que sentem. É e difícil, só mesmo em dialogando. Ou seja, falando da coisa que-porque a parte... A parte militar, aqui faz parte do de mim e eu tenho que lidar com com essa situação.”*
- *“Embora, por vezes eu esteja...como é que eu hei de dizer-não tenha...não tenha possibilidades de poder definir para resolver. E eu não consigo às vezes fazer isso e sinto, e estou a sentir os efeitos. E quando eu digo a mim, penso eu ,é pá, o resto dos camaradas também devem estar assim, uns mais e outros menos.”*
- *“O estoicismo, aquilo é uma coisa linda, porque é...é fazer da pessoa uma pessoa melhor. É aquilo que eu vejo ali, é que não é uma coisa que é feita para fora, é uma coisa que é feita para dentro.Eu penso que muitas vezes o para dentro, nas pessoas, as pessoas vão lá dentro de vez em quando. Eu não, vou frequentemente lá dentro, há, que é para poder resolver certo- ou entender certos problemas que existem, mas que pelos vistos, demoram tanto, pá, no ser humano.”*
- *(E5) ”Depois...(inspira forte)...e fala-se- sempre se falou, a seguir ao 25 de Abril, etc- que houve muita que- A seguir ao 25 de Abril, eu falo por mim e tenho a impressão que-que falo pelos meus camaradas todos... sentimo-nos injustiçados, porque tínhamos estado lá.” ...”E que realmente o que me chocou a mim, e que me- em conversas com-com antigos camaradas meus, foi que depois do 25 de Abril e durante muitos anos- e se calhar se isso ainda existe- ...que os os heróis que apareceram na altura foram aqueles que: Ou tiveram medo de ir, e que os pais tinham dinheiro para lhes pagar as idas para o estrangeiro e foram para França e foram para a Inglaterra e foram para Marrocos. E esses-esses porque tinham dinheiro e tinham medo, tinham medo da guerra do Ultramar, pronto.”*

-
- *“Acho que os profissionais ligados a esta-esta... a esta área, esta área (medicina), eh pá, não conseguem perceber o que é aquilo. Não conseguem perceber, não sentem o cheiro, pá, não sentem a pressão, não sentem.... a civilização completamente diferente. Não podem sentir, portanto, apesar de eu ter lhe mostrado, por exemplo, uma fotografia de uma picada pá, agora junto, aquilo tudo, a eventualidade de estar aqui com inimigos, olhe aquele corredorzinho, imagine a eventualidade estar ali inimigos. E o poderem-me apanhar do meu para o outro.”... “E o calor-e o calor e a transpiração, pá, e a pessoa a comer mal e eh pá e ter que andar ali a carregar com a porcaria de espingarda às costas, pá. E com os pés a doer e com as picadas dos mosquitos pá, e o cuidado com as cobras, pá as cobras, cuspidadeiras, pá. Que havia lá umas cobras cuspidadeiras”... “Todos os perigos que há no mato... agora imagine ter que lá dormir... não é, com o ambiente todo daquilo. E isto é para, as pessoas não conseguem compreender, não conseguem, as pessoas de cá agora não conseguem compreender, não é, portanto.”*
 - (E6) *“Olhe... Quando, quando ao longo destes anos todos, iam assim: elefante da África em Moçambique. E diz assim: “Mi, estiveste na guerra?” Sim. “Tiveste na guerra? Sim, tive. “Que idade tinhas?” Tinha 20, éramos uns chavalos, uns putos. “Ah e então...?” Ohhhh pá nem me fales nisso, estava aqui o ano inteiro, e não te contava nada.”*
 - *“Não, porque não passaram.”... “Imagine... Alguém diz assim “Eu nunca me esqueço que passei fome. Eu nunca me esqueço que os meus pais me batiam muito, muito, muito e me prendiam num quarto.”*
 - (E7) *“E foi a ADFA, foi os, digamos, a terapia de paz entre todos nós que nos força uns aos outros para lutarmos por nós próprios e conseguirmos que a legislação reconhecesse os nossos direitos à indemnização, à reabilitação. Isso tudo. Foi à volta depois da ADFA. A ADFA foi o nosso porto de abrigo construído por nós e para nós.”*
-

4.5. Temática Cinco: A Retrospectiva 50 Anos Após o Fim da Guerra.

Technik

- (E1) *“...esta situação da guerra da Ucrânia, e agora mais recentemente da faixa de Gaza de Israel... veio mexer muito comigo na altura.”... “E eu quando estou a ver a televisão, e é com frequência que eles passa na televisão... imagens de guerra. E eu das duas uma: levanto-me logo e vou dar uma volta, ou então desligo a televisão ou mudo de canal.”... “E evitar, ver o menos possível daquela cena, mas acabo por... acabo por ver cenas... mesmo sem querer, praticamente porque se a pessoa está a ver um programa*
-

qualquer e de repente caem aquelas cenas, um indivíduo acaba por...Embora reduza, mas não a 100%, é mas evito de ver aquelas cenas porque... lá está, vem logo á baila.”

- *”Embora eles agora com uma situação totalmente diferente, né? Eles utilizam armas que na altura não existiam, nós não tínhamos, não tínhamos armas como eles têm agora. Meios que são capazes de estar aqui e estar a atingir lá Almada ou coisa assim do género, não é? A nós nessa altura não era o morteiro 80- o maior- que era para distâncias maiores, escondíamos para algumas operações mais delicadas.”*
- *“Isso, cresceu, e muito. As armas então, é uma coisa brutal. Levávamos o 60 que era um modelo mais pequeno e mais fácil de transportar, as granadas mais pequenas para um indivíduo não ir muito carregado para a mata. Umas bujardas daquelas, e a Bazooka, essa também fazia o efeito frande, a bazooka é uma arma relativamente leve porque é um tubo que tianha não-sei..quê mais, mas um indivíduo mete lá a munição, e aquela porcaria onde bate faz um estrago do caramba, pá. E então era sobretudo a bazooka, os morteiros, o 60 e o 80 e eram as G3 (fuzil)...gastavam muito e além dessas, também tínhamos armas automáticas que eram poucas as que haviam, mas havia numa secção sempre 2-3 elementos com armas dessas mais sofisticadas para, no caso de aquelas que tinham lá a... “o pente”, a corrente né, e aquilo “ Tá Tá Tá Tá Tá Tá” e aquilo vai, à medida que dispara, a corrente vai passando e... faz o efeito.”*
- *(E3) “Agora, é claro, agora até se fala muito nessa coisa da guerra. A televisão, é o que nos mostra todo dia, da guerra. Aí eu fujo fujo, aí eu fujo.Existem, e continuam a existir.”*
- *“Mas olha, por falar nisso, é todos os dias- a matarem as pessoas...Como eu já disse ao senhor doutor, isto é outra guerra, é outra guerra. Nós vivemos sem nos apercebermos, mas eu apercebi-me disso, é outra guerra.”*
- *(E4) “Eu fui procurar dentro... recolher mais informação, eu gosto de história, pronto. E eu cheguei à conclusão de que...eu, o meu tempo, tive essa situação mas para trás-para trás, se eu for procurar no mundo, praticamente pode-se dizer que-não nos mesmos sítios geográficos, mas aqui ali acolá, passando o tempo- que houve sempre... esta animosidade...relacionada períodos de carência.”*
- *(E5) “É como agora, com os Estados Unidos, com pessoas que estão a fazer, estão a fazer manifestações a favor de Israel, pá. Então se não estão de acordo com a invasão de Gaza, passam logo a ser anti-semitas? Não pode ser assim. Era como as pessoas cá, que não eram... a seguir ao 25 de*

Abril, não sei quê, “És fascista” e pronto, quer dizer, é pá, tá perceber a ideia?”

- *“Um bocado de desânimo na humanidade, é pá, as pessoas são piores que os animais. É um conceito que eu tenho, e vê-se que está a acontecer no mundo. Os horrores que acontecem por todo lado, pá.”...”O que eu vejo à minha volta- e ainda agora vi na televisão o outro, não sei quê, matou quem, o outro matou a mulher, o outro matou sobrinho pá, o outro deu 2 facadas, 3 facadas, 5 facadas pá, a guerra é o que se vê, é uma coisa horrorosa, pá, imagine o que é que aquela gente da Palestina e da Ucrânia está a sofrer, e foram os outros todos, pronto.”*
- *(E6) “Não estou contra este, nem contra aquele outro. Só sei que nunca serei a favor das guerras, na minha vida. E como agora existem guerras, eu peço tanto, tanto, tanto, tanto ao Santo Papa Francisco e às entidades que mandam, que têm poder que chega a um ponto quase que acredito que nem têm poder nenhum, nem o Guterres, nem o Joe Biden, Presidente da América, nem o Presidente francês, nem o Presidente português, nem o Papa Francisco, nem ninguém mandam, mas a guerra é horrível.”*
- *“Vou, para ver como é que atualmente ainda se consegue destruir cidades. Mas não só isso... Matar crianças, matar mulheres grávidas, homens que nunca fizeram mal a ninguém, não têm nada a ver com os terroristas, não têm nada a ver com a política, não têm nada a ver com o Hamas. Não tem nada a ver com a guerra na... Com esse Putin.”*
- *“É quase tudo muito igual.”...É uma repetição, simplesmente eles estão mais armados. Estão mais... A tecnologia está mais avançada. Nós tínhamos as G3, tínhamos alguns morteiros, algumas granadas, tínhamos sempre, sempre aqui, sentidas na cintura e tínhamos uma bazuca, tínhamos as G3. E hoje eles têm tudo teleguiado, telecomandado, eles hoje têm tudo muito, muito, muito mais.”...Para a mesma tarefa: ou matas ou morres.”*

Reflexão sobre a experiência da guerra no trajeto de vida

- *(E1) “O ideal era não ter acontecido...isso seria o ideal, não é? Mas uma vez que aconteceu e a situação era como era, eu penso que da parte que me toca, não havia outra hipótese, senão ter que enfrentar o perigo. Eu sei que houve pessoas que foram refratários da tropa, iam para a França, sobretudo para França e outros países. Eu ainda cheguei a admitir essa hipótese também, mas...(suspira fundo pensativo) havia aquela coisa de “ Então mas, afinal somos compatriotas, ou nas horas difíceis voltamos as costas ao perigo?”*
 - *“Tento evitar isso, e a prova disso depois comecei a tomar*
-

medicação e a coisa atenuou, tá a ver? A medicação para mim foi o ideal, quer para dormir, quer para não estar a sempre... a pensar no assunto. Sendo aí, foi 5 estrelas.”

- *“A dose era forte- ou é forte- e portanto mexia comigo. Mas pronto, por um lado foi bom porque...fez com que eu passasse a dormir embora acordasse de manhã com aquela moleza no corpo, e aquela sonolência, todo partido e não-sei-quê” ...”Mas eram os medicamentos, já não era o pensamento da noite, que estava ali a bater...”*
- *“Eu, mesmo com medicação, não quer dizer que não pense no assunto, mas muito menos. E tento levar a coisa de uma outra maneira. Encarar a situação de outra maneira, por isso é que a medicação... agora já nem tanto, mas já ando 5 anos nisto, 5 anos e tal a tomar medicação nesse sentido.”*
- *(E2) “É curioso, fico assim...Porque não ter contado isso há mais tempo, não é, estas coisas estão aqui guardadas para quê? Isto parece que é um “arquivo morto”... Está aqui a ocupar espaço, não é?... E assim, parece que olhe... missão cumprida. Parece que é assim, é um bocado estranho, mas está a ver a ideia? É que já são passados muitos anos depois de tudo ter acontecido.”*
- *(E3) “Uh, de maneira diferente, maneira diferente. Quando fui para lá, era tudo, rosas, era tudo lindo. E depois, quando vim de lá e as coisas já eram diferentes, as coisas eram diferentes e...”*
- *(E4) “Eu tenho a noção de que, eu costumo pôr a coisa assim, não se-nunca se despe para farda da guerra. Ela está sempre vestida. E isso para mim afetou ... a minha forma de estar no depois... no depois. Ou seja, a pessoa vai à guerra, está lá 4 anos, e quando regressa não..., ela não, não está em paz. É- é uma força que está implantada, mas que não se sabe...as razões são a guerra, agora não se sabe quando é que despoleta. Não se sabe como é que se reage. E isso faz um bocado de medo. Deixa a pessoa... ”inquieta”. Não-não, não está em paz consigo próprio, e esse é um fator que é o pós, o pós-guerra. E não é uma coisa voluntária, ou seja uma pessoa pede para que seja assim? Não, a coisa está lá e desenvolve-se e a pessoa tem que... depois... resolver a situação de maneira a... voltar a... uma...situação pacífica.”*
- *“É daqueles assuntos de outra-que... trazem-me essas esta-esta...os “Slides e as fotografias” que eu tenho. Os “vídeos” que uma pessoa tem, aquilo está tudo compactado. Inclusivamente tenho, digamos, um arquivozito, pá, aonde eu ponho as coisas todas pa guerra, pá, lá metidas dentro, pá. Mas nunca consulto, nunca lá vou, só ponho lá para dentro-(ri) .Eu a mim-não tinha*

interesse nenhum em ir procurar assuntos que eu pudesse ficar... que pudesse ficar mal. E...quando eu normalmente penso, não falo, não falo, não... não comento estas situações. Mas eu penso que é o facto de eu ter passado por elas, que me deixaram resíduos dos quais que eu ainda sofro, mas não sei como é que hei de fazer para... para parar... esta máquina.”

- *“Na vida não é sempre tudo bom, há também partes que uma pessoa não quer, mas por vezes passa e elas são várias. Esta situação de-de confronto militar, é pá, é uma delas em que... É como eu digo, teve princípio, meio e fim, e eu agarrei nessa cassete, e guardei-a. Tá lá, de vez em quando...penso, vêm-me à cabeça determinadas situações.”*
- *“Continuo a dizer, não sou negacionista, mas parto do do negativo. Muitas vezes, para observar alguma coisa, em que ponho a lógica nesta ordem: “Se for mau, já estava à espera. Se for bom, eu fico muito contente.” Está a ver? (ri) e é que- agarrei-me nas duas e- eu gosto de procurar padrões de maneira que me beneficiem, e esse é um deles.”*
- *“Só que, de uma situação para outra situação, eu cheguei à conclusão que é a natureza humana. Que é, para mim é, é como se fosse a natureza humana para mim é como se fosse uma parede, que eu estou à frente dela e é me difícil ultrapassar essa situação. Porque aquilo que eu chamo “a natureza humana” quer tem de bom, como tem de mau. E nós, as pessoas muitas vezes não escolhem uma ou outra, as coisas implantam-se e a pessoa depois tem é que gerir as circunstâncias dessa situação, quem goste quer não goste.”*
- *(E5) “E estragou minha vida, primeiro porque estive lá 2 anos da minha vida pá, e que não continuei a estudar. Quando vim para cá, a vida era diferente. “*
- *“Pronto, e depois deu-me cabo da vida toda, pá”*
- *“Caos completo,é, é um caos pá, o Homem não presta. (tom trémulo) E foi pelo Homem não prestar é que eu tive que ir para a África.... pelo Homem não prestar...”*
- *(E6) “Parece que ainda não saí da guerra.”...”Reativo, parece que ainda não saí da guerra, o que é isto?”*
- *“É algo destruidor. Destruidor.”*
- *“Muito. Então falo da minha vida. A minha vida, a minha vida foi a guerra. E não há nenhum cidadão que tivesse feito uma guerra que não se lembre da guerra que venha em vários momentos da nossa vida ou vários dias ou várias semanas que não venha momentos daqueles.”*
- *(E7) “Eu hoje o trauma maior que eu tenho é da própria*

deficiência.”...”Essa própria deficiência, porque eu queria, podia ter feito, tido, podia ter conseguido-”...”Ter conseguido maior, maior, maior, maior independência e não consegui.E isso é o maior trauma. É porque há momentos para se fazer tudo na vida, há momentos para fazer isso e acho que há momentos que não aproveitei bem, mas pronto. Mas sou capaz hoje de analisar de cima para baixo.”

- *“Depois tentei, até agora viver o melhor possível, mas com consciência de que algo se perdeu que nunca mais consegui recuperar.”*

Fontes de Significado Atual

- *(E1) “Tou bom, estou bem... e só espero ter saúde para para continuar a andar cá mais uns anos. Para poder (começa a se emocionar) cá ver os meus netos a ser homens, pá. O mais velho tem 14 anos, um outro já fez 13 ontem- anteontem, no dia 5... e além deste 2 tenho mais 4. Portanto tenho 6 netos., tenho 2 filhas, felizmente licenciaram-se, têm a sua vida organizada, os maridos a mesma coisa, e de maneira que... sinto-me uma pessoa feliz.”*
 - *“Tenho 75 anos dentro de 1 mês e pico vou, se lá chegar, vou fazer 76 anos. E agora tenho que pensar em viver o dia-a-dia da melhor maneira...E não entrar em barafundas, porque corro risco de estar a inverter a situação, não é? Portanto, tentar viver o dia-a-dia da melhor maneira possível um dia atrás do outro, e “deixem-me em paz e sossego.”*
 - *“Aproveitar a vida da melhor maneira possível dentro dos limites, não entrar em barafundas...Não arranjar conflitos com ninguém, ninguém entra em conflito comigo, “ter boa vizinhança”... e ficamos por aqui.”*
 - *(E2) “Então agora os meus filhos, portanto, a família. E estou a pensar-não, a atender aí para para a aldeia da minha mulher. É originária de lá ao pé da Sertã. Lá um bocadinho de terreno, lá, umas arvorezinhas que tem, umas oliveirazitas. E entretenho-me lá com isso... E esquecer o resto, ter sossego- encontrar um bocado de sossego. Olhe, eu acabo por gostar daquilo, estou lá entretido, olha, pronto, não interessa mais nada.”*
 - *(E3) “Deixar de trabalhar para mim é o meu fim. Quando eu deixar de trabalhar, eu duro pouco tempo...é.”*
 - *“O que eu sinto que faz, sinto que dá-me prazer, dá-me gozo, ver coisas que eu nunca fiz nem pensei fazer e hoje faço, quase com 80 anos. E dia que eu não faça nada, chego infeliz à noite, e a minha ideia acusa-me de que não fiz nada.”...”Dá muito sentido à vida, o trabalho, para mim. Dá muito sentido, faz sentido, recrio-me. Não sou*
-

homem de, de... quem optar por essa vida que leve, eu não.“

- *“Eu tenho uma idade já... que-que passei, e já vi tanta coisa na vida e tanta coisa boa e tanta coisa má... Mas do melhor que eu vi, quase com 80 anos, é a saúde. É a maior riqueza que nós temos, é a saúde... senhor doutor. Senhor doutor, se tiver saúde, em qualquer lado tem trabalho, em qualquer lado sobrevive...”*
- *“Saúde e trabalho, são essas 2 coisas, que é saúde e trabalho. É isso porque eu luto, é isso porque eu ainda hoje me...me rejo- me rijo, me vou reger. É pela saúde e pelo trabalho. É por isso que eu estou aqui, pela minha saúde.”*
- *(E4) “Agora tenho os netos(ri). Agora tenho os netos, os netos dão-me muita, muita alegria. E felizmente estou casado, casado e a viver juntos, mas já lá vão 40 anos.”*
- *“E eu aprendi a... ter que ir buscar. Porque elas estão lá, é só apanhar as coisas boas da vida e as coisas boas da vida é exatamente uma vida pacata.”*
- *“E a rotina, que é extremamente chata quando uma pessoa está-é nova e querem novidades e quer experimentações e quer...- Aquela bolinha, não aquilo, “eu já sei que é às tantas, eu estou a fazer isto, às tantas estou a fazer aquilo” que é uma chatice, mas que para mim resulta perfeitamente. Resulta, dá-me... dá-me segurança, dá-me segurança...A rotina, que eu dantes odiava, agora é a minha companheira (ri). Mas...são... Os meus dias praticamente um é igual ao outro, mas eu não me importo nada, porque não vejo... não procuro... grandes coisas. Eu não procuro grandes coisas, eu para mim eu satisfaço-me com pouco. E então, sei lá, uma boa música, um tempo calmo, para uma pessoa... Usufruir das pequenas coisas, das pequenas coisas. Pá isso-isso. É nessa área que eu ando agora.”*
- *(E5) “A mulher, filhos e netos, mais nada... enquanto-enquanto me sentir útil, porque se calhar quando-quando os meus netos já forem mais crescidos, pá, tiverem a vida própria, o sentido da minha vida é nenhum...”*
- *“Durante muitos anos não, durante muitos anos não. Mas hoje em dia é... a humanidade, o preocupar-me com o ser humano, o preocupar-me com os animais, preocupar-me com os gatinhos, com os cãesinhos, os patinhos, com os pombinhos.”...”O “cuidar de”, e é muito curioso que eu tenho ao pé de mim, mora assim a 100 metros de mim, um antigo, que também esteve na Guiné na mesma altura que eu, que era dos comandos esteve lá “no duro, bem duro”. E ele está-lhe exatamente a acontecer a mesma coisa, estamos a dar mais valor...é pá aos cavalinhos, aos*

cãezinhos, e aos pombinhos pá, que estão cá com tanto direito como nós, do que propriamente às pessoas (Tom trémulo), pá, do que propriamente às pessoas...”

- *(E6) “Eu vou meia-noite e meia vou me deitar e encosto me fecho os olhos, rezo sempre. Rezo, peço a nossa Senhora, aos santinhos, para me descansar mais uma noite. E enquanto cá andarmos e vivermos o melhor possível.”*
- *“O que eu sinto agora é ...Eu estou a chegar ao fim da minha vida. Nunca se sabe quando mas estou a chegar e só quero um dia de cada vez e viver o melhor possível.”*
- *“Viver, aproveitar o momento. Esquecer o passado, porque já não nos dá nada e já não nos dá nada ao passado. Eu, o que me interessa a mim viver da História, a história a mim já não me dá nada.”*
- *(E7) “Eu sou pelos direitos humanos e para mim o ser humano, seja qual for a sua cor, a sua cultura é um ser-um ser humano que tem direito à felicidade, a ser feliz e a ser LIVRE. A liberdade para mim é um diamante que nós temos que cuidar muito bem.”...”Porque, digamos, se não tivesse encontrado, se calhar hoje não era capaz de pronto, não ter esta postura de mas tenho.”*
- *“O que eu dou importância hoje é, como disse, é a liberdade de viver em sociedades democráticas, liberdade das pessoas. Isso é fundamental para mim defender a liberdade, os direitos humanos, e ao mesmo tempo passar isto para os meus, para a para a minha família, para os meus netos.”*

Consolidação Óptica

- *(E1) “Ainda hoje, tenho alunos licenciados em engenharia, doutorados nesta área e naquela, e de quando em vez trocamos(descreve com alegria) “É pá, ainda tá aí?” “Ainda tou cá, pa, ainda tou cá”. E inclusivamente já temos isso, normalmente pelo natal ou antes do natal, vamos fazer um almoço de fim de ano e não-sei-quê, com os alunos que passaram por lá na altura que lá estive.”... “É pá, e eu dizia muitas vezes aos mais crescidos, em especial, dizia-lhes esta frase: A vida é como um automobilista na estrada, a conduzir, há regras... a vida tem regras, pá.”...”Um indivíduo que anda a conduzir numa estrada, e não cumpre as regras, quando menos conta ou está a ser batido, ou bate, ou é “abatido”.*
 - *(E3) “Muito, muito li-então eu tenho lá, tenho lá, eu fiz um museu, tenho lá um museu de coisas que tenho da guerra. Até tenho lá as cervejas “Nocal” e tudo, tenho lá o museu, tenho a bandeira portuguesa, tenho...tenho coisas, tenho fotografias minhas de lá tirei lá. É assim uma casinha, assim vá do tamanho desta divisão. Fiz tudo, tudo feito por mim, mandei fazer outras coisas, fotografias assim que*
-

mandei ampliar e tenho lá o louvor que o meu capitão me deu, tenho lá na parede. É pá é assim, ó senhor doutor, tenho um bocado de orgulho, digamos assim. Eu tive orgulho e orgulho-

- (E2) *“Eh pá eu, sabe que é um, é um alívio, parece que é “passar a bola”. É um alívio muito grande.”*
- (E7) *“Falo, falo, abertamente. Então eu vou às escolas e falo da guerra para os alunos. Falo abertamente, tudo. Essa partilha é das coisas que me dá mais felicidade. Dá-me até um orgulho próprio, eu poder falar com os jovens, de uma realidade deste país, ”...”as pessoas procuram meter os momentos da história-os momentos menos felizes debaixo do tapete. Nós não podemos meter debaixo do tapete as coisas nem as coisas da nossa vida, nem as coisas do país.”*

“Para nos libertarmos desses traumas e quando eu vou à escola e falo dos alunos e sei que os alunos depois, entram a fazer perguntas, eu sinto uma satisfação enorme.”

“Isso é fundamental que as novas gerações incorporem estes valores, que neste momento estão a ser colocados outra vez em causa a nível global. Neste momento estamos passar uma fase muito difícil, ao nível da sociedade humana. Está-se neste momento a ter uma tentação de voltar a regimes fechados, a regimes em que não há liberdade, em que não há direito de pensar, só quem pensa é quem tem o capital, o dinheiro, quem tem o dinheiro, é que pensa os outros, não pensam.”

- *“Para a família, para os netos e para as pessoas que conversam comigo. Eu passei sempre estes valores. O valor. E depois também o valor da serenidade. A gente encontrar um patamar de serenidade.”*

*Reencontro com o
“Ser-para-a-Morte”*

- (E1) *“Entretanto os pais faleceram, dois irmãos também faleceram... e a família começa a ficar mais reduzida, e o individuo começa a relaxar-se. Depois os filhos aqui crescem, e os netos aparecem... e depois um individuo diz assim “Vou para a aldeia fazer o quê, então vou deixar aqui os meus filhos e os meus netos?” Não dá, então...porque os pais vão-se embora, os irmãos mais velhos embora vão... é a tendência, não é? E portanto um individuo acaba por ficar isolado. Então aqui, junto dos filhos e dos netos, é o local apropriado...para mim, pessoalmente, para me sentir bem...”*
- (E2) *“É curioso porque eu fui- voltei a Angola em 2015”... ”nós vamos dar uma volta assim para o Norte de Angola e tal de jipe e não sei quê, num grupo. Queres ir connosco? Vamos lá passar parte perto da base onde estiveste.” E eu queria e não queria, estava assim numa*

de... “O que é que eu vou ver?”

- “Depois chegamos ao Negage, à base. Eles ficaram cá fora, eu apresentei-me assim o portão de armas.”
- “Fui ver o hangar onde eu estive, o hangar e depois a placa dos aviões, aquilo tudo. E depois não se ouvia nada, aquilo era um som- parece que eu estava num cemitério estava assim... Parece que se ouvia um zumbidozinho só... Aquilo tudo assim, e eu a ver aquilo tudo a imaginar como é que a malta ali andou e tudo.”
- “...eu inicialmente estava numa de “Vou-Não Vou” Sinceramente, por um lado, eh pá, estava nas duas. Tanto queria ir, como não queria ir compreende? Depois achei que era bom, talvez ir, porque eu não sabia que ia visitar a base.”...”Como disse...eh, nem bom, nem mau. Foi assim, pronto foi fazer “o luto”, digamos, uma “passagem.”
- “Eu muitas vezes pensei... em ir a Alcanena (lugar) lá ao cemitério, ver se lá estava a campa do rapaz, ou não sei quê. Mas eu depois começava a pensar- porque eu passo lá muitas vezes perto- “Depois tinha que andar a perguntar às pessoas se o conheciam, é pá falaram no assunto, família...” É pá custa-me, por outro lado, ir andar no cemitério, visitar as campas todas a saber...não sei, é pá...sim-não...não é pá. Penso que desisti disso.”
- “Bom, atualmente olho para o cemitério e não...não é pá, não penso nos corpos que só estão lá dentro, pronto...Olhe, a morte...o que é que eu hei de dizer, quanto tiver que acontecer, acontece. E não vale a pena a pessoa pensar muito nisso. O que é importante é que as pessoas, se morrem, que não seja com sofrimento. Se bem que depois morrerem, já não já não sofre mais. Mas essa transição, não é, essa fase de sofrimento, se pudesse ser evitada, era muito bom, mas... olhe, não sei. Mas acho que não tenho assim agora, não sinto assim tanto medo da morte, ou seja, a será mais aquele aquela imagem que nós vemos às vezes num filme, alguém todo vestido de negro com grande capuz, não sei quê (ri) Mas nada disso... não é? Pronto, mas não é coisa que fique muito indiferente, naturalmente, mas já há um bocado se já”
- (E3) “Mudou muito, mudou muito... eh... Eu... quando para lá fui, não pensava...em morrer... Pensava sempre em regressar, mas tinha noção de que podia morrer. E isso nunca mais saiu de mim. Agora venho, é a mesma coisa, sei que um dia- sei que um dia pá...todos temos que morrer um dia, nós temos que morrer, não é de um tiro, é de uma facada. Eu prefiro morrer de um tiro que de uma faca- com uma facada, mas pronto é assim.”
- (E5) “Aliás, este problema acaba daqui a 10 anos. Este

problema de...está tudo morto, porque está tudo velho. Quer dizer, este- este problema dos antigos combatentes, daqui a 10 anos, não existe.”...”É pá, sinto- eu sinto uma revolta muito grande contra, contra-contra o sistema,”

- *“Portanto, tenho direito à bandeira quando morrer, e tenho que requisitar a bandeira na Câmara Municipal? Veja bem, mas isso dá-me algum jeito, aquela bandeira? Agora-agora os nossos familiares iam pedir a bandeira nacional, a Câmara se calhar até nem tem lá bandeira nenhuma. Perfeitamente desapoiado.”*
- *(E6) “Sabe o que vai tapar tudo aqui, acabar? É a morte.”...”Quando a gente morrer acabou tudo. Enquanto cá andamos, se eu tivesse a sorte do nosso Estado, do Estado Português, do nosso governo, os nossos políticos... Todo o mundo fala, fala, fala, fala, mas até à data ainda não houve um político verdadeiramente político, humano, que fizesse uma retrospectiva, escrevesse isto, isto e isto, criasse um organismo que é esta associação, mas criasse outro mais profundo e que a todos que estejam ainda vivos, pá ou menos darem uma amêndoa, uma amêndoa doce. Dar-lhe um bolo doce. Olha, toma lá. Toma lá, desgraçado. Defendeste a nossa...Porque Portugal mandou-nos para lá! O que eu sinto agora é ...Eu estou a chegar ao fim da minha vida. Nunca se sabe quando mas estou a chegar e só quero um dia de cada vez e viver o melhor possível.”*